



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

SAMUEL PABLO COSTA DE ALMEIDA

**O ESPETÁCULO NÃO PODE PARAR: AS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DA
IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS DEMARCADAS ENTRE O DIABO E A
PROSPERIDADE NO TEMPO PRESENTE (2018-2023)**

RECIFE

2024

SAMUEL PABLO COSTA DE ALMEIDA

**O ESPETÁCULO NÃO PODE PARAR: AS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DA
IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS DEMARCADAS ENTRE O DIABO E A
PROSPERIDADE NO TEMPO PRESENTE (2018-2023)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em História da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do
título de Mestre em História.

Área de Concentração: Sociedades, Culturas e Poderes

Orientador: Paulo Julião da Silva

RECIFE

2024

Catálogo na Fonte
Bibliotecário: Rodrigo Leopoldino Cavalcanti I, CRB4-1855

A447e Almeida, Samuel Pablo Costa de.
O espetáculo não pode parar : as construções discursivas da Igreja Universal do Reino de Deus demarcadas entre o diabo e a prosperidade no tempo presente (2018-2023) / Samuel Pablo Costa de Almeida. – 2024.
165 f. : il. ; tab. ; 30 cm.

Orientador : Paulo Julião da Silva.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2024.

Inclui referências e anexo.

1. História. 2. Transpentecostalismo. 3. Precariedade. 4. Neoliberalismo. 5. Demonização. I. Silva, Paulo Julião da (Orientador). II. Título.

981 CDD (22.ed.) UFPE (BCFCH2024-059)

SAMUEL PABLO COSTA DE ALMEIDA

**O ESPETÁCULO NÃO PODE PARAR: AS CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS DA
IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS DEMARCADAS ENTRE O DIABO E A
PROSPERIDADE NO TEMPO PRESENTE (2018-2023)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História. Área de concentração: Sociedades, Culturas e Poderes.

Aprovado em: 16/02/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dr. Paulo Julião da Silva (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Dra. Karla Regina Macena Pereira Patriota (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Gustavo Gilson Sousa de Oliveira (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Carlos André Silva de Moura (Examinador Externo)
Universidade de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

A priori, ressalto que não foi fácil chegar até o momento no qual foi possível materializar esta pesquisa científica, mas tive o necessário apoio de muitas pessoas. Por essa razão, são muitos os agradecimentos.

Ao meu orientador, Paulo Julião, pelo acolhimento, paciência e empenho para endossar a investigação que me propus a realizar. Tenho imensa gratidão não apenas por ter norteado a pesquisa, mas me incentivado a dar continuidade aos estudos acadêmicos ao final da graduação e a realizar concursos públicos, o que foi essencial para minha aprovação na seleção do mestrado e para que eu me tornasse servidor público.

À Karla Patriota, que foi minha orientadora durante a graduação. É uma pessoa que eu tenho grande admiração e carinho, pelo direcionamento e inserção no universo desta pesquisa ainda no início do curso de História.

À minha mãe, Sandra Rocha, ao meu pai, Edson Rocha, e a minha irmã, Yasmin Costa. Sem eles nada seria possível, são a minha fortaleza e motivação para seguir firme em minha caminhada.

Aos meus avós Gilzete Accioly, Lindete Rocha e José Iris por terem proporcionado carinho, conforto, amor e incentivo. Foi através desses mais profundos sentimentos que consegui ir cada vez mais longe.

Às minhas tias Edilza Accioly e Márcia Chaves e ao meu primo Rodolfo Neves que sempre me ofereceram suporte em todas as etapas da minha trajetória acadêmica e pessoal, sendo essenciais para todas as conquistas.

Aos meus tios Gerson, Edvaldo e Edilson Accioly que contribuíram, direta e/ou indiretamente, ao longo do meu percurso na graduação e do meu exercício da docência.

À minha querida amiga Sylvana Santos pelo apoio, carinho e inserção no universo acadêmico, foi com quem aprendi grande parte do que sei sobre metodologia científica.

À Vanice Selva pelo carinho e por ter sido mais que uma tutora durante a minha graduação, corroborando para a construção da base que tenho hoje. Todo incentivo durante os eventos e as atenciosas correções dos trabalhos me fizeram desenvolver academicamente.

À Sunamita Rodrigues pelo incentivo de sempre e por ter me oportunizado a participação em um evento internacional, quando pude sair do país pela primeira vez.

À Lorena Santiago pelo apoio, incentivo, compreensão e carinho incondicional durante o meu percurso na escrita desta dissertação.

Aos meus amigos Davi Patriota e Elifas Levi, os quais foram imprescindíveis em minha caminhada, pelo apoio e companheirismo em todas as adversidades. Fazer parte da vida deles é renovador e me estimula a continuar.

À Luana Cândido pelo incentivo e pela torcida em todas as minhas conquistas intelectuais e pessoais.

À Wilma Freire, Suzana Cavalcante, Emanuelle Estevão, Lara Souto, Liliane Ribeiro, Taynah Garcia, Vinícius de Almeida, Pedro de Oliveira, Carlos Eduardo e todos os meus colegas e amigos da EMTI Vereador Alberto Gomes de Queiroz pelo apoio e incentivo durante a elaboração desta pesquisa.

Aos meus amigos(as) Paula Vieira, Olívia Oliveira, Gladyson Paulo, Jennifer Silva, Salatiele Letícia, Marcela D'Henj, Matheus Roberto, Asheley Oliver e Pedro Ivo por serem o meu porto seguro. A amizade é, seguramente, o que fortalece e possibilita alçar voos. Agradeço muito pelos melhores conselhos que alguém poderia receber, foram eles que me fizeram perceber as melhores direções a serem percorridas.

Aos meus alunos, que são a razão de tudo isso, pelo carinho e pela condição de perceber a vitalidade ao perseverar rumo a melhor qualificação possível.

A todos os professores, demais funcionários e estudantes da UFPE, bem como a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta dissertação de mestrado, dando-me encorajamento e apoio necessários para a conclusão deste trabalho.

“Meu enleio vem de que um tapete é feito de tantos fios que não posso me resignar a seguir um fio só; meu enredamento vem de que uma história é feita de muitas histórias. E nem todas posso contar” (LISPECTOR, 2016, p. 149).

RESUMO

A História Cultural das Religiões defende uma abordagem que historicize conceitos, credos, ritos, instituições e todos as representações ou símbolos religiosos, os quais são considerados como produções humanas. É partindo desta perspectiva que este trabalho se insere, objetivando discutir acerca das construções discursivas da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil, analisando os aspectos que giram em torno da figura do Diabo e das noções de prosperidade no tempo presente, especificamente entre 2018 e 2023. Para atingir as finalidades propostas, *a priori*, foi realizada uma revisão de literatura a partir de livros e artigos científicos já publicados sobre o assunto. Posteriormente, essas abordagens foram confrontadas com os dados obtidos por meio de uma imersão etnográfica nas agências religiosas e com as respostas das entrevistas realizadas com fiéis. Ademais, foram utilizados matérias de jornais e vídeos publicados nas redes sociais da Igreja com o fito de fazer uma análise da atuação da imprensa e dos testemunhos religiosos veiculados nas mídias. A partir disso, foi possível concluir que as lógicas desse consumo religioso são amparadas pelo contexto histórico vigente do neoliberalismo e neoconservadorismo. Por fim, há a demonização de comportamentos, crenças e experiências, ao passo que se educa o fiel por meio dos testemunhos religiosos.

Palavras-chave: transpentecostalismo; precariedade; neoliberalismo; demonização.

ABSTRACT

The Cultural History of Religions defends an approach that historicizes concepts, creeds, rites, institutions and all religious representations or symbols, which are considered as human productions. It is from this perspective that this work is inserted, aiming to discuss the discursive constructions of the Universal Church of the Kingdom of God in Brazil, analyzing the aspects that revolve around the figure of the Devil and the notions of prosperity in the present time, specifically between 2018 and 2023. To achieve the proposed purposes, a priori, a literature review was carried out based on books and scientific articles already published on the subject. Subsequently, these approaches were compared with data obtained through ethnographic immersion in religious agencies and with responses from interviews carried out with believers. Furthermore, newspaper articles and videos published on the Church's social networks were used with the aim of analyzing the performance of the press and religious testimonies published in the media. From this, it was possible to conclude that the logic of this religious consumption is supported by the current historical context of neoliberalism and neoconservatism. Finally, there is the demonization of behaviors, beliefs and experiences, while the believer is educated through religious testimonies.

Keywords: transpentecostalism; precariousness; neoliberalism; demonization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Edir Macedo discursando para os fiéis enquanto o homem

112

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso
HCR	História Cultural das Religiões
HTP	História do Tempo Presente
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
TP	Teologia da Prosperidade

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	12
2	ETNOGRAFIA, DISCURSO E NEOPENTECOSTALISMO À LUZ DA HISTÓRIA CULTURAL DAS RELIGIÕES.....	25
2.1	A ETNOGRAFIA COMO IMERSÃO CULTURAL DO HISTORIADOR.....	26
2.2	AS DIVERSAS FACETAS DA ANÁLISE DO DISCURSO.....	30
2.3	O DISCURSO NAS RELIGIÕES NEOPENTECOSTAIS.....	37
2.4	HISTÓRIA CULTURAL DAS RELIGIÕES.....	41
3	ANÁLISE HISTÓRICA E CONCEITUAL DO TRANSPENTECOSTALISMO.....	52
3.1	A PROMESSA DE PROSPERIDADE.....	55
3.2	HISTÓRIAS DE VIDAS INSPIRADORAS.....	59
3.3	A PERSONIFICAÇÃO DO DIABO.....	67
4	SATANÁS ESTÁ DERROTADO: UMA IMERSÃO ETNOGRÁFICA NA IURD.....	75
4.2	A PERCEPÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA RELIGIOSA À LUZ DA ETNOGRAFIA.....	82
4.2.1	Pesquisa Etnográfica Realizada em Recife - Pernambuco.....	83
4.2.2	Etnografia Realizada em São Raimundo Nonato - Piauí.....	90
4.2.3	Etnografia Realizada em Fortaleza - Ceará.....	97
4.3	O DISCURSO RELIGIOSO NO GOVERNO BOLSONARO.....	101
5	A RELIGIÃO DO ESPETÁCULO E A VISÃO DO FIEL SOBRE A IGREJA.....	109
5.1	A MUDIATIZAÇÃO DO ESPETÁCULO.....	109
5.2	A INSPIRAÇÃO DAS VIDAS EXEMPLARES À LUZ DA PRECARIIDADE E DO ESPÍRITO EMPREENDEDOR.....	118
5.3	TESTEMUNHO, DIABO E PROSPERIDADE NA PERSPECTIVA DO FIEL.....	126
5.3.1	A Perspectiva do Fiel a Partir das Entrevistas.....	127
5.3.2	Análise dos Testemunhos Veiculados nas Mídias.....	133
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	138
	REFERÊNCIAS.....	145
	ANEXO A - DIÁRIO DE CAMPO.....	158

1 INTRODUÇÃO

A religião tem sido parte integrante da História e da cultura humana, moldando as sociedades e influenciando os indivíduos por milhares de anos. O estudo da religião passou por inúmeras modificações ao longo do tempo, desde as primeiras abordagens antropológicas, históricas e sociológicas até perspectivas interdisciplinares mais contemporâneas. Nesse sentido, objetiva-se neste trabalho discutir acerca das construções discursivas da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil, analisando os aspectos que giram em torno da figura do Diabo e das noções de prosperidade, entre 2018 e 2023.

O marco inicial pode ser justificado pelo registro das perspectivas políticas e econômicas dessas Igrejas no Brasil em consonância com a política econômica neoliberal durante o governo Bolsonaro. Por outro lado, o debate foi finalizado no ano de 2023, quando foi realizada uma imersão etnográfica nas agências religiosas neopentecostais das cidades de Fortaleza - CE, Recife - PE e São Raimundo Nonato - PI. Nos últimos anos, o neopentecostalismo emergiu como um movimento religioso significativo, particularmente no Brasil, e tem sido objeto de muitas pesquisas e debates acadêmicos. Nesse contexto, é importante ressaltar as características do transpentecostalismo, bem como sua relação com outras tradições religiosas e seu impacto na sociedade.

A substituição da consolidada terminologia “neopentecostalismo” na literatura sobre o assunto se deu em virtude de uma maneira de enxergar o movimento. O prefixo “neo” sugere algo novo no âmbito pentecostal. Contudo, parte-se da premissa que - na realidade - é um processo de continuidade dentro do pentecostalismo, no qual está constantemente em transformação e não se caracteriza mais como nova a vertente religiosa a qual seus alicerces surgiram na década de 1970. Por essa razão, optou-se por utilizar o termo “transpentecostalismo”, a fim de demarcar a noção de resignificação proposta para o movimento religioso pesquisado.

Partindo da definição de Mendonça (2012), podem ser caracterizadas como religiões protestantes aquelas originadas a partir da Reforma do século XVI ou que seguem os preceitos basilares desse movimento, pautado na leitura direta e pessoal

da Bíblia, na ética racional do trabalho e na moral burguesa vitoriana¹. A Igreja Universal do Reino de Deus, apesar de alicerçada nesses princípios, possui singularidades que devem ser levadas em consideração na análise. Essas características demandam a diversificação das estratégias de pesquisa, a fim de conseguir construir um olhar multifacetado sobre o objeto de pesquisa.

Para contemplar a análise proposta, o enfoque em parte do trabalho será dado aos testemunhos religiosos. Isso porque durante pesquisas anteriores acerca do tema foi possível perceber a relevância desses enunciados para essa vertente religiosa, sobretudo pela capacidade de persuasão dos fiéis. Por ser uma religião na qual a mídia é um dos principais meios de acesso aos religiosos, programas de televisão e redes sociais serão levados em consideração para análise desses discursos, bem como a observação participante nas agências religiosas, nas quais foi possível fazer análise dos testemunhos.

Conforme apontam Almeida e Patriota (2019), os testemunhos no âmbito das igrejas neopentecostais conferem o grau de credibilidade e narram experiências de sucesso dentro desses espaços, alicerçados na noção teológica de prosperidade material. Dessa forma, é imprescindível analisar esses discursos com o fito de compreender as dinâmicas do âmbito econômico brasileiro dentro da IURD, bem como as noções de verdade e de produção cultural realizadas nas agências religiosas.

Ademais, o recorte das pesquisas etnográficas na região nordeste do país pode possibilitar uma análise interpretativa sobre as particularidades de alguns discursos da Igreja nesse local, compreendendo que as dinâmicas culturais regionalista também estão alinhadas ao panorama nacional. A escolha parte de motivações da vida pessoal e profissional, uma vez que embora eu seja de Recife e tenha iniciado as pesquisas nessa cidade, mudei-me para Fortaleza onde pude dar continuidade. Já a imersão etnográfica em São Raimundo Nonato se deu durante uma viagem para conhecer a Serra da Capivara, quando me deparei com algumas dinâmicas pouco comuns nas cidades grandes, as quais me chamaram a atenção para permitir que pudesse conhecer a agência da IURD dessa cidade do Piauí.

¹ Trata-se de um conjunto de valores morais instituídos no reinado da Rainha Vitória, na Inglaterra, durante o século XIX. Foi marcada por normas rígidas, pela defesa da família mononuclear e heteronormativa, pela repressão sexual e tabus, assim como pela hierarquização social.

A questão essencial do problema desta pesquisa gira em torno da categorização dos enunciados proferidos nas igrejas neopentecostais, particularmente na Igreja Universal do Reino de Deus, os quais denotam ou inferem a associação à figura do Diabo por condutas, credos religiosos, pela ausência de contribuição financeira à instituição ou até mesmo em virtude de posições políticas. Por outro lado, a questão chave também vislumbra o entendimento da igreja como local de obtenção da prosperidade econômica com inteiro suporte testemunhal, no qual será trabalhado a partir de diferentes metodologias.

No entanto, é necessário partir do entendimento da religião enquanto produto humano e não divino. Todas as ideias, condutas e textos devem ser considerados como elementos mundanos produzidos culturalmente. Partindo dessa premissa, a condução teórica da pesquisa será realizada a partir da História Cultural das Religiões. A ideia desse campo historiográfico é historicizar o universo religioso, até mesmo identificando a concepção histórica na qual se compreende a própria palavra “religião”.

Segundo Bellotti (2004), a concepção de religião a partir da História Cultural pressupõe que o pesquisador não desqualifique determinadas crenças e sentidos religiosos em detrimento de outros, devendo interpretar a religião como fenômeno cultural amplo que ultrapassa as instituições. É dessa perspectiva de HCR que este trabalho se insere. A ideia não é julgar ou hierarquizar a IURD, mas analisar criticamente os elementos que compõem essa religião em meio a uma noção integradora entre discurso religioso e prática social.

Partindo desse entendimento, pretende-se dar um enfoque nas (re)produções da imagem simbólica do Diabo na Igreja Universal, ao passo que se trava uma batalha espiritual com a entidade, sempre associada a outros bens culturais. Nesse mesmo contexto, assim como pontuou Campos (1997), o mercado religioso da vertente neopentecostal é marcado pela mediatização e pelo marketing institucional. Dessa forma, os discursos que estimulam o fiel rumo à prosperidade e angariam pessoas à Igreja através da imagética criada pelas mídias também é essencial para compreender a dimensão comunicativa dessas agências religiosas.

O interesse pela problemática teve sua origem nas atividades que desempenhei como bolsista de Iniciação Científica do CNPq, entre 2018 e 2020, no âmbito da Universidade Federal de Pernambuco. Nessa ocasião, foi possível iniciar uma investigação acerca da “Genealogia do Consumo e das Práticas Religiosas

Neopentecostais Brasileiras". Posteriormente, a partir de materiais e análises suscitadas na Iniciação Científica, houve a oportunidade de aprofundar a reflexão inicialmente esboçada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Nesse sentido, esta pesquisa é fruto de questões que não foram possíveis trabalhar dentro das limitações da monografia e do Programa de Iniciação Científica. No entanto, para possibilitar o alcance dos objetivos e contemplar de modo preciso as análises, foi necessário delimitar o objeto de estudo e restringir os percursos, sobretudo em termos temporais e espaciais.

A escolha do recorte, dentre as igrejas neopentecostais, da Igreja Universal do Reino de Deus se deu em virtude das pesquisas de campo realizadas durante a Iniciação Científica na graduação, uma vez que as dinâmicas e ritos religiosos me chamaram mais a atenção. Ademais, outro fator levado em consideração foi a riqueza de documentos que podem ser utilizados para desenvolver a investigação na finalidade proposta. Já a delimitação temporal foi realizada a partir de uma série de indagações pessoais sobre o fortalecimento do neoliberalismo durante o governo Bolsonaro e a partir das notícias de ações da IURD e, em particular, de Edir Macedo durante esse período, demonstrando uma relação política na qual interferiu no universo religioso.

É válido salientar a participação histórica da IURD no universo político brasileiro. Desde a eleição de um deputado federal para a Assembleia Nacional Constituinte, em 1986, a Universal tem participado ativamente das eleições municipais, estaduais e federais, atuação na qual é sustentada pela estrutura eclesial carismática, pelas ações midiática e pela escolha de líderes iurdianos conhecidos pelos fiéis e vistos como "homens de Deus" (ORO, 2006). Desse modo, apesar de não ser um caso isolado, o imbricamento discursivo da Igreja com o que foi defendido por Bolsonaro aponta para a defesa de um projeto ideológico conservador e neoliberal.

Segundo Mariano e Gerardi (2020), com o lema "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", Bolsonaro se aproximou de lideranças evangélicas, dentre as quais pode-se destacar as representações da Igreja Universal que reforçaram das *fake news* que fomentaram o antipetismo, como foi o caso da divulgação de vídeos nas mídias da Igreja e na Rede Record de um suposto "kit gay"². Nesse contexto, o

² O "kit gay" foi um apelido dado ao projeto 'Escola sem homofobia', o qual tinha o objetivo de conscientizar os educadores e não as crianças, mas não chegou a ser colocado em prática. No

reforço discursivo iurdiano foi fundamental para a vitória de Jair Messias Bolsonaro nas eleições presidenciais de 2018, bem como para a manutenção das políticas adotadas pelo governo.

O governo de Bolsonaro foi marcado pelo neoliberalismo e neoconservadorismo, assim como pela crise de saúde pública em virtude da pandemia da COVID-19. Infelizmente, durante esse período, o chefe de Estado adotou discursos negacionistas e postura de negligência do grave quadro de mortos pelo vírus. O descrédito, a demora na aquisição das vacinas desenvolvidas e o estímulo ao uso de medicamentos comprovadamente ineficazes pelos órgãos científicos de saúde em escala global foram marcas da sua atuação como presidente.

Uma parte desta pesquisa foi dedicada a investigar a maneira na qual os discursos veiculados nos meios de comunicação oficiais da IURD e as falas dos pastores nas agências religiosas alinharam-se à postura do Governo Federal na pandemia. Foi realizada a defesa de remédios ineficazes e os fiéis foram estimulados a continuar indo aos cultos presenciais, ignorando as recomendações de isolamento social da Organização Mundial da Saúde (OMS). Isso tudo porque nessa sociedade na qual se insere a religião do espetáculo, os cultos religiosos não podem parar, mesmo que em situações adversas.

Além disso, é válido ressaltar que, durante o período de graduação em História, alguns assuntos fizeram com que eu tivesse um olhar diferenciado para essa religião, os quais acredito que vale mencionar para que se compreenda a dimensão e o contexto no qual surgiu o interesse pela pesquisa. O primeiro ponto que me causou um impacto foi perceber as origens recentes para a dimensão do crescimento da IURD. Uma igreja fundada em 1977 teve, rapidamente, um crescimento notável, chegando a inúmeras cidades do Brasil e do mundo. Essa expansão não foi apenas do ponto de vista das construções monumentais de igrejas ou no quantitativo de fiéis, houve a formação de uma projeção de influência no âmbito político.

Conforme aponta Cerqueira (2021), a Igreja Universal tem ocupado inúmeros espaços de representações políticas, tendo membros da cúpula da Igreja na

entanto, na época da campanha eleitoral de Fernando Haddad (PT), em 2018, houve a formulação de notícias falsas com o intuito de afirmar que a atuação política da “esquerda” pretendia ensinar as crianças a serem homoafetivas, a fim de fomentar a concepção conservadora da sociedade a repudiar o candidato e seu partido político, obtendo assim uma vantagem eleitoral.

coalizão principal do partido Republicanos e lideranças políticas, como é o caso de Marcelo Crivella, o qual já foi deputado, senador e ministro da pesca e aquicultura. Nesse sentido, os impactos da influência religiosa no universo político é evidenciado por uma participação que inevitavelmente parte de um lugar de fala demarcado na moral cristã, cuja peculiaridade se dá no reforço de uma ala conservadora e no alicerçamento dos princípios da teologia da prosperidade, nos quais são ancorados nas políticas neoliberais.

Compreende-se o neoliberalismo, neste trabalho, a partir da perspectiva defendida por Brown (2019), como um conceito que não é estático e abarca tanto a percepção neomarxista quanto a foucaultiana, uma vez que as instituições e políticas são importantes nessa conjuntura, mas também é necessário levar em consideração as bases que orquestram o imbricamento entre sociedade, Estado, sujeitos e os valores produzimos pela prática neoliberal. Nesse sentido, parte-se do princípio da capacidade de gerar uma visão moral conservadora, a qual é alimentada pelas práticas culturais, inclusive suscitadas a partir do consumo religioso.

Apesar do neoliberalismo ser comumente interpretado como um sistema socioeconômico no qual defende a mínima intervenção do Estado na economia, vai um pouco além disso. Uma vez entranhada nas instituições e nas práticas culturais, essa perspectiva econômica é responsável moldar pensamentos, produzir identidades e estabelecer estilos de vida. O contexto iurdiano é marcado pelo exercício da concepção neoliberal, alicerçada na Teologia da Prosperidade e nas políticas governamentais.

Ademais, as pesquisas realizadas na iniciação científica permitiram observar a imersão da IURD nas mídias sociais. Os conteúdos digitais tornaram-se um dos principais meios de propagação das ideias ligadas a essa vertente religiosa. Mesmo nos encontros físicos, há momentos que são exibidos testemunhos religiosos gravados em outros lugares e/ou ocasiões que demarcam narrativas pessoais importantes para a consolidação da teologia da prosperidade e de uma moral sustentada pela dicotomia entre Deus e o Diabo. Desse modo, o processo de midiatização da IURD é um campo fértil para esta investigação, sobretudo quando se constata a grande quantidade de canais de televisão que possui.

Segundo Martino (2012), as dimensões da mediação da fé se baseiam em três fundamentos essenciais: 1) emprego de formatos midiáticos nas atividades

institucionais; 2) aplicação de meios eletrônicos para sua disseminação; 3) definição da intersecção entre mediação e manifestação das crenças no contexto público. Nessa perspectiva, existe uma estrutura muito bem demarcada na Igreja Universal acerca dos meios de comunicação utilizados como estratégia para atrair fiéis com programas e cultos religiosos. Essa investida no panorama midiático ficou evidente desde que houve a aquisição da Rede Record de televisão por Edir Macedo, em 1989.

É válido salientar que o neopentecostalismo, vertente do protestantismo consolidada por líderes religiosos dos Estados Unidos na década de 1960 e estabelecida no final dos anos 1970, representa uma expressão religiosa peculiar fundamentada na cultura do consumo. Para uma compreensão mais aprofundada dessa força propulsora da modernidade nas instituições neopentecostais, é necessário explorar, a partir dos relatos religiosos, a 'Teologia da Prosperidade' e o caráter inspiracional na qual os enunciados se ancoram. Além disso, o objetivo é investigar como ocorre o processo educativo nessas igrejas de modo a ressignificar as dinâmicas e símbolos culturais dos indivíduos.

Portanto, esta análise parte da hipótese de que as construções discursivas e midiáticas da Igreja Universal do Reino de Deus, que se situa entre a teologia da prosperidade e a cultura da inspiração, reflete na criação de lógicas de consumo influenciadas por contextos históricos que estão em conformidade com as políticas neoliberais implementadas no final do século XX e reforçada em governos recentes. Além disso, uma das principais estratégias discursivas consiste em demonizar comportamentos, crenças e experiências, a fim de estabelecer uma visão dicotômica no fiel dentro do embate entre bem e mal. Por fim, parece existir um dinamismo pedagógico por meio dos testemunhos religiosos que se fundamenta na força discursiva respaldada por elementos nos quais reforçam a precariedade da existência.

Para contemplar esse universo de pesquisa multifacetado, será utilizada uma concepção ampliada de fontes históricas. Desse modo, a priori, será realizada uma revisão de literatura acerca dos principais conceitos que envolvem a História Cultural das Religiões (HCR), a perspectiva etnográfica, elementos da análise do discurso e as principais características do neopentecostalismo. Dentre essas bibliografias, artigos e livros de autores com obras já consolidadas acerca da temática e dos conceitos relacionados serão levados em consideração para a análise, a exemplo de

Freston (1993), Mariano (2003), Campos (1997), Debord (2003), Butler (2015), Rodrigues (2003), Agnolin (2009).

Posteriormente, essas fontes, frutos de trabalhos já publicados sobre a temática, serão confrontadas ao recurso metodológico de entrevista com questionário semiestruturado, contando com a participação de fiéis da IURD. O intuito foi fazer perguntas aos fiéis da IURD pelo *Google Forms*, *Whatsapp* ou pessoalmente sobre a importância do testemunho religioso, o entendimento acerca da igreja como espaço para obtenção da prosperidade material, bem como o papel da agência religiosa no combate ao Diabo.

Ademais, haverá uma abordagem a partir da etnografia, a fim de contemplar as entrelinhas do discurso neopentecostal que não são possíveis identificar através da entrevista. Esse procedimento metodológico foi imprescindível para a compilação de testemunhos locais e para melhor compreensão dos ritos das agências religiosas. Nesse contexto, foram utilizados os dados obtidos durante a realização do PIBIC, entre 2018 e 2020 no templo matriz da IURD em Recife - PE, bem como os trabalhos etnográficos realizados no ano de 2023 em São Raimundo Nonato - PI e Fortaleza - CE. Cada uma dessas metodologias empregadas tiveram um objetivo previamente definido (tabela 1), embora na execução da proposta outros elementos de análises acabaram sendo alcançados.

Tabela 1 - Atividades de Pesquisa de Campo Realizadas

ATIVIDADE	LOCAL	DATA/HORÁRIO	OBJETIVO
Etnografia	Recife	22/04/2019 - 19h40	Ter o primeiro contato com o ambiente e observar os testemunhos religiosos.
Etnografia	Recife	22/04/2019 - 21h	Observar os padrões iurdianos e as diferenças conforme o horário.
Etnografia	Recife	06/05/2019 - 20h	Analisar as construções discursivas de

			demonização.
Etnografia	Recife	06/05/2019 - 21h	Investigar o processo de demonização, assim como o entendimento sobre dízimos e ofertas.
Etnografia	São Raimundo Nonato	13/07/2023 - 19h	Experieciar um contato fora do âmbito da capital e observar os encadeamentos discursivos de prosperidade e demonização.
Etnografia	Fortaleza	09/10/2023 - 19h	Observar as narrativas voltadas ao entendimento da IURD como espaço para obtenção da prosperidade material.
Etnografia	Fortaleza	18/10/2023 - 19h	Analisar o discurso da liderança religiosa acerca da influência do Diabo.
Entrevista	<i>On-line/Whatsapp</i>	-	Obter respostas de 5 fiéis por meio de entrevista para saber sobre a perspectiva acerca do Diabo e da Igreja como espaço de prosperidade.
Questionário	On-line/ Google Forms	-	Obter respostas de 10 fiéis por questionário para compreender perspectiva acerca do Diabo e da

			Igreja como espaço de prosperidade.
--	--	--	-------------------------------------

Fonte: o autor, 2024. Elaborada a partir dos dados obtidos através da etnografia, questionário e entrevistas.

As análises obtidas durante o primeiro período supracitado foram realizadas com frequência semanal, com exceção de meses cujas visitas foram menos recorrentes. A intenção era presenciar e selecionar o maior número de cultos que tivessem os testemunhos religiosos e uma particularidade explorada foram aqueles voltados ao empreendedorismo. Por outro lado, no interior do Piauí foram observados apenas dois cultos, pois estava de passagem em uma viagem. Já as imersões nos cultos realizados em Fortaleza foram semanais durante os meses de outubro e novembro de 2023.

Para materializar o percurso metodológico até a análise, os cultos assistidos foram gravados para, posteriormente, realizar as anotações no caderno de campo de tudo que foi visualizado, sobretudo os elementos que mais chamaram a atenção no momento dos cultos. Depois dessa etapa inicial, os discursos foram analisados para que fosse possível compreender o que foi dito explicitamente e o que ficou implícito nos discursos. Passado um tempo de elaborada a análise do caderno de campo, foi realizado o confronto com o que já havia estudado a partir de outras referências bibliográficas acerca do assunto.

Essas metodologias foram utilizadas para que fosse possível, a princípio, obter referências de outros pesquisadores, a fim de debater e eventualmente problematizar os conceitos atribuídos ao neopentecostalismo. Já a entrevista, foi realizada com o intuito de sanar algumas dúvidas sobre a perspectiva dos fiéis de forma mais induzida, já que o questionário foi previamente montado, embora tenha proporcionado uma flexibilidade para que o entrevistado apontasse questões que ultrapassassem o que estava sendo proposto inicialmente.

A etnografia, por sua vez, foi utilizada para que fosse possível contemplar realidades singulares nos locais visitados, assim como possibilitar fazer com que questões surgissem naturalmente na medida que se tem um contato mais próximo com o objeto de pesquisa. Na perspectiva de Mattos (2011), a observação participante viabiliza a investigação de um objeto parcialmente em curso natural.

Isso porque - diferentemente da entrevista - o pesquisador não anuncia que está desempenhando um trabalho de análise no momento em que faz a observação, embora todos estejam cientes da possibilidade de haver um pesquisador no ambiente, fazendo com haja a possibilidade de existirem restrições ou orientações de ações na igreja por parte dos líderes religiosos.

Todos esses caminhos metodológicos tiveram bastante enfoque nos testemunhos religiosos. Isso porque são essas narrativas pessoais que proporcionam credibilidade ao que é afirmado pela Igreja, visto que partem dos próprios fiéis que já frequentam esses espaços e afirmam colher resultados do contato com a instituição. Segundo Costa (2020, p. 282), “o testemunho é sempre sobre algo bom, compreendido como graça divina. Os melhores testemunhos, muitas vezes com ar de ensaio, vão para a máquina midiática neopentecostal”. Nesse sentido, os discursos falam sobre as pessoas que foram “agraciadas” em diversas questões, como saúde, vida amorosa, libertação de vícios e prosperidade financeira.

É válido salientar que os enunciados proferidos pelos fiéis de maior destaque são selecionados para compor as mídias neopentecostais. Por essa razão, serão utilizados programas de televisão e cultos divulgados nas redes sociais da Igreja Universal, a fim de contemplar uma maior quantidade e diversidade dos testemunhos religiosos. Em paralelo, compreender o que é dito pelos membros da igreja é uma tarefa complexa que exige um estudo específico para esta demanda, sendo contemplada com a Análise do Discurso (AD).

A Análise do Discurso, enquanto disciplina, tem como finalidade estabelecer uma base teórico-metodológica que permita compreender as expressões da linguagem e ampliar a análise do texto para o discurso (ORLANDI, 2003). Desse modo, através desses recursos metodológicos da AD, torna-se possível compreender os símbolos e significados múltiplos presentes nos testemunhos religiosos. A investigação no âmbito discursivo possibilita atentar para a construção de identidades, as relações de poder presentes nos enunciados, o imbricamento com a cultura local e/ou nacional, a interdiscursividade e entre outros elementos.

É de mister importância pontuar que este recurso é possível em virtude da pesquisa ser situada no tempo presente. Entretanto, isso remonta a outros desafios que são inerentes à proximidade com os acontecimentos do objeto de pesquisa. A primeira dificuldade é pela quantidade de documentos disponíveis e pelo excesso de

informações, fazendo com o que o historiador precise de um filtro muito bem pensado e alinhado aos seus objetivos. Ademais, a subjetividade e proximidade que o historiador tem com o trabalho desenvolvido impõe o desafio de tentar fazer com que as experiências pessoais não façam com que haja a indução do resultado da pesquisa.

Evidentemente, não há pesquisa neutra, já que todos são orientados por suas experiências e ideologias. No entanto, é necessário manter a objetividade à frente das paixões do historiador. Por outro lado, há um questionamento sobre a História do Tempo Presente (HTP) muito relevante: o que se deve entender por “tempo presente”. Pensando na relatividade do tempo e dos contextos e nas diferentes perspectivas nas quais os pesquisadores estão imersos, é possível ter diferentes entendimentos sobre essa questão.

Contudo, parte-se neste trabalho da compreensão de Rousso (1998), o qual afirma que a noção de tempo presente pode ser entendida como um passado que não está morto e no qual ainda é possível se valer de palavras e experiências de indivíduos vivos, ou seja, é imprescindível a utilização das fontes orais para o trabalho do historiador do tempo recente. Partindo desse pressuposto, ao contrário de períodos anteriores que impõe ao historiador visitar relatos de testemunhas que já faleceram, a HTP oportuniza o contato com os atores diretamente envolvidos com os eventos históricos.

Com a perspectiva ampliada das fontes históricas, postulada pela História Cultural, houve uma aproximação com metodologias utilizadas pela Antropologia. Isso permitiu que a historiografia contemplasse a vitalidade, as nuances e as emoções dos indivíduos que participam do contexto histórico estudado. Essa abordagem é essencial para expandir as ferramentas disponíveis, nas quais abrem caminhos para uma pluralidade de vozes participativas no trabalho historiográfico, compreendendo sempre que o passado ressoa nas narrativas e faz parte de um processo contínuo no qual o tempo presente se constitui.

Investigar a Igreja Universal do Reino de Deus, na contemporaneidade, apesar de ser um desafio mediante às questões políticas e econômicas que envolvem a instituição, demanda e oportuniza conhecer a história dos atores envolvidos. Dessa forma, é necessário estabelecer uma relação direta entre os conceitos trabalhados por outras literaturas e o que é relatado pelos fiéis que frequentam a agência religiosa. Essas narrativas são de mister relevância para situar

a recepção e, ao mesmo tempo, a propagação dos discursos veiculados nesse espaço, sobretudo a partir da Teologia da Prosperidade e da demonização de condutas, práticas ou ideias.

No primeiro capítulo da dissertação, a proposta é realizar uma discussão sobre o papel da etnografia para além da compreensão enquanto recurso metodológico, bem como realizar um panorama da análise do discurso. Ademais, objetiva-se tratar da História Cultural das Religiões, concepção historiográfica que orienta este trabalho. Já no segundo capítulo, a finalidade é historicizar o movimento neopentecostal, demonstrando que é alicerçado à perspectiva da teologia da prosperidade, uma vez que surge imbricado com as lógicas do neoliberalismo. Por outro lado, serão ressaltadas as principais características dessa vertente religiosa de modo a tentar explicar a dimensão que motiva o impacto dessas igrejas na sociedade brasileira hodierna.

No terceiro capítulo, o intuito é - *a priori* - abordar um pouco sobre a trajetória de liderança religiosa de Edir Macedo e como a Igreja Universal surgiu e se consolidou. Ademais, a proposta é fazer o levantamento dos dados desde 2019 através da observação participante e da etnografia e analisá-los, com o fito de compreender as particularidades do fazer religioso nas instituições religiosas. Ainda nessa parte do trabalho, objetiva-se analisar o discurso religioso iurdiano durante o Governo Bolsonaro e observar a postura discursiva em relação a política do governo e a postura mediante à pandemia de COVID-19.

Já no quarto capítulo, a ideia é delimitar o processo de midiatização na perspectiva da sociedade do espetáculo. Além disso, deve-se abordar a inspiração promovida por meio das histórias de vidas exemplares à luz do empreendedorismo e do contexto de precariedade vivido pelas pessoas. Por fim, pretende-se realizar a análise das respostas obtidas através de entrevistas com fiéis que frequentam a Igreja Universal do Reino de Deus e dos testemunhos exibidos em programas televisivos e vídeos publicados em redes sociais, a fim de compreender a perspectiva dessas pessoas, sobretudo em relação aos discursos proferidos através dos enunciados religiosos sobre Diabo, prosperidade e testemunho para confrontar com os conceitos trabalhados nos capítulos anteriores.

2 ETNOGRAFIA, DISCURSO E NEOPENTECOSTALISMO À LUZ DA HISTÓRIA CULTURAL DAS RELIGIÕES

A etnografia é imprescindível para a realização de pesquisas no âmbito da História Cultural, visto que vai além de um simples método. Trata-se de um trabalho de campo no qual proporciona ao pesquisador uma observação do objeto de estudo na tentativa de alterar minimamente o curso natural do ambiente e das relações que nele se constituem. A concepção de que não altera o ambiente é contestada na medida que os líderes religiosos já sabem a possibilidade de haver pesquisadores no ambiente. Há, na verdade, uma relação mais próxima com o campo de pesquisa, posto que o pesquisador faz parte da etnografia, sendo - de certa maneira - co-enunciador.

A entrevista, certamente, é de mister importância para o trabalho historiográfico, no exercício da História oral, mas isoladamente não consegue abarcar a pluralidade de narrativas produzidas em um determinado contexto. Quando combinados, a entrevista e o trabalho etnográfico proporcionam uma maior amplitude de possibilidades de análise, uma vez que a pesquisa esquematizada retira a dúvida de questões previamente pensadas, enquanto a etnografia oportuniza refletir sobre temáticas às vezes ainda não imaginadas, além de fazer perceber dinâmicas não esperadas.

Isso porque, quando o historiador realiza uma entrevista acaba alterando o ambiente e a maneira de comportamento dos indivíduos que são entrevistados, fazendo com que os discursos proferidos naquele momento sejam minimamente calculados. Nesse sentido, é possível - não como forma de substituição, mas de acréscimo - colocar em prática a observação participante, como prática integrante da etnografia, a fim de permitir conhecer mais sobre um grupo social e contemplar o universo cultural estudado.

Por sua vez, uma vez compilados os textos dos discursos demarcados ao longo da pesquisa de campo, é necessário um arcabouço teórico-metodológico que permita fazer a análise desses enunciados com maior precisão. Nessa perspectiva, é preciso levar em consideração os elementos constituintes das linguagens, das culturas e das estruturas institucionais que proporcionam a legitimidade daquilo que é proferido nos mais diversos espaços sociais. A partir desse entendimento, torna-se possível a compreensão histórica em perspectiva multifacetada.

É a partir dessas discussões que este trabalho objetiva compreender os conceitos, os métodos e as práticas que giram em torno da Etnografia e da Análise do Discurso (AD), bem como suas respectivas contribuições para o trabalho historiográfico. Ademais, como reflexão prática, pretende-se analisar a importância desses percursos de pesquisa para melhor compreender o universo das igrejas neopentecostais brasileiras. Essas agências religiosas, que captam um grande número de fiéis desde a década de 1980, são alicerçadas nos testemunhos religiosos.

Nesse sentido, a imersão etnográfica é uma ferramenta imprescindível para entrar em contato com discursos espontâneos, bem como visualizar as práticas litúrgicas da maneira na qual são exercidas naturalmente. Além disso, analisar os testemunhos religiosos pode ajudar a compreender as razões pelas quais essas igrejas têm um impacto nas ideias individuais acerca da prosperidade - entendida como possibilitada pelas instituições religiosas -, assim como o imbricamento desses enunciados com o período histórico vivenciado.

2.1 A ETNOGRAFIA COMO IMERSÃO CULTURAL DO HISTORIADOR

Conforme apontam Dalto e Pavesi (2018), o campo etnográfico permite valorizar as narrativas em primeira pessoa e explorar biografias para construção de um relato. A partir disso, permite-se compreender o significado da experiência vivida pelo sujeito em meio à pluralidade de dimensões do cotidiano da sociedade. Isso porque possibilita ao pesquisador fazer uma imersão em histórias de vidas que são individuais, mas que repercutem em uma coletividade. Desse modo, é possível elencar um processo de interpretação das identidades, algo imprescindível para a História Oral, sobretudo quando se trata de um objeto de estudo no tempo recente.

Enquanto prática de pesquisa e metodologia, a História Oral é vista como imprescindível para temas contemporâneos (História do Tempo Presente), bem como tem um destaque em temas correspondentes às tradições orais. Entretanto, é preciso haver uma orientação metodológica no sentido de partilha pelos pares e diálogo com as áreas do conhecimento, a fim de possibilitar o delineamento enquanto documento, ao passo que os relatos orais se desdobram em textos escritos bem analisados (NETO, 2012). Isso certamente contribui consideravelmente

ao enriquecimento da produção historiográfica, uma vez que a crítica historiográfica passa a ser endossada pela percepção sensível e crítica do historiador.

As fontes orais, utilizadas no campo da historiografia, permitem analisar as diferentes memórias pessoais que ajudam na construção de uma narrativa voltada ao que se percebe no momento o qual se compila os textos do discurso. Nesse sentido, há um evidente imbricamento entre a História Oral e a História do Tempo Presente, uma vez que parte do pressuposto de um passado contínuo no qual se produz significados a serem interpretados no presente imediato (MATTOS & FLACH, 2019). A etnografia surge como uma forma de proporcionar outras lentes ao historiador, posto que vivencia diretamente as dinâmicas culturais nos quais investiga em tempo real.

Segundo Esquinsani (2012), a História Oral permite obter informações sobre a posição na qual o sujeito se encontra, assim como a sua apreensão social e imagética sobre o objeto investigado. Nesse sentido, esse método abarca a construção de uma narrativa que leva em consideração o que é legitimado pela perspectiva teórica e literária, bem como a vivência experienciada pelos indivíduos do contexto investigado a partir de uma análise empírica. No campo da História Cultural, perceber a importância das memórias individuais para compreender a noção de pertencimento a um dado grupo é imprescindível.

Isso porque o arquivo, enquanto conjuntura documental, é constituído por textos. No caso dos historiadores, há também um interesse pelos testemunhos contemporâneos. Nesse sentido, “a mudança de estatuto do testemunho falado ao de arquivo constitui a primeira mutação historiadora da memória viva submetida ao nosso exame” (RICOEUR, 2007, p. 179). A memória, no entanto, não é estática, podendo ser ressignificada a todo instante em virtude da constante mudança da maneira na qual os indivíduos enxergam os contextos que estão inseridos.

É preciso salientar que esse processo de transformação acompanha as diversas emoções sentidas pelos sujeitos. Nesse contexto, proporciona o sentimento de pertencimento a um determinado grupo social na medida em que as histórias suscitadas pela memória individual representam anseios e experiências de toda uma coletividade. Quando o historiador vai a campo ouvir os relatos, é preciso levar em consideração a volatilidade dos discursos proferidos a partir da memória, bem como o que esses enunciados representam para o sujeito e para o conjunto de indivíduos participantes do cenário investigado.

Ademais, no campo da História Oral, é perfeitamente possível trabalhar com a entrevista para melhor entender a perspectiva dos sujeitos a partir de questões direcionadas ao que se pretende investigar. No entanto, é preciso ressaltar que essa prática de pesquisa além de alterar o ambiente, conforme foi supracitado, limita a direcionamentos artificialmente construídos por proposições e hipóteses previamente estabelecidas, enquanto a etnografia possibilita analisar o contexto pesquisado no seu curso natural. Sobre o trabalho etnográfico, pode-se elencar que:

Esse método é conhecido pela utilização de técnicas de observação, que consiste em ingressar em determinado grupo social ou organização e observar, participando ou não, as atividades desempenhadas pelos sujeitos da pesquisa (TURETA; ALCADIPANI, p. 2011).

A observação direta, portanto, permite ao pesquisador participar das atividades de um grupo social. Desse modo, possibilita, por exemplo, assistir a um culto religioso, da mesma maneira que um fiel, e identificar toda a liturgia própria daqueles que participam, a fim de estabelecer um elo com o objeto de estudo sem descaracterizá-lo. É por essa importância e pelo ganho metodológico que é de mister importância que o historiador do tempo presente se aproprie desse recurso de pesquisa. No entanto, faz-se necessário um maior entendimento sobre o significado da prática etnográfica, assim como do seu arcabouço teórico.

Nesse sentido, Carole McGranahan (2018) pontua que apesar da expressão “etnografia” ser originada a partir das palavras gregas *ethnos* (povo) e *grapho* (escrever), vai muito além de relatar algo a partir da escrita, uma vez que se constitui enquanto método como será abordado neste trabalho, bem como teoria para o campo da linguística. Nesse sentido, é essa complexidade que, por intermédio de um estudo conceitual, permite compreender os elementos que estão imbricados às crenças das pessoas, às suas formas de enxergar e significar o mundo e às atitudes de um determinado grupo social.

Além disso, é preciso salientar que a etnografia, cujo berço se encontra na Antropologia, parte da relação próxima - e relativamente prolongada - do pesquisador com o grupo social investigado, a fim de analisar e dar materialidade em conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas em um determinado espaço (ROCHA & ECKERT, 2008). Dessa forma, o objetivo não é fazer uma imersão mecânica naquilo que se pesquisa, mas promover uma maior flexibilidade investigativa. É esse direcionamento do contato com o universo cultural que proporciona a amplitude da lente de quem observa, ganhando forma e sentido em

conformidade com as lógicas que constituem os protagonistas da narrativa histórica, antropológica ou sociológica.

Isso demarca a necessidade de que o pesquisador realize o exercício constante de uma forma de observação que saia de seu próprio universo cultural e faça uma imersão no interior do objetivo investigado. No entanto, ainda segundo Rocha e Eckert (2008), *a priori*, é preciso realizar “saídas exploratórias”, as quais devem ser construídas à luz de um olhar atento às práticas de um grupo social, observando as peculiaridades em relação ao campo de interesse do pesquisador. Por outro lado, ao mesmo tempo, é imprescindível a flexibilidade no sentido de fazer descobertas de possibilidades de análise baseadas na observação próxima aos indivíduos que fazem parte do contexto pesquisado. Posteriormente, deve-se fazer um trabalho com o fito conhecer o outro, bem como escutar atenciosamente as pessoas envolvidas no objeto. No sentido de concretizar a análise, é necessário escrever os relatos ouvidos, assim como as experiências durante essa imersão.

Essas etapas não devem ser interpretadas como regras rígidas do fazer etnográfico, até porque retiraria o seu sentido original. Contudo, são passos fundamentais para que - no caso específico do fazer historiográfico - a narrativa contemple os indivíduos que fazem parte do objeto de análise, de modo a proporcionar vozes plurais que sejam levadas em consideração no momento da produção textual do historiador. Nessa perspectiva, no caso da elaboração de entrevistas em consonância à etnografia, recomenda-se que sejam livres, abertas, semi-guiadas de modo a deixar as pessoas mais à vontade para responderem aos questionamentos.

Além disso, não existe uma fórmula pronta para analisar os dados obtidos a partir do emprego da etnografia, mas é recomendável uma organização e a leitura panorâmica do diário de campo, a fim de perceber se o pesquisador não esqueceu uma informação importante e promover uma reflexão sobre o objeto de estudo e, por fim, é importante fazer uma classificação temática do que foi anotado (ANGROSINO, 2009). Admitindo que os trabalhos etnográficos não são estáticos e que a mente humana não é capaz de memorizar tudo aquilo que visualiza nessas atividades, é necessário demarcar a relevância das notas acerca do que é percebido.

Sobre essa concepção de pesquisa, na obra intitulada Diários Índios, Darcy Ribeiro (2006) - antropólogo e historiador brasileiro - narra como foi a sua convivência com indígenas Urubus-Kapor, no estado Maranhão, assim como conta

que realizava os seus diários por meio de anotações daquilo que via e ouvia dos povos nativos, assim como o seu dia a dia com eles. Assim é o diário de campo, no qual devem ser colocados os relatos orais, a fim de analisar as possibilidades de mudanças nas ações etnográficas futuras e permitir que a investigação seja realizada a partir do maior número de elementos observados a partir da etnografia.

Ainda sobre o trabalho de Darcy Ribeiro, talvez uma de suas maiores contribuições gire em torno da compreensão da cultura e o processo de formação das identidades no Brasil. A partir das suas obras, houve o reforço na comunidade acadêmica da necessidade de se empenhar para melhor compreender o universo cultural. Indo ao encontro dessa perspectiva, os estudos históricos e dos demais campos das Ciências Humanas não podem se desvincular das discussões acerca da cultura. Entretanto, é sempre um grande desafio não partir de uma visão classificatória ou munida de diversos preconceitos. A urgência de ir um pouco além das tradicionais entrevistas realizadas pelos historiadores talvez resida no fato de que naturalmente o historiador parte de ideias preconcebidas que influenciam os questionários de pesquisa.

Nesse sentido, a etnografia pode contribuir nas investigações que dialogam com temas e acontecimentos do tempo presente. Conforme postula Angrosino (2009), é interesse da pesquisa etnográfica estudar determinadas comunidades e/ou sociedades, sobretudo a partir de uma perspectiva cultural, investigando costumes, comportamentos e crenças partilhadas por um grupo social, além de obter dados sobre o objeto de estudo, a fim de melhor compreender as dinâmicas que perpassam os indivíduos e as relações sociais entres eles estabelecidas. Desse modo, desenha-se a possibilidade de melhor interpretar as práticas culturais de um grupo por meio desse contato direto.

2.2 AS DIVERSAS FACETAS DA ANÁLISE DO DISCURSO

Considerado como um dos pioneiros da Análise do Discurso, o francês Michel Pêcheux desenvolveu uma teoria e ao mesmo tempo um método de análise na qual sofreu inúmeras contribuições de intelectuais ao longo do século XX, como Saussure, Bakhtin, Althusser, Foucault e Lacan. A partir disso, discutiu-se com maior intensidade o conceito de discurso, o qual pode ser compreendido a partir de

inúmeras percepções. De modo geral, as pesquisas apontam para as produções de sentido dos enunciados, levando sempre em consideração o contexto de produção.

Entendemos, portanto, discurso como um dos patamares do percurso de geração de sentido de um texto, o lugar onde se manifesta o sujeito da enunciação e onde se pode recuperar as relações entre o texto e o contexto sócio-histórico que o produziu (GREGOLIN, 1995, p. 17).

Nesse sentido, é possível compreender a necessidade de historicizar o discurso, na medida que os significados só podem ser analisados uma vez que se leve em consideração a cadeia de relações constituídas no tempo que foi produzido. Ademais, conforme aponta Gregolin (1995), o discurso pode ser entendido como uma perspectiva abstrata que atravessa vários textos concretos veiculados por uma determinada sociedade e/ou comunidade. Partindo dessa premissa, trata-se de uma exposição sistemática de ideias que têm relação direta com as instituições sociais, os locais dos quais os indivíduos proferem os enunciados e com diversos outros fatores externos.

Essas organizações sociais devem ser analisadas a partir de suas respectivas formas de moldar as relações sociais e as formas dos indivíduos pensarem, mediadas pela ideologia. Segundo Pêcheux (1990), há uma evidente associação entre as situações dos discursos e as ideologias por eles representadas, as quais variam de acordo com a época e o recorte social. A construção do discurso, portanto, está diretamente ligada aos sentidos que são apreendidos por um grupo de pessoas que têm por objetivo concretizar suas percepções por meio de um complexo exercício da linguagem.

É válido ressaltar que o discurso não pode ser limitado ao estudo exclusivo da linguística, uma vez que possui inúmeras questões extralinguísticas (MAINGUENEAU, 1998). Isso porque embora o campo enunciativo tenha como principal ponto de partida o campo da linguagem, existe uma série de fatores que influenciam a formação do discurso, bem como o seu impacto social. Por essa razão, essa noção acerca do discurso deve ser aplicada à interpretação histórica na análise dos enunciados, inclusive dentro de uma perspectiva cultural sobre as religiões, temática que será melhor abordada posteriormente.

Além disso, com o intuito de materializar a análise do discurso, é necessário determinar as condições de produção do texto, desde as categorias de pessoa, o espaço e o tempo até os procedimentos utilizados na construção da narrativa do discurso, bem como os seus efeitos de sentido (GREGOLIN, 1995). Nesse sentido,

quando um fiel de uma igreja profere um testemunho em 1ª pessoa expressa o caráter de subjetividade, demonstrando que o enunciador se sente confortavelmente próximo ao lugar no qual poderá exercer o seu regime de verdade.

Nesse espaço, o sujeito se sente confortável e até estimulado a compartilhar as suas experiências pessoais de prosperidade por meio da igreja, uma vez que o seu discurso nesse âmbito tem um efeito de verdade previamente suposto. Ali ele sabe que, além de contribuir para a legitimidade da instituição religiosa, dificilmente será julgado pelos ouvintes. No entanto, talvez se fosse em um contexto exterior a esse lugar de fala o mesmo fiel não tivesse a mesma forma de expressão, estando propenso a construir o discurso na impessoalidade como forma de argumentar sem se identificar, firmando enunciados como “muitas pessoas prosperaram por meio da igreja” e não “eu prosperei”.

Abordando especificamente destaque discursivo nesses espaços, na perspectiva de Orlandi (2003), os discursos religiosos são pautados na concepção de que representam a enunciação divina, sendo os líderes - como padres, bispos, pastores - instrumentos para materialização da voz de Deus. Isso se aplica a alguns gêneros religiosos, como o sermão e a profecia. No caso dos testemunhos proferidos no meio neopentecostal, já não funciona bem assim. Trata-se, na verdade, de uma narrativa do próprio fiel sobre a sua percepção acerca dos feitos de Deus. Contudo, ainda legitimam um lugar privilegiado no processo comunicativo, visto que as pessoas que estão nos templos religiosos se enxergam enquanto seres que representam as ideias mundanas, em contraponto ao discurso que representa a divindade.

Portanto, os discursos veiculados em âmbito religioso possuem não somente caráter motivacional rumo à prosperidade material ou espiritual, mas de um rótulo que transmite a noção de verdade uníssona evocada por um ser supremo. No entanto, é perceptível que não é possível falar qualquer coisa nos templos religiosos, uma vez que há uma seleção prévia do que deve ou não ser veiculado conforme interesses institucionais. É possível observar, dessa forma, que essa concepção vai ao encontro do que foi defendido por Foucault (1996, p.8-9), o qual afirma que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos”.

Ademais, os enunciados religiosos, além de promoverem um efeito de verdade, são legitimados a partir dos próprios alicerces que sustentam a crença dos

fiéis e não pela determinação dos líderes religiosos. Segundo Nascimento, Ferreira e Couto (2013), a força discursiva do universo religioso passa a ideia na qual tudo que é proferido não é imposição, mas reflexão acerca dos valores aos quais os fiéis comungam. No entanto, a partir da dicotomia entre o “caminho certo e o errado” é feita a imposição ideológica da instituição.

Nesse sentido, a força indutora dos discursos não reside numa violenta forma de impor condutas ou crenças, mas utilizar as próprias dores, anseios e concepções dos indivíduos para atraí-los ao cerne da força discursiva. Isso porque “não se trata de força ou coerção física, pois a ideologia determina o espaço de sua racionalidade pela linguagem: o funcionamento da ideologia transforma a força em direito e a obediência em dever” (NASCIMENTO, FERREIRA & COUTO, 2013, p. 4)”. Dessa forma, compreende-se que o processo de racionalização da linguagem nos espaços nos quais as instituições promovem uma maneira de pensar gira em torno da conscientização constituída a partir da ideia de verdade que deve ser seguida a partir das próprias consciências individuais.

Contudo, vai além disso, já que os elementos discursivos utilizados pelas pessoas ultrapassam os limites da consciência, tornando-se uma regra ou um padrão enunciativo. Desse modo, pode ser praticado inconscientemente, assim como as regras gramaticais que, uma vez aprendidas, podem ser utilizadas inconscientemente. A partir desse princípio, ações intencionais e não intencionais são realizadas a partir dos enunciados racionalizados nos contextos religiosos. O imbricamento entre o que se ouve e o que se faz, portanto, é provável, ainda mais quando envolve um conjunto de crenças em torno de um padrão linguístico que orienta a forma de pensar e agir.

Para analisar os discursos proferidos no campo religioso ou qualquer outra instituição social, alguns aspectos devem ser levados em consideração. É possível perceber que os enunciados são veiculados por inúmeras expressões linguísticas, são demarcados a partir de características próprias de um momento histórico, são fundamentados por meio de perspectivas de verdade e de embates ideológicos e são fruto de uma complexa rede humana de percepções que dialogam com elementos como a memória e o apreço institucional. Nesse sentido, analisar esses textos não é uma tarefa fácil e muito menos há uma forma única e estática de se fazer. Desse modo, são necessários princípios norteadores que adequam o objetivo do pesquisador ao contexto que será abordado.

Conforme aponta Maingueneau (1997), antes de realizar qualquer análise, é preciso seguir três importantes critérios acerca do discurso: aqueles produzidos por instituições que restringem muito a enunciação; textos cuja produção demarque conflitos de ordem social, histórica etc; produções que determinam um espaço singular externo a um interdiscurso limitado. Esses princípios devem ser levados em consideração quando realizada a pesquisa em torno do discurso, sobretudo quando o campo de estudo exige a historização dos enunciados e as narrativas sociais, políticas e institucionais que envolvem os textos do objeto de análise.

O discurso, portanto, deve ser interpretado como fruto de uma rede sempre em processo de construção, passível de transformações ocasionadas pelas ideologias e pelo processo histórico que alteram o sentido e a ordem enunciativa (BARROS, 2015). Nesse sentido, não se trata de uma mera transmissão de informação entre pessoas, mas um conjunto de elementos constituintes que são reforçados pela linguagem e por fatores externos que dialogam com o texto. O responsável por realizar a análise dos enunciados deve visualizar esses elementos e tornar evidente os seus posicionamentos.

Contudo, é válido salientar que o pesquisador jamais será neutro no processo de investigação, tornando imprescindível demarcar o seu lugar de análise, bem como a perspectiva teórica que orienta o estudo, a fim de que o leitor do produto final da pesquisa possa entendê-la sem ambiguidades. Ademais, para melhor compreender as ideologias, os significados e os valores contidos nos discursos, é preciso também observar o posicionamento de quem profere um determinado enunciado quando resolve não dizer um elemento importante do contexto abordado. Por outro lado, o espaço aberto pelas vozes de terceiros em um determinado discurso demarca o interdiscurso, o qual também deve ser levado em consideração pela AD.

Segundo Patriota e Turton (2004), os indivíduos - conduzidos pela memória discursiva - expressam uma espécie de interdiscurso na medida em que produzem sentido por meio das palavras proferidas a partir da ideologia e do inconsciente. Isso faz com que as palavras não tenham uma semântica estática, ou seja, dependendo da intencionalidade e do contexto enunciativo, o enunciador da mensagem pode produzir um novo significado no discurso. Desse modo, para compreender os elementos discursivos presentes em um determinado contexto, é preciso levar em

consideração os textos comumente veiculados nesse espaço, bem como os princípios e valores que influenciam os indivíduos.

É natural, portanto, que haja o processo de intertextualidade - relação entre dois ou mais textos e interdiscursividade, caracterizada pelo diálogo entre discursos e ideologias. Na medida que um fiel - por exemplo - realiza um testemunho de suas experiências na igreja e como chegou à prosperidade, é possível que dialogue com textos veiculados neste espaço religioso, seja do pastor ou de outros testemunhantes. Aliás, até mesmo a prática de 'dar o testemunho', o qual pode ser considerado um gênero discursivo, provém do estímulo realizado pelos pastores e é legitimado pelo próprio texto bíblico, conforme é possível perceber no seguinte trecho: "vá para casa, para a sua família e anuncie-lhes quanto o Senhor fez por você e como teve misericórdia de você" (BÍBLIA, Marcos, 5, 19).

Esse estímulo à construção de uma narrativa em torno das histórias de vida, admitidas como bem sucedidas em virtude da divindade, impacta diretamente na perspectiva ideológica dos indivíduos, a qual pode ser materializada por enunciados próprios. Nesse sentido, cria-se uma cultura enunciativa com intencionalidade já demarcada e legitimada pelas instituições religiosas. Logo, há o imbricamento do que é dito a partir de uma perspectiva individual com aquilo que é propagado e constituído coletivamente.

No campo historiográfico, para além da compreensão das inúmeras relações intertextuais possíveis e das ideologias presentes nos discursos, entender os textos a partir do universo histórico o qual se inserem é fundamental. Conforme aponta Tasso (2004), a análise discursiva no campo da historiografia deve partir do princípio que há possibilidades de leitura dos fatos em busca da construção de uma narrativa na qual não deve ser em torno de uma cronologia, mas vinculada às condições sócio-históricas de interpretação dos discursos.

Nessa perspectiva, o objetivo de historicizar as práticas discursivas não gira em torno de enquadrá-las em uma noção linear de tempo, mas compreender como há um intrínseco diálogo com os contextos históricos nos quais se inserem e como reverberam nos âmbitos políticos, culturais, sociais e econômicos. Para isso, é preciso analisar os enunciados a partir da compreensão de que existe uma memória indutora que fornece sentido ao que é dito e proporciona possibilidades de significados ao que será compreendido por parte dos ouvintes ou leitores do texto. Entretanto, é válido salientar que os caminhos discursivos podem ser previamente

pensados e sistematizados para o fazer compreender que se é desejado, configurando como forma de controlar e instituir ideologias.

Assim, analisar o que deixou de ser dito tem sempre sua implicação à memória do dizer, à maneira pela qual a História intervém nos processos semânticos da língua. O que deixou de ser dito, o silêncio pode ser considerado como parte da retórica de dominação, das redes de sutileza do poder e do controle (ARDENGHI, 2013, p. 81).

A partir dessa compreensão, é necessário perceber as diversas facetas do discurso. Nesse sentido, é imprescindível a realização de uma abordagem interdisciplinar, a fim de contemplar os campos da linguagem, da cultura, da História, da religiosidade, da política e os demais aspectos que podem fazer parte do corpo discursivo. No entanto, vale ressaltar a necessidade de uma imersão cultural prévia no contexto estudado, com o fito de compreender as dinâmicas que estão por trás dos enunciados, bem como dimensionar as possibilidades de análise. Desse modo, o trabalho etnográfico surge como um bom caminho para suprir essa demanda investigativa.

Identificados os componentes do âmbito estudado, o pesquisador deve buscar os recursos históricos nos quais podem contribuir na compreensão das motivações, anseios, ideologias, significados historicamente produzidos e da produção de espaços institucionais. Em paralelo, é inevitável o trabalho no campo linguístico, uma vez que a base para entender um texto reside nos sentidos possíveis de um determinado conjunto de signos comunicativos que se fazem presentes nos enunciados. Dessa forma, torna-se viável a análise do discurso enquanto prática e caminho possível de pesquisa no campo das Ciências Humanas, sobretudo para a historiografia.

De modo geral, essa análise ampliada dos discursos corrobora com a consolidação da perspectiva da História Oral. No entanto, é válido salientar que, conforme argumenta Montenegro (2007), não é coerente considerar a História Oral como uma disciplina específica dentro do campo historiográfico, uma vez que na realidade trata-se do alargamento da compreensão de fontes históricas anteriormente muito restringidas por perspectivas mais tradicionais. Isso porque a entrevista ou os enunciados compilados pela etnografia são documentos orais nos quais possibilitam a operação historiográfica. Não é, portanto, uma vertente dentro do campo da História, mas uma possibilidade de obter mais ferramentas a fim de endossar as críticas dos trabalhos historiográficos.

2.3 O DISCURSO NAS RELIGIÕES NEOPENTECOSTAIS

Segundo Laraia (2001), é preciso compreender o funcionamento do sistema cultural, levando em consideração a sua natureza dinâmica e plural, uma vez que - a partir da complexidade - possui diferentes graus de participação dos indivíduos na cultura. Dessa forma, os elementos como posição geográfica, religião, idade, sexo e posição social que ocupa contribuem para melhor compreender o lugar no qual o sujeito ocupa no universo cultural. A busca pela análise no campo religioso não é diferente, a comunicação realizada nesse espaço remota ao acúmulo de experiências que determina parâmetros culturais, morais e comportamentais dos grupos sociais.

As reflexões suscitadas a partir da análise do discurso, propostas neste trabalho, residem nas práticas enunciativas das igrejas neopentecostais e permitem compreender as ideologias consolidadas nesses espaços. Segundo Santos e Vilaça (2022), a legitimidade na busca das recompensas materiais em instituições religiosas neopentecostais reside no fato de haver uma interpretação a partir da imagética de Cristo no que concerne ao sucesso material e espiritual. Nesse sentido, o discurso indutor das relações nessas agências religiosas partem da noção de que a instituição religiosa é um local que permite a prosperidade dos indivíduos que a frequentam.

O alicerce da política econômica no qual essa prática religiosa se insere historicamente gira em torno da perspectiva neoliberal. Há, portanto, um estímulo ao empreendedorismo e à concepção de que o esforço meritocrático é a porta de entrada para o sucesso, evidentemente intermediado pelas igrejas. No âmbito do neoliberalismo, compreendido como uma política econômica capitalista, um modo de governabilidade e ao mesmo tempo uma ideologia, a perspectiva do *habitus* opera no sentido de moldar os próprios costumes e modos de vida, nos quais reverberam - por sua vez - na religião (SANTOS & VILAÇA, 2022).

Essa noção está diretamente ancorada na Teologia da Prosperidade, na qual legitima a ideia de que as pessoas que estão passando por dificuldades financeiras, jurídicas, de perseguição espiritual ou de saúde podem prosperar e atingir o que almejam por intermédio da Igreja. Nesse contexto, os testemunhos religiosos proferidos nessas instituições demarcam histórias de vidas exemplares de pessoas que obtiveram recursos materiais e espirituais, discursos que inspiram os ouvintes a

permanecerem nas agência religiosa por acreditarem que ali é um espaço para conquista de bens.

Segundo Rodrigues (2003), essa perspectiva na prática religiosa pode ser considerada um anseio pelo apoderamento da 'herança de Deus' através da conquista e usufruto dos bens terrenos. O reforço discursivo, que incentiva os fiéis a buscarem a prosperidade através das igrejas, é amplamente realizado nos meios de comunicação, como redes de televisão aberta, redes sociais e os jornais promovidos pelas próprias instituições. É válido salientar que as publicações nos jornais - impressos e digitais - são realizadas com periodicidade frequente.

A Folha Universal (2022), pertencente à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), publicou - no dia 27 de novembro de 2022 - a história de vida e o testemunho da professora Bianca da Silva, a qual alega ter pensado em viver na rua e aguardar a morte por se afastar da igreja e aderir ideologias ligadas ao ateísmo. Nesse sentido, ela narra que isso gerou um 'vazio existencial' e, por essa razão, passou a descontar as suas dores nas bebidas alcoólicas. Logo em seguida, conta que perdeu o emprego e passou a padecer com várias doenças. No entanto, a testemunha afirma que, após passar a frequentar as reuniões da Igreja Universal, transformou-se rumo à plenitude e à felicidade.

Na matéria a fiel aparece sorridente, dando uma sensação de confiança mediante a vida próspera que foi proporcionada pela obra da igreja. Ademais, é possível elencar o reforço de um discurso que atribui as suas mazelas ao fato de ter deixado de estar próxima à igreja, ao passo que a sua prosperidade chega exatamente quando retorna. Nesse sentido, há o compartilhamento de uma história de vida que pode ser semelhante a outras que têm acesso a esses discursos, fazendo que haja uma convenção discursiva de atribuir o fracasso material ou espiritual à ausência de proximidade com a Igreja e o sucesso à aproximação contínua com a agência religiosa neopentecostal.

Além disso, no âmbito das igrejas, os líderes religiosos desempenham um papel fundamental no sentido de validar, selecionar e incentivar essa esfera enunciativa no espaço neopentecostal. Desse modo, Pires e Jesus (2014) demonstram que os líderes religiosos neopentecostais, qualificados como gurus, curandeiros, poderosos e ungidos, apresentam-se como figuras carismáticas³ nas

³ Essa perspectiva de líderes considerados carismáticos foi defendida pelo teórico Max Weber (1982, p. 100), o qual afirmava que "os homens não o obedecem em virtude da tradição ou lei, mas porque

quais - na medida em que possuem legitimidade dentro de uma comunidade - são agentes propulsores da expansão do grupo religioso.

Nessa perspectiva, é de mister importância salientar a linguagem próxima ao público que é apresentada por essas figuras religiosas. O carisma reside não apenas na maneira de se comportar, mas nas palavras utilizadas, nas músicas que causam espécie de transe nos fiéis e no caráter exemplificativo que denotam credibilidade. Essa conjuntura também pode ser aplicada ao que é dito nas instituições religiosas. Ligados à perspectiva carismática dos pastores, os discursos religiosos reforçam uma imagem de salvação - em contraponto às demais realizações mundanas - os quais legitimam a ideia de conversão individual (PIRES & JESUS, 2014).

Quando o fiel dá o testemunho de uma trajetória bem-sucedida graças à igreja, existe um lugar de fala que é previamente legitimado, visto que naquele lugar as pessoas que ouvem o discurso estão ideologicamente alinhadas à perspectiva institucional. A capacidade de persuasão, portanto, é potencializada na medida que as expressões testemunhais alimentam as esperanças dos fiéis que anseiam pela resolução de seus problemas e melhores condições de vida.

A força do testemunho durante um culto, por exemplo, reside no reforço da idéia de como a fé é capaz de transformar vidas, de como um homem dependente de cocaína, envolvido em situações de risco, pode trilhar um novo caminho a partir da adesão religiosa, preenchendo um espaço de lazer com possibilidades produtivas ou mesmo de diversão em um novo círculo de sociabilidade. O testemunho torna factível o desejo de permanecer ou aderir à religião proselitista (SAMPAIO, 2007, p. 39).

A construção discursiva do testemunho, portanto, é moldada a partir de experiências individuais que reverberam em pretensões coletivas. O jogo linguístico da trajetória até chegar à prosperidade passa desde o momento no qual a vida do indivíduo caiu em ruínas até a alavanca propulsora do sucesso que é configurada como a Igreja. Nesse sentido, estudar os discursos religiosos exige compreender como são organizadas os elementos enunciativos das instituições à luz de uma perspectiva histórica, uma vez que são constituídos de ideologias que dialogam com as perspectivas socioeconômicas do momento no qual se inserem.

acreditam nele. Quando é mais do que um oportunista limitado e presunçoso, o líder vive para sua causa e 'luta pela sua obra'. A dedicação de seus discípulos, seus seguidores, seus amigos pessoais do partido é orientada para a sua pessoa e para suas qualidades.”

Conforme aponta Silva (2010, p. 12) , “para estudar os fenômenos religiosos, o historiador deve sempre estar atento ao uso e sentido dos termos que em determinada situação geram crenças, ações, instituições, condutas, mitos, ritos, etc”. O estudo histórico, portanto, jamais deve ser de natureza classificatória e sim acabar a complexidade das religiões a partir da análise que pode ser viabilizada investigação em torno dos discursos e pela etnografia. Nesse sentido, não é papel do historiador fazer a função de juiz dos discursos proferidos, mas analisá-los na dimensão histórica.

Portanto, a grande questão da discussão não gira em torno de se Bianca - fiel do jornal analisado acima - foi influenciada pela construção discursiva da IURD ou se foi mera coincidência o fato de ter prosperado exatamente quando retornou à igreja, mas entender como que a sua narrativa dialoga com a perspectiva institucional das igrejas neopentecostais em paralelo aos elementos culturais e sociais imbricados. Nessa perspectiva, as crenças não devem ser subjugadas, pois não é mérito do trabalho historiográfico. No entanto, o fato é que ela expressou uma memória que foi significada a partir da instituição religiosa e isso gera um impacto direto nos indivíduos que frequentam esse espaço, posto que podem considerar como um exemplo a ser seguido e uma esperança de também conseguirem prosperar.

No âmbito do discurso religioso de igrejas midiáticas, como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus, há uma evidente estratégia discursiva no sentido de evidenciar a religião como uma forma de vencer as dificuldades materiais e espirituais (PATRIOTA & TURTON, 2004). Essa construção discursiva não é realizada de maneira descontextualizada e sem propósito, há um imbricamento com a ideologia de determinados grupos que almejam propagar a noção de necessidade da busca por bens terrenos e que a igreja é o lugar adequado para essa possibilidade de conquistas.

Nesse sentido, conforme postula Barros (2015), é possível compreender o enunciado por meio de sua historicidade e em sua relação político-ideológica, relacionando com os respectivos contextos pelos torna-se possível o seu aparecimento. No caso dos discursos neopentecostais, há uma íntima relação com as lógicas neoliberais, visto que um dos elementos mais presentes nos testemunhos e enunciados realizados nas agências religiosas é sobre o acúmulo de bens e o empreendedurismo. No caso de Bianca, o fracasso foi representado por uma

conduta que foge da moral cristã e isso implicou diretamente na sua saúde psicológica e na administração dos seus recursos materiais, influenciando diretamente na dificuldade de prosperar.

Na medida que a igreja é colocada como propulsora da prosperidade e estimula a aquisição de bens, legitima-se o discurso alinhado ao neoliberalismo. De acordo com Toledo e Cazavechia (2021), com a consolidação do capitalismo na América Latina, houve o advento de igrejas midiaticizadas alinhadas à perspectiva neoliberal, como é o caso das instituições religiosas neopentecostais. Dessa maneira, percebe-se que os discursos veiculados nessas agências são capazes de influenciar os fiéis alicerçados a uma cultura religiosa imbricada com a política econômica historicamente instituída.

2.4 HISTÓRIA CULTURAL DAS RELIGIÕES

Conforme aponta Barros (2003), a História Cultural é o campo da historiografia que se debruça sobre a cultura humana em aspecto polissêmico, abrangendo sobretudo a concepção em torno das linguagens, das representações e das práticas (discursivas ou não). Nesse contexto, pretende-se estabelecer uma reflexão histórica acerca dos elementos imbricados no estilo de vida, nos costumes, nas diversas produções e expressões realizadas por uma determinada comunidade. Todavia, para contemplar esse campo de análise é necessário trabalhar de maneira interdisciplinar, uma vez que envolve vários saberes no sentido de investigar a cultura humana.

A perspectiva da História cultural permite objetos de estudos que visam a compreensão de práticas, como é o caso da religiosa que vai de encontro à teologia; da construção do imaginário social e das representações; da história da memória que vive em conflito identitário mediante às transformações sociais; dos estudos sobre a cultura material, os quais contemplar práticas alimentares, de vestuário, habitação etc; e a História do corpo (BURKE, 2008). As possibilidades de análise são amplas e oportunizam que os mais variados temas sejam contemplados por esse viés historiográfico.

Contudo, é de mister importância salientar que essa natureza de investigação não pode estar em descompasso com outras perspectivas históricas (econômica, política etc). Isso se deve ao fato de que a cultura é produto e ao mesmo tempo

produtora de condições externas que dialogam com outros campos da estrutura social. As produções dos seres humanos demarcam um impacto para além do conjunto cultural, delimitando novas formas de pensar e sendo conduzidas por instituições regidas por ideologias políticas e/ou motivações de ordem econômica.

Considerando a religião como um complexo produto humano, é possível observar que há inúmeras formas de expressão, dentro e fora do cristianismo. No entanto, existem temas que convergem, como é o fato de que as crenças e práticas religiosas podem influenciar e serem influenciadas por fatores políticos, econômicos e sociais e, por sua vez, são capazes de impactar significativamente as estruturas sociais e culturais de uma sociedade.

É nesse panorama que a História Cultural das Religiões (HCR) se insere. Esse é um campo de estudo complexo e multifacetado, uma vez que abrange uma ampla gama de culturas e sociedades. A religião tem desempenhado um papel de destaque na vida das pessoas ao longo da história, mas também tem sido fonte de disputas. A pesquisa sobre a história das religiões é fundamental para compreender como as crenças religiosas e como suas dinâmicas impactam as instituições sociais e a dinâmica cultural, de modo geral, da sociedade.

Segundo Silva (2010), a perspectiva da HCR inaugura a moderna noção de religião, na qual os fatos religiosos são tratados como produtos culturais na medida em que há a sua historicidade. É preciso, *a priori*, colocar o próprio termo “religião” em sua conjuntura histórica, uma vez que o entendimento da palavra varia de acordo com o tempo. A concepção de religião no contexto cristão não pode ser aplicado com a mesma carga semântica no Egito antigo, uma vez que a percepção acerca dos fenômenos sobrenaturais e até mesmo do sistema sociocultural de crenças certamente era diferente.

No entanto, o objetivo dessa perspectiva historiográfica não é taxar religiões como mais ou menos desenvolvidas ao longo do tempo e muito menos classificá-las e hierarquizá-las. A ideia não é a construção da narrativa construída por uma determinada instituição, a fim de se autopromover, e muito menos de enquadrar determinadas religiões como primitivas em contraponto a crenças alinhadas à modernidade. O objetivo, portanto, é contemplar a dimensão cultural da religião de modo a perceber a pluralidade de práticas e como elas influenciam as estruturas da sociedade.

Essa noção de historicizar os fatos religiosos apenas foi consolidada com a Escola Italiana da História das Religiões, em 1925 (AGNOLIN, 2008). Essa escola, inaugurada a partir da revista *Studi e Materiali di Storia delle Religioni* (SMSR), indicava a importância da análise histórica e defendia a necessidade de reconstruir a origem de um evento cultural. Sob essa ótica, aprimoraram-se as abordagens e ferramentas de pesquisa para investigar as religiões como produtos culturais, em contraposição a métodos comparativos considerados subjetivos. Assim, o diálogo entre as Ciências Sociais e a História passou a ser visto como crucial para uma compreensão mais abrangente do fenômeno religioso.

Nesse sentido, é válido partir da premissa de que tudo no campo religioso é um produto histórico cultural. O dever do historiador é olhar para o texto bíblico, enquanto documento histórico, como produto humano e não de origem divina. Dessa forma, é possível dimensionar a quantidade de variáveis no campo de pesquisa, uma vez que é passível de erros, inclusive de tradução, e até mesmo há uma intencionalidade de quem escreveu, selecionou, manteve guardado e divulgou os textos em coletânea. Evidentemente, não se objetiva questionar ou desqualificar uma crença, mas entendê-la.

A partir disso, é possível identificar a complexidade do objeto cultural e a maneira na qual há a condução para uma estrutura cultural institucionalizada, bem como analisar a maneira que as pessoas pensam e agem a partir de uma moral constituída. Entretanto, para contemplar esses elementos é preciso considerar a produção de jornais, relatos orais, receitas e outras formas de testemunho e outras formas de produção humana como documentos históricos. Isso apenas foi possível, conforme aponta Benatte (2008), em virtude com a defesa da interdisciplinaridade e ampliação de fontes realizada pela Nova História.

O campo historiográfico da História Cultural das Religiões é relativamente recente, posto que foi consolidado a partir da década de 1990, quando tiveram pesquisas desenvolvidas a partir do que postularam Huizinga, Burckhardt, Marc Bloch e Pettazzoni que deram base e espaço para o desenvolvimento da HCR (PETERS, 2015). Esses trabalhos possibilitaram o desenvolvimento de recursos teóricos e metodológicos em torno da História religiosa, uma vez que colocaram em xeque a percepção positivista de trabalho histórico, ampliando as análises realizadas

pelos historiadores. O que antes eram considerados temas exclusivos de antropólogos e sociólogos, passaram a ser contemplados pela historiografia.

Segundo Proença (2008), a denominação religiosa neopentecostal apresenta práticas singulares, em virtude do imbricamento com a teologia da prosperidade, a ênfase no combate aos demônios, a flexibilização de vestimentas e adornos, bem como o uso massivo dos meios de comunicação de massa, exigindo novas abordagens metodológicas na historiografia. Ao ampliar a perspectiva metodológica e o conceito de documento histórico, faz-se possível utilizar entrevistas, etnografia, análise de programas televisivos e outras formas de investigação que - uma vez incorporadas à historiografia - contribuem para ampliação da perspectiva do objeto de estudo à luz da História Cultural.

Nesse sentido, o estudo no qual este trabalho se propõe gira em torno do neopentecostalismo, vertente religiosa bastante complexa por incorporar discursos modernizadores, mas ao mesmo tempo por reproduzir estruturas culturalmente já consolidadas. Desse modo, a fim de contemplar a amplitude dessa denominação religiosa, é necessário acabar fontes históricas cuja origem sai do tradicionalmente consolidado na historiografia. Isso porque incorporar uma análise de observação participante, por se tratar de um tema do tempo presente, assim como utilizar os meios de comunicação produzidos pelas próprias igrejas é essencial para uma análise multifacetada.

É relevante ressaltar, sobretudo, a importância desse campo de pesquisa no contexto da História das Religiões contemporânea ou recente, quando a análise histórica se mistura à etnografia no trabalho de campo, como argumenta Benatte (2008). No caso do objeto de estudo proposto por este trabalho, investigar percebendo as práticas religiosas a partir da percepção dos fiéis é essencial para poder confrontar com outras fontes. A imersão do pesquisador nessa realidade possibilita ter atenção a elementos que poderiam não ser contemplados caso a análise fosse a partir do que é filmado, uma vez que nesse caso há a seleção do que será ou não exibido.

Além disso, a etnografia viabiliza a percepção da cultura religiosa *in loco*, já que não altera as dinâmicas naturais do contexto. Essa percepção já é diferente da entrevista, visto que quando o pesquisador se identifica como tal já altera a forma de pensar e agir no ambiente. Dessa forma, a HCR deve ser consolidada a partir dos instrumentos necessários sem diminuir o valor das fontes históricas realizadas a

partir da História Oral, posto que são necessárias para discutir instituições, ritos e práticas religiosas que se inserem na História do tempo presente.

A utilização de métodos já consolidados em outras áreas do conhecimento, estimulada pelos historiadores da escola dos Annales, contribui para um novo entendimento de História das Religiões, uma vez que permite análises multidisciplinares (SILVA; MANCINI, 2017). No caso do neopentecostalismo, a análise do discurso é um exemplo fundamental para compreensão dos testemunhos religiosos e da narrativa voltada à teologia da prosperidade no contexto dessa vertente religiosa. No entanto, para realizar um bom trabalho é preciso contar com outros campos do conhecimento, inclusive a linguística.

No que se refere aos sentidos atribuídos nas pesquisas elaboradas a partir da perspectiva da HCR, é preciso partir da premissa de que os símbolos culturais são ressignificados de acordo com o contexto. É muito comum, por exemplo, as igrejas neopentecostais realizarem “sessões de descarrego”, ritual tradicionalmente atribuído às religiões afro-brasileiras para livrar as pessoas de influências energéticas negativas. Evidentemente, há uma linha tênue entre a intencionalidade de inserir elementos já pertencentes a outros credos para dar legitimidade, ao passo que no mesmo espaço se atribui uma imagem depreciativa com relação a outros elementos das mesmas crenças religiosas.

Se por um lado as igrejas neopentecostais utilizam termos como “descarrego” para designar uma ação positiva de livrar o indivíduo da influência dos demônios, baseadas em religiões de matrizes africanas, por outro utilizam entidades dessas mesmas instituições religiosas para atribuir um significado negativo, através da personificação do demônio. É frequente que em agências religiosas da Igreja Universal do Reino de Deus evoquem Exu para representar um canal de comunicação direto com o Diabo, a fim de “exorcizar” pessoas que estão tendo influência dessa entidade.

Nesse sentido, a abordagem da História das religiões deve levar em consideração o conceito mais ampliado de cultura, bem como precisa contemplar o dinamismo inerente às práticas culturais. A todo momento novos elementos são incorporados e/ou ressignificados, impossibilitando tratar o contexto religioso como estático e homogêneo. O trabalho historiográfico não tem o objetivo de julgar, classificar ou hierarquizar essas trocas culturais, mas analisar as construções discursivas que as motivam.

Conforme defende Silva (2011), a História cultural das práticas religiosas deve buscar compreender a construção da categoria abrangente "a religião" como um conjunto cultural com significados diversos, explorando interações, influências, interseções, disseminações, fusões e sincretismos. Desse modo, o discurso e a prática social precisam ser considerados com o fito de abarcar as diferentes realidades e subjetividades do contexto religioso.

No caso das igrejas neopentecostais, cujo discurso é alicerçado nas perspectivas de prosperidade e no vínculo imagético ao Diabo, é de mister importância levar em consideração os atores que interagem com a vida do fiel. Isso porque fatores socioeconômicos, por exemplo, influenciam diretamente a percepção das pessoas sobre o espaço religioso, uma vez que o discurso é construído com base em problemas reais do público o qual frequenta. Ademais, ideologias mais conservadoras em virtude da criação desenvolvida pela família e pelo processo de escolarização também impactam na maneira de compreender a questão religiosa.

O fato é que a História Cultural das Religiões possibilita ampliar o debate historicizado, uma vez que se distancia da narrativa histórica confessional, na qual cada instituição religiosa escrevia sobre sua própria vertente religiosa, assim como permite ir além dos documentos oficiais e das metodologias tradicionais. Levar em consideração as diversas representações do universo cultural religioso viabiliza a construção historiográfica sem determinismos e a compreensão da dicotomia entre sagrado, profano e as ações não enquadradas, mas que interferem diretamente nas estruturas e instituições sociais, inclusive no âmbito político.

À luz do que foi exposto neste capítulo, percebe-se que o trabalho historiográfico, particularmente em torno das religiões, necessita abarcar as inúmeras facetas que a cultura impõe ao trabalho dos pesquisadores. Nesse sentido, a etnografia proporciona uma imersão cultural do historiador, imprescindível para melhor compreender o seu objeto de estudo e dimensionar os ritos, práticas e elementos presentes sem partir, necessariamente, de ideias já consolidadas na literatura e estereótipos previamente construídos.

A entrevista é uma ferramenta metodológica muito importante, uma vez que permite obter respostas à pergunta anteriormente pensadas que corroboram com os objetivos da análise. No entanto, na medida que se informa ao indivíduo que fará uma entrevista, altera o ambiente natural do local e, certamente, a postura do entrevistado. Isso porque ele sabe que o seu discurso será analisado, logo, pensa

previamente naquilo que fala, tornando a compilação dos textos do discurso relativamente mecanizada. A proposta da prática etnográfica, portanto, é justamente não modificar o curso natural do objeto de estudo, contemplando a espontaneidade por intermédio da observação participante.

Por outro lado, a partir dos discursos, é necessário pontuar que a análise do discurso exige a observação dos aspectos linguísticos e a historicização dos enunciados. Nessa perspectiva, há a presença da intertextualidade e da ideologia por trás das práticas discursivas, as quais jamais podem ser consideradas neutras. Dessa forma, há o imbricamento do que é dito com as situações históricas que se insere, uma vez que estão influenciando diretamente as ações políticas, culturais, sociais e econômicas.

A construção das relações enunciativas nas igrejas neopentecostais, por exemplo, dialogam diretamente com a noção de prosperidade que - por sua vez - é reflexo da política econômica neoliberal. Portanto, para analisar os discursos veiculados nessas agências religiosas é preciso levar em consideração o fio condutor que direciona a instituição e os seus fiéis a buscarem a aquisição de bens materiais, bem como quais as razões pelas quais os discursos são proferidos iniciam com pessoa afastada que ao se afastar da igreja chegou ao fracasso, em seguida o momento que passa a frequentá-la e, por fim, o momento no qual chega ao sucesso daquilo que almeja.

A partir do que foi exposto, percebe-se a necessidade de uma perspectiva ampliada acerca da História Cultural das Religiões, bem como dos recursos teórico-metodológicos empregados neste campo a partir da etnografia e da análise dos discursos. Nesse sentido, após ter demarcado neste capítulo os fundamentos conceituais que devem orientar as análises da pesquisa, em diálogo com a História Oral, será necessário delimitar as características das igrejas neopentecostais mediante aos discursos de prosperidade. É esse enfoque que será dado no próximo capítulo, a fim de demarcar a Teologia da Prosperidade (TP), delimitar a conexão indutora do fiel na sua condição socioeconômica com as agências religiosas, bem como demonstrar as diversas formas de utilização da imagem do Diabo para legitimar a força enunciativa nesses espaços.

3 O TRANSPENTECOSTALISMO EMERGE FRENTE AO DISCURSO DE PROSPERIDADE

O transpentecostalismo, movimento religioso que emergiu através da renovação pentecostal ocorrida a partir da década de 1950, é pautado nas múltiplas experiências individuais que envolvem curas, superação de vícios e prosperidade material. Segundo Freston (1993), a emergência das igrejas pentecostais partiu de três ondas: a primeira corresponde à década de 1910, com o surgimento da Congregação Cristã e, posteriormente, da Assembleia de Deus, em 1911; a segunda onda foi caracterizada nos anos 1950 e início de 1960, a partir do surgimento de igrejas com concepções teológicas muito semelhantes à primeira onda, apenas mudando o foco para as práticas de cura, enquanto a primeira tinha o enfoque nas línguas; já a terceira onda pentecostal, iniciada na década de 1970, legitima os discursos voltados à Teologia da Prosperidade, sendo conhecidas como neopentecostais, como é o caso do Igreja Universal do Reino de Deus.

Essa concepção de estudo em torno das igrejas neopentecostais parte da perspectiva metafórica das ondas, passando a ideia de um movimento fluido. No entanto, diferentemente das correntes marítimas, que avançam e retornam, o transpentecostalismo deve ser tratado a partir da indissociabilidade de cada fase, ou seja, um movimento que deve ser percebido a partir do caráter da continuidade e não do rompimento eventual. A separação, embora seja positiva para fins didáticos, passa a noção de que houve um recuo e retorno constante, o que não corresponde exatamente com a complexidade histórica dessas agências religiosas.

Ademais, é preciso questionar a própria nomenclatura “neopentecostalismo”, a qual foi propagada pelas pesquisas desenvolvidas por Freston (1993). Do ponto de vista linguístico, o prefixo “neo” passa a noção de um novo pentecostalismo, visto que se distinguiria por características próprias como uma postura mais liberal em relação aos costumes - quando comparadas às ondas anteriores - e atividades extra-igreja. No entanto, Moraes (2010) argumenta que o termo não se sustenta mais, na medida em que essas agências religiosas enquadradas nesse movimento não são tão diferentes das demais, configurando o neopentecostalismo como um “conceito-problema”, já que não corresponde a algo, de fato, inovador.

O prefixo do termo sugere, no campo semântico, a ideia de algo “novo”, ou seja, que essas igrejas são uma espécie de renovação ou “nova onda” do

pentecostalismo, quando na verdade essas igrejas têm suas próprias origens e desenvolvimentos distintos. Algumas dessas igrejas surgiram como dissidências de denominações pentecostais mais antigas, enquanto outras foram fundadas por líderes que não têm nenhuma conexão com o movimento pentecostal. Ademais, se essas religiões representam uma novidade no campo religioso desde a década de 1970, torna-se extremamente difícil caracterizar o que está surgindo mais recentemente.

Mediante a essa crítica, o autor supracitado sugere a utilização do termo “transpentecostalismo”, já que é uma palavra na qual o prefixo sugere algo que está em constante transformação. O debate é assertivo, posto que realmente o cenário hodierno dessa vertente religiosa é muito mais de mudança e constante ressignificação que algo inédito. A substituição do termo, portanto, é válida, sobretudo porque a força linguística de um conceito faz, de fato, diferença na compreensão do objeto de análise. Todavia, isso não quer dizer que o termo ‘neopentecostal’ seja invalidado, pois também compreende significados que conduzem as igrejas que se deseja tratar.

Nesse sentido, é muito improvável haver um consenso em torno do conceito de transpentecostalismo. Isso porque é usado de maneira ampla e genérica, abrangendo várias denominações e movimentos distintos que, embora façam parte de contextos semelhantes, constituem novas formas de compreender e de realizar as práticas religiosas. Esse termo inclui uma grande variedade de igrejas, desde aquelas que se concentram em curas divinas e milagres até aquelas que adotam uma abordagem mais pragmática e empresarial. Isso pode levar a generalizações injustas e imprecisas sobre essas igrejas e seus membros.

Desse modo, é necessário um cuidado ao abordar as características e o conceito do transpentecostalismo, a fim de deixar evidente as instituições das quais deseja-se contemplar na narrativa. Neste estudo, por exemplo, a ênfase se dá em torno da Igreja Universal do Reino de Deus. Entretanto, é válido ressaltar que embora as três instituições possuam elementos em comum às demais igrejas neopentecostais, ainda há diferenciações que serão compreendidas posteriormente a partir da análise da IURD.

De acordo com Patriota (2008), as igrejas pentecostais no primeiro momento eram mais rígidas e radicais em relação aos costumes religiosos. Algumas

denominações, como a Assembleia de Deus, proibiam seus seguidores de consumirem mídia como rádio ou televisão - algo que gradualmente tem sido flexibilizado, inclusive com a inclusão de várias denominações em plataformas online e offline. Por outro lado, o transpentecostalismo é conhecido pela ampla utilização de canais e plataformas midiáticas. Esse investimento proporciona uma maior amplitude e alcance de fiéis pelas agências religiosas. Além disso, há uma maior tolerância em relação à vestimenta e ao comportamento dos frequentadores dessas igrejas.

Moraes (2010) já parte da ideia de que a igreja ter surgido na década de 1970 não é suficiente para ser enquadrada nesse último modelo teológico pentecostal, intitulado de transpentecostalismo, visto que necessita demonstrar uma orientação mais liberal e dispor de atividades extra-igreja que não eram bem-vindas nas correntes mais clássicas. Essa atuação diferenciada varia desde práticas empresariais até manifestações políticas. Nesse sentido, objetiva-se neste capítulo discutir acerca da emergência das igrejas neopentecostais e suas facetas frente à imagem do Diabo, à ideia de prosperidade material e da cura, bem como ao imbricamento com os fatores históricos que consolidaram a política econômica neoliberal no Brasil.

3 ANÁLISE HISTÓRICA E CONCEITUAL DO TRANSPENTECOSTALISMO

O transpentecostalismo pode ser caracterizado como uma expressão religiosa que emergiu a partir da renovação pentecostal nos anos 1950. As igrejas transpentecostais, por sua vez, enfatizam a experiência individual de Deus, o qual advoga por causas particulares por intermédio da Igreja, e realizam a construção discursiva a partir fé, da figura do Diabo e das curas proporcionadas pelo pacto⁴ entre os fiéis e as instituições religiosas. Mediante às implicações na sociedade e no âmbito político, discutir o conceito do transpentecostalismo e suas características principais torna-se fundamental para compreender a complexidade do movimento e para dimensionar esses impactos.

De acordo com Pereira (2012), a década de 1980 foi destacada não apenas pelo progresso da democratização e pelos altos índices de inflação, mas também pela ampla implementação de práticas neoliberais. Esses mecanismos sociais vieram acompanhados de dogmatismos ideológicos e moralistas. Dessa forma, esses princípios, originados de uma perspectiva econômica, entrelaçaram-se com o cenário cultural brasileiro, incluindo o setor religioso. As igrejas neopentecostais oferecem uma espiritualidade mais próxima do cotidiano e uma promessa de sucesso material e financeiro para seus fiéis.

Nesse sentido, durante os governos militares houve um fortalecimento das bases necessárias para o florescimento do discurso e das práticas neoliberais, abrindo caminhos para o empreendedorismo e para as lógicas de capital estrangeiro. Já durante a década de 1980, o Brasil enfrentou uma instabilidade econômica e financeira, devido à crise e à inflação incontrolável. Esta situação afetou significativamente a vida das pessoas e dificultou o progresso econômico do país. A alta taxa de inflação tornou-se uma das maiores preocupações na época. Durante esse período, o Brasil passou por um momento de significativas alterações na esfera econômica, na tentativa de solucionar a crise financeira e controlar a instável inflação.

Embora tenham sido implementadas diversas medidas, elas não obtiveram resultados eficazes e a inflação manteve-se como uma questão persistente até o

⁴ A Teologia do Pacto é proveniente das ideias de Robert McAlister na Igreja Nova Vida. Não tinha, no entanto, a imagética criada pela Teologia da Prosperidade presente na Igreja Universal, pois pregava a conexão com a Igreja, mas não tinha tanto apelo para as questões de ordem material.

início da década de 1990. Foi então que o país adotou uma estratégia de estabilização financeira e uma política monetária renovada. Entretanto, é válido salientar que os momentos de crise são sempre uma força motriz para que os discursos que prometem a melhoria das condições sociais surjam e ganhem força rapidamente. Nesse sentido, além das políticas econômicas que foram adotadas, emergiu uma série de igrejas alinhadas ao discurso de prosperidade no final da década de 1980.

O Governo de Fernando Collor de Mello (1990-1992) foi decisivo na promoção da produtividade econômica no Brasil ao estabelecer o plano "mercado livre" (LIMA, 2007). Foi nesse momento que os discursos em torno de ideias como empreendedorismo ganharam força no Brasil. Eleito a partir das promessas de modernidade e de superioridade do mercado em relação ao Estado, Collor deu continuidade ao processo de liberalização comercial e privatização das estatais (BRESSER-PEREIRA, 2003). Nesse contexto, as igrejas passaram a se apropriar dos valores e conceitos neoliberais, como a busca pelo sucesso financeiro e pessoal, para atrair novos fiéis e consolidar sua presença no mercado religioso.

Posteriormente, conforme defendeu Andrade (2021), a ideologia neoliberal ganhou espaço para se consolidar no Brasil na medida que foi encarada como solução para a crise da dívida externa e da inflação descontrolada, com o objetivo de abrir a economia nacional e conectá-la aos mercados financeiros e comerciais mundiais. O Plano Real precisou estabilizar a moeda, então foi necessário atrair fluxos de capital financeiro para reforçar as reservas. Com isso, os discursos em torno da possibilidade de ser dono do próprio negócio e de prosperar no novo quadro econômico ficaram cada vez mais frequentes.

Esse cenário favoreceu o crescimento e a influência do transpentecostalismo, o qual valoriza o sucesso financeiro e material através do empreendedorismo. Assim, foi criado um ambiente propício para a emergência de uma nova vertente do protestantismo, que incentiva o consumo. Essa característica atraiu muitos fiéis transpentecostais, visto que enxergavam na igreja a possibilidade de prosperidade material. Nesse ínterim, havia todas as circunstâncias ideais para a ascensão de projetos que estivessem alinhados aos interesses da perspectiva econômica neoliberal.

As instituições religiosas transpentecostais se apresentam como uma alternativa ao modelo tradicional de religião, oferecendo uma espiritualidade mais

próxima do cotidiano e uma promessa de sucesso material e financeiro para seus fiéis. Desse modo, a valorização do individualismo e do consumismo promovida pelo neoliberalismo favorece a atuação dessas igrejas, uma vez que se apresentam como capazes de proporcionar sucesso pessoal e material aos indivíduos que se propõem a seguir as diretrizes das agências religiosas as quais frequentam.

As igrejas transpentecostais têm ganhado espaço como atores econômicos relevantes, com forte presença no mercado de mercadorias e prestações religiosas. Isto abrange a comercialização de livros, mídias audiovisuais, produtos de beleza, e até alimentos. Além disso, elas têm colocado recursos em empresas e empreendimentos imobiliários, conferindo-lhes ainda mais capacidade econômica. Entretanto, a atuação dessas instituições no âmbito neoliberal vai muito além, visto que estimula os fiéis a se tornarem empreendedores, havendo - inclusive - dias de cultos voltados aos empresários e correntes específicas para levar a prosperidade para as empresas.

As igrejas transpentecostais no Brasil, portanto, são uma ilustração do impacto do neoliberalismo na religião. Elas têm incorporado valores e conceitos neoliberais, como a busca por sucesso financeiro e pessoal, atraindo novos seguidores e fortalecendo sua posição no mercado religioso. A mensagem primordial dessas igrejas, que enfatiza o empreendedorismo e a riqueza material, alinha-se às lógicas mercadológicas, fortalecendo a ideia de que o sucesso financeiro é equivalente à realização pessoal e espiritual.

De acordo com Toledo e Cazavechia (2021), o crescimento do capitalismo na América Latina, sob a perspectiva neoliberal, levou ao surgimento de igrejas eletrônicas baseadas na indústria de mídia, como é o caso das igrejas neopentecostais. Isso aumenta sua capacidade de engajar seus seguidores em torno de suas crenças e perpetuar uma cultura religiosa com fortes influências políticas. Isso porque há uma ampla rede de mídias que consegue contemplar um grande número de fiéis e captar as mais diversas linguagens dos diferentes contextos sociais.

Partindo para uma análise das características do movimento religioso, Anderson (2004) afirma que a fase do pentecostalismo que legitima uma faceta carismática é identificado pela sua focalização na conexão íntima com Deus, na devoção e nas curas milagrosas. Ele também é renomado pelo seu espírito ecumênico e pela sua habilidade de se ajustar a ambientes sociais e culturais

diferentes. Adicionalmente, o transpentecostalismo tem chamado atenção por sua perspectiva positiva da vida, destacando o otimismo e a expectativa mesmo diante de desafios. Desse modo, as características citadas tornam essa denominação religiosa de grande impacto, pois consegue adentrar nos mais diversos campos culturais no Brasil, seja de ordem econômica ou social.

3.1 A PROMESSA DE PROSPERIDADE

A Teologia da Prosperidade é doutrina cristã que defende um conjunto de ensinamentos que destaca a conexão entre crença e riqueza material, propondo que o sucesso financeiro é uma dádiva de Deus e que a de fé pode possibilitar superar pobreza e as mazelas terrenas. Embora esse conjunto de ensinamentos tenha sido disseminado por líderes religiosos evangélicos nos Estados Unidos a partir dos anos 50, essa maneira de pensar no meio religioso se tornou destaque nas igrejas neopentecostais brasileiras.

Conforme defende Bowler (2018), a Teologia da Prosperidade tem suas raízes no pensamento de líderes religiosos no final do século XIX, que associavam a riqueza material à virtude e à bênção divina e se consolidou com as igrejas pentecostais no contexto após a Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos. A historiadora argumenta que essa perspectiva teológica, a qual pode ser observada nas agências religiosas neopentecostais, converge nas ações dos líderes religiosos pentecostais, no Movimento Novo Pensamento - o qual representa crenças metafísicas que defendia o pensamento positivo no século XIX, assim como no “sonho americano” de prosperidade individual a partir de um discurso de meritocracia.

Nesse sentido, as bases para o florescimento da Teologia da Prosperidade nas igrejas neopentecostais brasileiras estão profundamente enraizadas na cultura americana. É natural a propagação de discursos que defendem a ideia de que “querer é poder” ou que “nada é impossível para Deus”, dentre outras expressões que apontam para um imaginário social de vias pautadas de que através da crença é

possível melhorar de vida ou alcançar determinados objetivos. Dessa forma, há no Brasil um solo extremamente arado e promissor para que a Teologia da Prosperidade fosse inserida e consolidada na cultura religiosa.

Nesse sentido, o transpentecostalismo enxerga a prosperidade como uma bênção de Deus que pode ser conquistada por meio de práticas religiosas como o dízimo, ofertas e sacrifícios financeiros. Desse modo, torna-se possível agregar as crenças populares em um *ethos* religioso bem demarcado. Conforme pontua Bitun (2009), as igrejas neopentecostais disseminam discursos que rejeitam a possibilidade do indivíduo permanecer na pobreza e nos problemas ligados à saúde, elevando a instituição religiosa ao patamar de um lugar no qual é possível prosperar.

Essa perspectiva teológica evidencia plenamente a habilidade de almejar a posse da 'herança divina' por meio da aquisição, desfrute e gerenciamento de recursos materiais, de objetos tangíveis que representam uma ascensão social, riqueza e sucesso (RODRIGUES, 2003). A busca incessante por bens, portanto, é legitimada pelo discurso de que o templo religioso possibilita a prosperidade na medida em que há o cumprimento de ações indicadas pela igreja que são colocadas como vontade divina, como é o caso da devolução do dízimo.

Segundo Quitério (2019), a desigualdade social no Brasil promove a abertura necessária para o ensinamento - por parte dos grupos religiosos - da teologia da prosperidade, uma vez que vende a ideia de que é possível resolver de maneira concreta problemas como doenças, fracassos, dores e insucesso. Dessa forma, o poder exercido sobre os fiéis para frequentarem a igreja seguem a conduta apresentada pelos pastores emerge da promessa de bênçãos capazes de transformar as suas vidas, sobretudo naquilo que representa um empecilho à prosperidade.

É muito evidente que essa perspectiva teológica é ancorada nas lógicas capitalistas vigentes, sobretudo no que se refere à política econômica neoliberal. Nessa perspectiva, há um estímulo ao consumo e à aquisição de bens materiais que representam quem um indivíduo é na sociedade. Nessa sociedade, o ser humano

não é julgado por quem é ou pelo que faz, mas pelo que demonstra possuir. A prosperidade e a aquisição de bens, portanto, são incentivadas como forma de manter uma imagem de sucesso pessoal e social.

Esse cenário dialoga com as lógicas do sistema capitalista, uma vez que os discursos propagados nesse meio são de incentivo ao consumo religioso e à busca por bens materiais. Conforme pontua Coelho (2018), o discurso religioso é capaz de reforçar as estruturas do *status quo* do capitalismo, justificando as desigualdades sociais nele presentes. Por outro lado, o que é dito nesses espaços também pode conferir ao templo religioso uma maneira de obter mérito para ascensão no plano financeiro.

Durante sua análise econômica, o filósofo marxista francês Guy Debord (2003) intitulou de 'Sociedade do Espetáculo' o contexto social pautado demasiadamente nas imagens como forma de atender às demandas do mercado capitalista. Nessa perspectiva, o campo religioso neopentecostal é marcado por diversas formas de afirmação imagética, notoriamente produto do ato de consumir. A fé é legitimada a partir da capacidade que os fiéis têm de projetar a igreja como uma forma de ascender social e economicamente.

Dessa forma, o indivíduo que consegue alcançar os seus objetivos materiais e conta sua história através de um testemunho religioso é bem visto dentro das agências religiosas por contribuir com uma imagem muito valiosa para as lógicas do mercado religioso. A ação de relatar a experiência pessoal para compartilhar a noção de que o sucesso é possível através da igreja faz com que multiplique rapidamente o investimento de tempo e dinheiro nesses espaços.

O simples fato de estampar a imagem de que são locais de cura e ascensão material já se pode considerar como a espetacularização da religião, sobretudo na medida que os discursos religiosos das instituições neopentecostais são veiculados pelas mídias sociais. A sociedade do consumo na contemporaneidade valoriza bastante aquilo que aparece, pois há a impressão de que realmente é algo bom e

confiável. Multiplicar os meios imagéticos nesta sociedade, portanto, é o alicerce para a expansão do mercado religioso alicerçado na ideia de prosperidade.

No entanto, apesar de inúmeras pessoas passarem por dificuldades financeiras, jurídicas e de saúde, o que levaria elas a acreditarem que a igreja pode ser um espaço para romper com essas dificuldades e superá-las? Para responder a esse questionamento é preciso analisar o fio condutor da perspectiva de prosperidade como possibilidade concreta e atrativa para os fiéis: os testemunhos religiosos. Quando as pessoas ouvem rumores de que determinado produto pode atender a alguma demanda pessoal, é comum que elas busquem saber a opinião de pessoas que já experienciaram o produto ou serviço.

Para ficar mais evidente, imagine que uma pessoa deseja fazer uma viagem para fora do estado onde reside. Nesse sentido, precisaria de uma mala, das passagens aéreas ou terrestres e de um local para se hospedar. Se a pessoa ainda não tivesse uma mala apropriada, poderia comprar por meio de sites da *internet*. Inevitavelmente, durante sua busca, é muito provável que fosse investigar a confiabilidade do site, do produto o qual quer adquirir e da empresa ou pessoa física que está vendendo. Uma boa maneira de descobrir isso é através dos comentários de pessoas que já compraram o mesmo produto nessa mesma plataforma.

Caso muitas pessoas contassem uma boa experiência na compra, o grau de credibilidade e confiabilidade provavelmente seria maior, viabilizando que fechasse negócio. O mesmo aconteceria no momento de reservar a hospedagem em plataformas como o Airbnb, no qual possui uma gama de possibilidades de apartamentos e casas para serem alugadas por temporada. Nesse site é possível visualizar a opinião de outras pessoas que já se hospedaram em um determinado lugar.

O caso das igrejas que prometem prosperidade financeira e o êxito nas mais diversas questões pessoais não é diferente. As pessoas levam muito em consideração os testemunhos das pessoas que passaram a frequentar as agências religiosas por motivos específicos e que confirmam ter alcançado aquilo que

almejavam através dessas instituições. É notório, portanto, que o sucesso da TP na aquisição e manutenção dos fiéis depende diretamente das experiências compartilhadas nos próprios templos religiosos, nos canais de televisão e nas mídias sociais.

As pessoas são induzidas pelas promessas as quais indicam a possibilidade de sair de uma situação negativa na qual vivenciam, caso sigam os passos recomendados pela Igreja. Todavia, é válido salientar que os fiéis não podem ser considerados vítimas indefesas que caem na armadilha (SALINAS, 2017). Pensar dessa maneira seria totalmente reducionista, visto que a fé é intrínseca à subjetividade humana e consolida uma noção de verdade. Nessa perspectiva, os sujeitos históricos constroem a forma de enxergar o mundo baseado nas experiências e na imersão em uma determinada cultura, isto é, é apenas mais uma maneira de compreender a realidade e de realizar ações espontaneamente nesse sentido.

3.2 HISTÓRIAS DE VIDAS INSPIRADORAS

Não é novidade que uma boa história de vida pode influenciar o modo de pensar e agir de uma pessoa. Basta lembrar dos inúmeros filmes que assistimos todos os dias e perceber que as narrativas felizes e até mesmo as tristes são capazes de nos impactar de alguma maneira. Em um mundo que as redes sociais tomaram conta das relações interpessoais, isso fica ainda mais evidente. É muito comum que os *digital influencers* exponham histórias de vida bem-sucedidas, indicando os possíveis caminhos para alcançar o mesmo sucesso e vendendo uma ideia ou produto considerado capaz de impactar aquele indivíduo que o acompanha.

É frequente o apreço e o estímulo aos testemunhos religiosos nas igrejas transpentecostais. Através dessas narrativas, torna-se possível mostrar aos demais fiéis que eles podem obter a prosperidade e solucionar os problemas pessoais por intermédio da instituição religiosa. Nesse sentido, é pouco provável que um membro da igreja se dirija ao altar para discursar que sua vida continua com os mesmos problemas, embora tenha seguido as orientações indicadas pelos pastores. Por

outro lado, vários enunciados surgem no sentido de convencer as pessoas presentes que é possível alcançar o sucesso nesse espaço religioso.

Conforme apontam Almeida e Patriota (2019), as agências religiosas neopentecostais estão alicerçadas na capacidade persuasiva dos testemunhos religiosos, os quais permitem ao “fiel-ouvinte” a sensação de compatibilidade e inspiração, uma vez que são apresentadas vidas de êxito, mesmo após terem enfrentados problemas de diversas naturezas. Essas dificuldades podem, naturalmente, ser muito próximas daquelas enfrentadas por quem ouve o discurso. Dessa maneira, causa a impressão de que a perspectiva de sucesso deve ser uma meta e, para isso, é necessário seguir o passo a passo da vida exemplar exposta.

Casaqui (2015;2016) defende um conceito de suma relevância para pensar a temática em torno dos testemunhos religiosos nesse âmbito: a “Cultura da Inspiração”. Ele pontua que dentro da cultura religiosa a inspiração discursiva é intrínseco ao fenômeno religioso testemunhal, uma vez que isso gera a percepção de que o indivíduo faz - de fato - parte daquele contexto. Isso porque são questões colocadas por pessoas comuns que têm vivências muito semelhantes aos demais fiéis. Logo, se foi possível que o enunciador prosperasse, imediatamente torna-se natural que o ouvinte também pense que pode chegar no objetivo almejado.

Os discursos nesse sentido servem de motivação para que as pessoas permaneçam no ambiente religioso, posto que visualizam possíveis benefícios. As histórias de vida contadas pelas pessoas servem também de inspiração para que tomem as mesmas ações daqueles que atingiram a prosperidade por meio da Igreja. Nesse sentido, esses enunciados são capazes de moldar comportamentos, já que para atingirem o sucesso prometido pelas agências religiosas, é necessário seguir todas as recomendações. Desse modo, além de fazer com que as pessoas acreditem que podem crescer social e economicamente, também modificam o jeito de pensar e agir.

É possível refletir acerca dessa crença nos discursos a partir do conceito *Day Dream*⁵ do sociólogo Colin Campbell (2001). Ele argumenta que o consumidor moderno, diante dos meios de comunicação em massa, passa a ‘sonhar acordado’ através dos signos que representam o produto material e/ou simbólico que almeja.

⁵ No contexto transpentecostal, liga-se bastante com a perspectiva da Cultura da Inspiração, posto que a inspiração aos fiéis de materialidade discursiva - presente nos valorizados testemunhos religiosos - está alicerçada nesse universo religioso.

Nessa perspectiva, os testemunhos religiosos nas igrejas neopentecostais estão alicerçados nessa ideia de uma sociedade consumista, uma vez que os indivíduos sentem a necessidade de aquisição de bens. O reforço da ideia de que pela via religiosa é possível a obtenção de riquezas é de suma importância para manter a vontade de estar nesses espaços.

No entanto, é de mister importância refletir sobre as razões pelas quais as pessoas se tornam entusiastas dos discursos de prosperidade nas agências religiosas transpentecostais. Essa é uma questão extremamente complexa, posto que envolve estruturas culturais, políticas e econômicas da sociedade hodierna. Na tentativa de explicar melhor como há a consolidação dessa ideia entre os fiéis, serão discutidos quatro principais pilares: 1) A perspectiva das práticas culturais no sistema capitalista; 2) A natureza precária da vida; 3) O poder do discurso; 4) A apreensão dos signos.

Há mais de 120 anos, o sociólogo Max Weber já havia discutido sobre a relação entre o protestantismo e o sistema capitalista cada vez mais consolidado. Segundo Weber (2004), o 'espírito capitalista' gira em torno de uma racionalização referente ao capital fundamentado em valores morais e religiosos, ou seja, ao defender a ideia de vocação e de enxergar o trabalho como um dever, a religião protestante sustenta a concepção primordial do capitalismo - o lucro. A busca por riquezas, portanto, não deve ser considerada pecado, uma vez que faz parte do projeto divino pela ascensão material individual.

Boltanski e Chiapello (2007), na obra *The New Spirit of Capitalism*, percebem uma nova forma de organização do 'espírito do capitalismo' na contemporaneidade, o qual é imbricado em diversas crenças que corroboram para sustentar a estrutura capitalista. Variadas são as formas de consolidar culturalmente o capitalismo através das instituições religiosas, visto que são capazes de educar as pessoas para pensarem de uma determinada forma, fazendo com que acreditem que necessitam seguir condutas ou reproduzir ações pertinentes dentro das lógicas do *status quo*.

É possível questionar até que ponto o indivíduo tem autonomia na sua maneira de enxergar o mundo. Conforme pontos Castoriadis (1992), a autonomia é a capacidade que um indivíduo tem de falar por si mesmo, elaborando o próprio discurso e não meramente reproduzindo o que foi socialmente posto pelos instituintes. De modo geral, não é possível haver uma concepção autônoma totalmente própria no campo individual, sendo imprescindível um imaginário coletivo

como consideração do real. Esse modo de pensar salienta que há um cordão umbilical entre instituintes e instituídos que dificulta o reconhecimento do processo de morte de uma determinada instituição.

Nessa perspectiva, a formação de pensamento das pessoas é mediada e sistematicamente controlada pelas instituições. Assim como uma escola que deve seguir um currículo definido nacionalmente, o qual orienta o modelo de cidadão desejado em uma determinada sociedade, bem como apresenta normas a serem seguidas pelos instituintes para moldá-los conforme se acha necessário, as igrejas também têm mecanismos de controle. A influência exercida sobre os fiéis pelas instituições religiosas, no universo contemporâneo e à luz da Teologia da Prosperidade, é responsável por formar um imaginário social que legitima a cultura capitalista.

As igrejas neopentecostais promovem a crença na possibilidade de prosperidade material para os fiéis, legitimada pela TP, independentemente das divisões e abismos sociais notoriamente presentes na sociedade brasileira. A mensagem disseminada é que por meio da igreja é viável o acúmulo de riquezas, alimentando o desejo das pessoas em concretizar esse processo. Assim, uma cultura é estabelecida, legitimando a crença e o comportamento em conformidade com os princípios capitalistas. Conforme apontado por Torres (2007), a expansão do neopentecostalismo nas últimas décadas está inserida em uma dinâmica cultural moldada pela acumulação de capital na periferia ocidental, fortalecendo as hierarquias que justificam as desigualdades sociais desses contextos.

Nesse contexto, emerge a percepção da fé fundamentada na ideia de consumo, por meio de promessas e estímulos para alcançar a prosperidade material e os prazeres terrenos. A cultura, portanto, dialoga diretamente com o sistema econômico na qual é desenvolvida. No universo religioso, há o reforço de práticas que ratificam a ideia de que é necessário buscar bens, a fim de alcançar um padrão de vida considerado de bem-estar e de demonstrar que tem um poder de compra que permite ter certo prestígio social.

Isso acontece, de certa maneira, pelo fato das pessoas serem enquadradas em rótulos por aquilo que possuem dentro do capitalismo. Ademais, é necessário se submeter às lógicas desse sistema econômico para manutenção de uma vida sem maiores dificuldades. As pessoas são julgadas por aquilo que possuem em termos

de bens materiais, ou seja, os parâmetros morais e institucionais acabam sendo moldados por raízes culturais que são imbricadas nos interesses em torno do capital.

Conforme pontua Butler (2015), as produções de enquadramento social dependem diretamente de como percebemos afetivamente as vidas. Nesse sentido, a vida é como um quadro que possui uma moldura na qual enquadra a obra. A forma como apreendemos e enxergamos o mundo, bem como a maneira na qual enquadrados as vidas são politicamente pautadas nas experiências que impactam os indivíduos, isto é, são em si operações de poder. Desse modo, as pessoas são enquadradas em valores morais e em ideologias que as orientam a todo instante, sobretudo quando submetidas ao processo de educação formal e/ou informal, quando há a formação dos sujeitos.

Entretanto, na medida em que há o rompimento dos enquadramentos, surgem outras possibilidades de apreensão. É por essa razão que quando uma pessoa deixa de usar drogas ou de ingerir bebidas alcoólicas e passa a frequentar a igreja passa a enxergar e ser enxergada de uma outra maneira. Deve-se atentar, no entanto, que há todo um processo de condução para criar um novo rótulo sob o indivíduo. As igrejas transpentecostais investem na veiculação midiática dos testemunhos religiosos, pois são capazes de legitimar um discurso em torno de ideias antagônicas.

A todo instante, são legitimadas imagens com noções totalmente contrárias: céu e inferno; pobreza e riqueza; Deus e Diabo; pecado e salvação; doença e cura; bem e mal etc. Comumente, há essa associação de contraditórios, nos quais não possuem meio termo, são realizadas dentro das igrejas neopentecostais. Essa é uma forma de realizar uma associação imagética de ações consideradas corretas, a fim de convencer que apenas serão alcançadas por intermédio dessas instituições. Logo, há uma sistemática organização para que os enquadramentos sejam realizados de modo internalizado, isto é, para que faça a pessoa acreditar que fora da igreja é um caminho oposto ao rótulo que deve ser almejado socialmente.

Ademais, toda vida é por natureza precária, uma vez que sua manutenção depende diretamente das condições sociais e políticas nas quais está inserida, bem como é mediada por normatizações (BUTLER, 2015). Partindo desse pressuposto, as pessoas acabam sentindo a necessidade de serem institucionalmente amparadas. Quando entram em contato com histórias de pessoas que atingiram a

prosperidade, elas sentem que ali podem garantir que viverão dentro das condições que necessitam.

O fato é que as pessoas não têm, muitas vezes, o poder de garantir a vida, uma vez que dependem diretamente se vão conseguir um emprego, se terão acesso a um bom acompanhamento médico para se manterem saudáveis etc. Essa precariedade intrínseca ao *status quo* faz com que as vidas inspiradoras testemunhadas a todo instante tenham ainda mais credibilidade entre os fiéis. Isso porque eles têm que acreditar que há algum tipo de amparo, nem que seja através das instituições religiosas, sobretudo quando o Estado é omissivo e não garante boas condições necessárias para uma vida plena.

Outro pilar que justifica a notória aderência das histórias de vida exemplares narradas nas igrejas neopentecostais é o poder exercido pelo discurso. Sobre a influência dos enunciados, Foucault (2012) demonstra que há um controle sistemático do discurso, inclusive para permitir a sua circulação em um determinado espaço, instituindo valores e verdades de um grupo social. Nesse sentido, é possível afirmar o exercício de poder através do discurso, uma vez que apresenta elementos de ordem classificatória, hierárquica e comparativa, os quais fomentam a produção da individualidade discursiva.

Os enunciados proferidos nas igrejas são capazes de delimitar a concepção de certo e errado, bem como a ideia de fracasso e sucesso. A partir disso, produz um regime de verdade institucional, no qual faz o indivíduo compreender que atingir determinado objetivo é necessário, mas apesar possível quando cumpridos todos os requisitos e recomendações da igreja. Quando um pastor ou um fiel constroem a narrativa de que para obter a cura de uma determinada doença é necessário - além de frequentar a igreja - participar de uma corrente⁶, na qual o indivíduo contribui financeiramente, há um efeito muito eficaz naquele que ouve o discurso, pois o que é dito nesses espaços é considerado uma verdade legitimada por pessoas do mesmo lugar de fala.

Os discursos selecionados têm direta relação com as dores das pessoas que ouvem diariamente esses enunciados. Por outro lado, são intencionalmente selecionados para passar na igreja aqueles testemunhos que representam o

⁶ Correntes são como iniciativas temáticas em que os seguidores se envolvem para obter algum tipo de bênção divina por meio de sua participação, como um ato de fé. Nessa situação específica, trata-se de uma corrente para se livrar de algo que está mantendo o fiel "aprisionado".

sucesso pelo caminho que a agência religiosa deseja que o fiel siga. Não são quaisquer palavras, portanto, que são permitidas dentro da igreja. É pouco provável que se veicula nos meios de comunicação e haja a permissão para discursar na igreja alguém que tenha seguido todas as orientações dos pastores, frequentando cotidianamente, que realizou a devolução do dízimo e ainda assim não tenha obtido sucesso.

Na obra *Microfísica do Poder*, o filósofo Michel Foucault direcionou sua pesquisa a partir de duas palavras: poder e saber. A partir da obra 'História da Loucura', escolheu tratar da prática psiquiátrica, visto que está ligada a uma série de instituições que influenciam as estruturas de uma sociedade. Nesse sentido, Foucault (2010) chega a conclusão de que existe uma construção do que se entende sobre loucura que é legitimada pelo saber. Por muito tempo, a prática médica considerou como louco muitas pessoas que hoje já não seriam mais enquadrados nessa nomenclatura.

A grande questão gira em torno de visualizar historicamente como se produzem efeitos de verdade no interior dos discursos, nos quais não podem ser considerados em si verdadeiros nem falsos (FOUCAULT, 2010). A noção de repressão não consegue abarcar o universo produtor do poder, mas o poder não pode ser visto meramente como uma autoridade que diz não, posto que está presente em todas as esferas da vida cotidiana.

Nessa perspectiva, no universo do cristianismo é possível observar uma lógica semelhante. Aquele que detém o saber bíblico utiliza esse fato como força discursiva para prover um altar imagético hierarquizado entre o líder religioso e o fiel. Desse modo, a escritura sagrada é considerada uma verdade a ser seguida e a interpretação teológica cuja denominação religiosa defende deve ser levada em consideração. Logo, cria-se mecanismos de controle por meio dos discursos que inspiram os indivíduos que os ouvem e que os fazem acreditar em histórias consideradas exemplares.

Essas teias de poderes estabelecidas dentro das instituições religiosas são responsáveis por mais um enquadramento social, visto que aquilo que é proferido pelos fiéis testemunhantes e pelos pastores é automaticamente considerado um enunciado verdadeiro e significativo. Caso a pessoa esteja fora daquilo que é apresentado, deve interpretar o relato pessoal como indicador do caminho que dele

trilhar para obter o êxito, pois se estabelece uma noção do que é ou não considerado uma boa conduta ou uma vida de sucesso e prosperidade.

Conforme pontuam Almeida e Patriota (2019), os testemunhos religiosos proferidos em agências religiosas neopentecostais têm capacidade persuasiva, uma vez que desempenham uma força retórica na qual há estímulos a desejos respaldados na convincente geração e inspiração de crenças. Nesse ínterim, o ambiente religioso passa também a ser um local de vontades as quais são ratificadas a todo momento pelo discursos em pleno exercício de poder.

Por outro lado, é preciso salientar que a apreensão dos signos é um outro fator que corrobora para explicar o entusiasmo das pessoas mediante aos discursos de ascensão material nas igrejas. A pluralidade dos signos que permite a diversidade de interpretações e de deciframentos, sendo necessário, portanto, estar sensível aos signos para entender as coisas (DELEUZE, 2003). Os signos não devem ser interpretados apenas enquanto representações de um significado estático, mas como entidades dinâmicas que possuem uma autonomia própria. Desse modo, a maneira de decifrar os signos é alterada na medida que há novas experiências.

No caso das instituições religiosas, o contato com as histórias exemplares produzem efeitos diversos, sendo possível destacar novas apreensões e, por consequência, a resignificação dos signos e da maneira de enxergar o mundo. Os significados (re)produzidos em torno das narrativas de progresso financeiro dialogam com a trajetória de vida pessoal das pessoas, bem como com os valores e os signos nos quais elas compreendem através da linguagem. No entanto, é válido salientar que esses elementos são limitados a estabelecer uma ligação direta com a coisa nomeada, uma vez que impactam diretamente o valor semântico dos contextos associados.

A palavra testemunho, por exemplo, no âmbito da Igreja, deve se relacionar com o termo religião. Se a compreensão sobre religião se modifica, certamente haverá outra noção acerca dos testemunhos religiosos. Quando uma história de vida considerada exemplar é proferida na agência religiosa, mediante a vários entendimentos de ordem teológica defendidos pelo pastor e embasados em preceitos bíblicos, o grau de aceitação é potencializado, pois o signo acerca da ascensão material é sustentado pelos discursos indutores da Teologia da Prosperidade.

3.3 A PERSONIFICAÇÃO DO DIABO

No processo de expansão e consolidação do cristianismo, houve o estabelecimento de um imaginário social em torno da figura do Diabo, a fim de enquadrar outras culturas em uma associação ao mal (MARCELINO, 2016). Nesse contexto, houve a introdução de signos dentro do universo religioso que culminaram em normas e valores morais taxativos, os quais demarcam uma dicotomia entre bem e mal. A grande questão é que há a naturalização de que a crença de um grupo social deve ser estendida à classificação de pessoas que pensam de maneira divergente, ou seja, a cultura fora da perspectiva cristã é deslegitimada e vinculada a elementos malignos, inclusive o Diabo.

Essa figura bastante recorrente nas narrativas do cristianismo é, assim como a imagem de Deus, uma construção cultural. Por essa razão, as instituições religiosas tendem a personificar o Diabo nas drogas, na atuação política da esquerda - quando convém politicamente -, no álcool, nos orixás ou quaisquer outros símbolos que são considerados como inimigos pelos líderes das igrejas. Desse modo, os discursos proferidos nesses espaços demarcam a construção de uma cultura que delimita o que deve ser demonizado. Esses enunciados são facilmente identificados em meios de comunicação oficiais dessas agências religiosas e nos testemunhos proferidos nesses espaços.

Segundo Marcelino (2016), durante o período da Igreja Média se estabeleceu uma delimitação imagética do mal que deveria ser combatido, ressaltando as práticas que eram consideradas heresias, as mulheres taxadas como bruxas, os demônios e o próprio Lúcifer. De modo geral, rejeitava-se tudo aquilo que fosse de encontro às ideias estabelecidas pela Igreja Católica. Na História das instituições religiosas cristãs, o diferente muitas vezes não foi tolerado. A consolidação de uma entidade que representa o maior mal possível é pertinente na medida que possibilita enquadramentos de condutas que percorrem o imaginário social.

O ponto chave para compreender o impacto dessa figura, de certo modo, religiosa, reside no entendimento de que é necessário expandir a fé àqueles que ainda não compreenderam o verdadeiro caminho da “salvação” e os valores conferidos por uma determinada religião. Desse modo, utiliza-se a demonização para estabelecer um regime de verdade no qual é composto por um grupo que já faz parte da instituição religiosa e, portanto, considera que está em um caminho posto

como legítimo, enquanto os indivíduos não pertencentes a esse contexto são vinculados à negatividade e à condutas a serem combatidas.

Conforme defende Almeida (2004), as sociedades medieval e a renascentista foram marcadas pelo generalizado medo do Diabo e do inferno, bem como pelos elementos supersticiosos e sobrenaturais. Na medida em que essa noção religiosa foi confrontada com o racionalismo do renascimento e, posteriormente, com os iluministas, essa figura passou a ser interpretada como reflexo das paixões e dos vícios dos seres humanos por parte das pessoas. Nesse sentido, há o início do questionamento do porquê determinadas atitudes devem ser consideradas erradas ou pecaminosas fora das lógicas cristãs e também passa a haver uma maior desconfiança das associações ao Diabo.

Durante o século XX, a imagem dessa figura religiosa passa a ser alvo das lógicas de consumo da sociedade pós-moderna. No campo artístico, a indústria cultural passou a incorporar e dar novos significados ao Diabo, inclusive em produções de Hollywood e das bandas de Heavy Metal (ALMEIDA, 2004). A entidade passa a ser apresentada de diferentes maneiras, desde monstruoso até interpretado como divertido ou persuasivo. Isso porque na sociedade do consumo o importante é transformar ideias e símbolos em mercadorias a serem consumidas, ou seja, formular enunciados que sejam atrativos para o ato de consumir dentro do contexto capitalista.

Por outro lado, Magalhães e Brandão (2012) postulam que o protagonismo do Diabo se deu a partir do domínio cultural cristão no ocidente e a literatura foi responsável por dar novos significados a essa figura de modo a forjar um imaginário social mais amplo e, por vezes, ambíguo. A característica polissêmica da palavra reside no fato de que essa criatura é representada de várias maneiras: séria; grotesca; assustadora; mal; profana; cômico etc. No campo literário e artístico, o que mais faz as pessoas se identificarem é quando incorporadas as características e vontades humanas comuns ao personagem.

Na vertente religiosa neopentecostal, o Diabo é incorporado à perspectiva da Teologia da Prosperidade, de modo que os discursos nas igrejas legitimam a noção de que a experiência de vida não exitosa dos fiéis se deve ao fato da influência dessa entidade e, inclusive, é colocado como responsável pela falta de devolução do dízimo (Souza; Abumanssur & Júnior, 2019). Nesse contexto, outras expressões

religiosas, formas diferentes de expressões econômicas, culturais e sociais são combatidas em nome da representação imagética da demonização.

As instituições religiosas defendem que para a obtenção de curas e ascensão material é necessário cumprir à risca os preceitos morais indicados pelas lideranças das igrejas e reforçam o dever em fazer a devolução do dízimo em nome da obra. Apenas essas circunstâncias são colocadas como o melhor caminho para melhoria dos aspectos mundanos. Desse modo, tudo que não esteja dentro dessa lógica de pensar é demonizado, havendo uma construção imagética em torno da figura do Satanás, o qual passa a ser considerado como responsável por todas as mazelas dos indivíduos.

A demonização de todos os grupos religiosos opostos ao Cristianismo dá início a um período de pedagogia do Medo, o demônio que era caricato passa a ser um inimigo com uma face, o rosto das comunidades que mantinham seus ritos tradicionais, que não haviam sucumbido ao Cristianismo; estes eram aliados do diabo e estariam no mundo unicamente para ajudar Satã em sua luta constante contra a Igreja (MARCELINO, 2016, p. 38).

Essa concepção é imbricada ao cristianismo desde sua institucionalização na Europa medieval, de maneira que se cria uma barreira a partir da crença e do medo. O caça às bruxas em uma perspectiva moderna reside na forma que se conduz o discurso, uma vez que se ameaça retirar o que há de mais valioso na sociedade cujo ato de consumir é essencial: a prosperidade material. A instabilidade emocional, financeira, de saúde e todos os infortúnios são terceirizados, retirando a responsabilidade plena do indivíduo e do contexto social e atribuindo a uma entidade.

A face maléfica e influente do Diabo é por diversas vezes relacionada à personificação de orixás e de elementos das religiões de matrizes africanas nas igrejas neopentecostais (SOUZA; ABUMANSUR & JÚNIOR, 2019). É válido salientar que essa associação acaba por reforçar pensamentos e ações preconceituosas, uma vez que - em perspectiva maniqueísta - se coloca o credo religioso de origem afro-brasileira como negativo e responsável pelas infelicidades terrenas. Desse modo, a instrumentalização da imagem do Diabo demonstra que os usos variam conforme objetivos políticos, religiosos, ideológicos e econômicos.

Conforme pontua Duarte (2019), o líder da Igreja Universal do Reino de Deus - Edir Macedo - considera os orixás, pretos velhos e erês como demônios ou ao menos intermediários destas entidades, ao passo que a IURD é colocada por ele

como o lugar certo para combatê-los. Nesse sentido, cria-se um campo discursivo consolidado a partir das dores dos fiéis que frequentam as agências religiosas neopentecostais. Os enunciados criam categorias antagônicas entre os que estão fadados ao fracasso pela influência do Satanás e aqueles que obtêm prosperidade e se livram das amarras do Diabo.

O fato é que os indivíduos possuem uma cultura, particularmente religiosa, diferente desse grupo é considerado negativo e até mesmo passível de combate, já que se atribui como origem das mazelas. No entanto, é preciso compreender a dimensão de discursos dessa natureza, uma vez que têm impactos sociais incomensuráveis. Quando se imagina alguém que está passando por dificuldades de ordem financeira ou de saúde, por exemplo, há uma natural fragilidade emocional.

Desse modo, hipoteticamente, quando um pastor divulga a ideia de que os problemas são relacionados a sua vivência, pois a religião que professa é posta como causadora de seus problemas, há uma força enunciativa indiscutível. É possível que o indivíduo passe questionar a si mesmo sobre a própria crença, sobretudo quando entra em contato com testemunhos de pessoas que professavam aquela religião, que estavam passando por dificuldades e a igreja que adentrou fez um processo de “exorcismo”, o qual permitiu a prosperidade através dessa instituição.

A precariedade da vida é inegável. Logo, é incomensurável o número de pessoas que passam por dificuldades de variadas naturezas, sobretudo grupos sociais historicamente mais vulneráveis. Desse modo, culpabilizar uma entidade pela situação e propor um caminho de ascensão material e/ou espiritual denota uma razoabilidade de aceitação discursiva por parte daquele que vivencia uma situação adversa. É válido salientar que “a guerra espiritual contra o diabo e seu séquito infernal ganha dimensão maior à medida que são vistos como os portadores de todas as mazelas sofridas pelo homem” (DUARTE, 2019, p. 287).

Por outro lado, é de mister importância ressaltar que a figura do Diabo é utilizada para demarcar noções acerca da conduta dos fiéis e até mesmo realizar o enquadramento em torno da sexualidade. Nesse sentido, segundo Kreher e Guareschi (2017), as relações homoafetivas nos espaços neopentecostais são corriqueiramente taxadas como promiscuidade, perversão e vulgaridades, sendo associadas ao mal e à Satanás. As agências religiosas, portanto, enquadram como uma conduta errônea que pode ser “consertada” nesses espaços.

A força motriz dessas ações são apoiadas em ideologias conservadoras que pairam nos ambientes religiosos em questão. Entretanto, esse enquadramento no qual cria imagetivamente a noção de certo e errado, bem como de sagrado e profano em torno da sexualidade apenas reforça estereótipos sociais e delimita como única verdade a orientação heteronormativa. Dessa forma, consolida-se uma ideia de padrão aceitável nas concepções sobre gênero e sexualidade, o que reverbera na perpetuação dos estigmas associados às minorias historicamente marginalizadas.

Além disso, vale mencionar que esse não é um caso isolado. A institucionalização dos demônios com o fito de delimitar condutas que são consideradas desviantes da moral cristã faz com que haja um maior impacto enunciativo sobre os fiéis. A utilização discursiva é por um lado motivada por fatores econômicos e por outro por perspectivas ideológicas. Nesse contexto, torna-se possível “demonizar” desde o consumo de bebidas alcoólicas, a utilização de drogas ilícitas até práticas religiosas ligadas à religiões de matrizes africanas ou o espiritismo.

Nos livros escritos por Edir Macedo, fundador e bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, é possível perceber a tentativa de materializar e tornar o mal mais concreto, apresentando a igreja e os meios de comunicação os quais veiculam os cultos religiosos como fundamentais para a luta contra o Diabo, entidade na qual é colocada como responsável pela maldade, desemprego, violência, brigas, separações de casais e outras mazelas (SOUZA, 2000). Dessa maneira, ele constrói discursos moralizantes acerca de práticas consideradas desviantes do que é defendido na perspectiva neopentecostal da Bíblia, bem como coloca elementos de outras religiões, os quais considera como frutos dos demônios e das ações do Diabo.

Neste livro, denuncia as manobras satânicas através do kardecismo, da umbanda, do candomblé e outras seitas similares; coloca a descoberto as verdadeiras intenções dos demônios que se fazem passar por orixás, exus, erês, e ensina a fórmula para que a pessoa se liberte do seu domínio. Creio ser impossível a um praticante do espiritismo ler este livro e continuar na sua prática. Acredito também ser difícil a um cristão ler este livro e continuar a professar uma fé descuidada e estagnada (MACEDO, 1993, p. 3).

O trecho acima foi retirado da obra “Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?”, escrita por Edir Macedo. Logo no prefácio, apresenta-se a proposta do livro, na qual fica evidente a perspectiva estática, classificatória e até mesmo

intolerante. O discurso é construído por meio da vinculação entre as religiões de matrizes africanas, como candomblé e umbanda, e o espiritismo à figura do Satã. O autor ainda parte do pressuposto de que sua obra representa a única verdade religiosa e, portanto, uma vez que o leitor entrasse em contato com a obra automaticamente não seria mais espírita.

Como existe um público muito bem demarcado para ler a obra produzida pelo líder religioso da IURD, o repúdio ao que o Diabo representa parece ser uma premissa deduzida pelo escritor com relação aos leitores. Por essa razão, há uma tentativa ao longo de toda a obra de vincular a essa entidade, a fim de deslegitimar os outros credos religiosos. Ademais, o contato com essas manifestações religiosas é colocado como problemático para as pessoas, posto que seriam capazes de influenciar negativamente no âmbito pessoal, profissional, financeiro e de saúde. É nesse momento que delimita a força enunciativa acerca da concepção de que a igreja é capaz de salvar das amarras de Satanás e levar o fiel à prosperidade.

É possível perceber que a construção imagética do Diabo é variável mediante ao contexto e interesse daquele que delimita o discurso. A personificação dessa figura religiosa é colocada à disposição das instituições religiosas desde representações medievais. No entanto, é notório a ressignificação com as demandas de uma modernidade na qual ideias são vendidas por meio de imagens e isso influencia o universo cultural, artístico e, evidentemente, religioso. As agências religiosas neopentecostais, nesse sentido, vêm utilizando a vinculação imagética às culturas diferentes para que sejam demonizadas, ao passo que se colocam como libertadoras das amarras da entidade, a qual materializa o mal.

Em pesquisa etnográfica, realizada no dia 22 de abril de 2019 na Igreja Universal do Reino de Deus do Recife⁷, no culto das 21 horas, o pastor que celebrava o culto afirmou que o Diabo é o verdadeiro responsável pelo fracasso das pessoas, visto que atua com forças negativas suficientemente capazes de levar a vida de qualquer indivíduo a ruínas. Já em outro culto, realizado no dia 06 de maio de 2019, na mesma agência religiosa, o pastor culpou o Diabo pelo que chamou de “escravização na dívida”. Desse modo, atribuiu o fato de haver um descontrole financeiro a essa entidade como definidora da vida das pessoas que não estão seguindo os ensinamentos da igreja.

⁷ Instituição localizada na Avenida Cruz Cabugá, onde há várias outras agências religiosas. Essa igreja, especificamente, é considerada a igreja matriz da IURD no município de Recife.

A partir dessa experiência, é possível perceber que não é necessário assistir cultos religiosos em canais de televisão para ver relatos de pessoas que atribuem o fracasso material ou espiritual ao Diabo nessas instituições. O relato retirado da observação participante aponta que o discurso neopentecostal tende a se fundamentar na noção que determinadas práticas atraem uma entidade negativa, na qual é capaz de influenciar ao ponto de barrar a prosperidade de um indivíduo. Em contraponto, a construção discursiva não é gratuita, posto que no final se converge para enunciação da igreja como instrumento para afastar o mal e levar à prosperidade.

No culto do dia 22 de abril, logo após o discurso do pastor, um testemunho religioso foi reproduzido para os fiéis. Um homem, entre 24 e 27 anos, afirmou que deu 1.100 reais de dízimo para a Igreja e que junto ao pacto conseguiu prosperar e virou empreendedor. O pacto no qual o fiel se referiu se trata de um discurso bastante difundido na IURD que evidencia a importância de ter uma boa frequência na igreja, para assim conseguir se ligar a ela. Dessa maneira, pode-se perceber que o enunciado exibido aos fiéis logo após a fala do pastor sobre os perigos do Diabo tem a intenção de construir a imagem da urgência de estar próximo à igreja para prosperar, inclusive realizando a devolução do dízimo indicada.

Essa narrativa comumente construída nessa agência religiosa pode ser enquadrada na perspectiva da Batalha Espiritual. Conforme defende Mariano (2003), esse conceito deriva do entrave hierárquico entre Deus e o Diabo e, para além disso, resulta na luta contra os demônios, nos quais possuem poderes quase ilimitados e influenciam diretamente a vida dos fiéis. Nesse contexto, o mal não é reduzido ao desvio da conduta cristã, visto que abrangem doenças, brigas familiares, desemprego, alcoolismo, quadro depressivo e outras mazelas associadas ao Diabo.

O panorama evidenciado na Igreja Universal do Reino de Deus gira em torno de, *a priori*, identificar as facetas do mal através da igreja para poder combatê-las. Esse cenário de guerra espiritual também abrange os discursos classificatórios anteriormente abordados, os quais foram realizados com o intuito de demonizar entidades ligadas às religiões de matrizes africanas e ao espiritismo. A preocupação deste movimento aumenta na medida que esse confronto sai do plano espiritual das igrejas e passa a formar um conjunto de ações ofensivas contra as pessoas que professam essas religiões historicamente marginalizadas.

Portanto, ultrapassa-se os limites da crença quando o objetivo dos líderes e fiéis neopentecostais passa a ser disseminar o ódio e fechar templos de outras religiões. Ironicamente, vale a pena salientar que as práticas combatidas são em grande medida incorporadas. A batalha espiritual também passa por sessões de “desposseção” ou “descarrego” no âmbito da IURD e de outras agências da mesma vertente religiosa, uma vez que vende a ideia de tirar os demônios que estão tomando negativamente as rédeas da vida das pessoas.

No espiritismo, por exemplo, existe a noção de espíritos obsessores que influenciam negativamente as vidas dos indivíduos, conferindo a possibilidade de uma ajuda mediúnica para intervir e livrá-los dessa influência. As palavras de Edir Macedo, líder da IURD, as quais foram analisadas anteriormente, demonstram a caracterização do espiritismo como religião inimiga por representar elementos correspondentes às ações demoníacas. Por outro lado, utiliza-se de ritos espiritualistas muito semelhantes para configurar como a batalha da igreja contra o mal. Sob essa análise, percebe-se que as bênçãos são prometidas a partir do embate direto contra as forças do mal, as quais são taxadas como desde a ausência de prosperidade até o culto a outras religiões.

Com base no que foi discutido sobre as características e usos discursivos do neopentecostalismo, a proposta para o próximo capítulo é delimitar ainda mais o debate. Dessa maneira, haverá um afunilamento da abordagem em torno da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD). Pretende-se abordar a trajetória de liderança religiosa de Edir Macedo e como a Igreja Universal surgiu e se consolidou, bem como a postura da instituição durante o governo Bolsonaro. Ademais, a sugestão é a análise dos dados obtidos através da etnografia realizada em agências dessa denominação religiosa, focando nos testemunhos e os confrontando com as discussões suscitadas pela revisão de literatura.

4 SATANÁS ESTÁ DERROTADO: UMA IMERSÃO ETNOGRÁFICA NA IURD

Conforme abordado no capítulo anterior, a partir de uma revisão de literatura, a figura do Diabo é constantemente utilizada com o fito de taxar e categorizar práticas, ações e discursos como desviantes da orientação cristã, ou seja, que devem ser associadas ao mal. A partir disso, constrói-se, por meio dos enunciados veiculados pelos pastores e testemunhantes, uma memória no âmbito religioso na qual demarca uma ideia dicotômica entre sagrado e profano que por muitas vezes reforçam estereótipos sociais.

Partindo da perspectiva de Berger (2004), a cultura envolve a amplitude do que é produzido pelas pessoas, sendo a religião um empreendimento humano na qual lida com poderes misteriosos e temerosos, a fim de romper com um mundo caótico. Essa compreensão corrobora para explicar que a cultura não é estática nem monolítica, uma vez que está amparada por práticas, crenças, artefatos, tradições e valores. Desse modo, é natural que os enunciados religiosos ratifiquem uma postura contrária ao diferente em todos os âmbitos.

Um exemplo evidente disso é a maneira na qual os enunciados na Igreja Universal do Reino de Deus são dirigidos às religiões afro-brasileiras. Segundo Mariano (1999), a intolerância demarcada nessa agência religiosa se dá em virtude de concorrerem com o mesmo tipo de soluções simbólicas que essas religiões. Isso porque é comum haver sessões de descarrego, por exemplo, como será abordado a seguir na imersão etnográfica realizada na IURD. Por essa razão, os rótulos são importantes para que a religião evidencie a noção simbólica que a representa, mas o preço disso é a associação de estigmas negativos a tudo que não é relacionado diretamente à igreja, mesmo que seja de perspectiva semelhante.

Nesse sentido, objetiva-se neste capítulo delimitar algumas questões fundamentais sobre a IURD e a liderança de Edir Macedo a partir de uma noção biográfica, mas ao mesmo tempo das repercussões públicas. Além disso, será discutida a construção de uma memória religiosa alicerçada na noção de prosperidade, bem como pretende-se abordar as facetas pedagógica dos enunciados veiculados através da igreja a partir da percepção gerada pelos testemunhos analisados na etnografia e nos jornais da Folha Universal.

4.1 EDIR MACEDO E A IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

A década de 1970 no Brasil foi marcada pela consequência da crise internacional de 73 e do choque do petróleo em 1979. Durante esse período, a inflação estava em descontrole, o desemprego era generalizado, havia racionamento de gasolina e o desequilíbrio da balança comercial. A década seguinte, portanto, foi marcada por uma ausência de esperança da população. Foi nesse contexto, em 1989, que a Igreja Universal do Reino de Deus começou a ganhar destaque no cenário nacional, consolidando-se através dos meios de comunicação de massa através da aquisição da Rede Record de televisão (CAMPOS, 2018).

Evidentemente, essa adesão das massas em tempos de crise não foi acaso ou coincidência e a explicação pode ser encontrada nos discursos alicerçados à Teologia da Prosperidade. Segundo Lemos (2017), essa perspectiva teológica está ancorada na noção da pobreza e da doença enquanto maldições que acometem a vida daqueles que não se preocupam em acumular riquezas materiais por meio das agências religiosas. Desse modo, momentos de adversidades no plano político, econômico ou da saúde são ideais para a consolidação de templos religiosos como a Igreja Universal.

O crescimento iurdiano é incomparável com a maioria das igrejas evangélicas, quando se leva em consideração desde a sua fundação até a contemporaneidade. A Igreja Universal ultrapassou todos os limites geográficos no território brasileiro e chegou a inúmeros países ao redor do mundo. Segundo Proença (2006), a inovação e a agressividade, bem como a instrumentalização das mídias, como televisão e rádio - em horários nobres - têm configurado uma proporção inédita na evangelização de massas. Notoriamente, o que se observa na conjuntura atual dessa agência religiosa foi o resultado de lideranças religiosas que pensaram em como estabelecer ritos e enunciados atrativos aos fiéis.

A IURD foi fundada em 1977 por Edir Macedo e Romildo Ribeiro Soares. As desavenças entre eles começaram ainda quando Macedo estava tentando alugar um local para as reuniões religiosas, visto que a mãe de Macedo se ofereceu para ser fiadora e Soares alertou para que não assinasse, pois Macedo não tinha dinheiro para pagar o aluguel e ela poderia perder o imóvel. Após inúmeros desgastes pessoais e ideológicos, RR Soares se desligou da Igreja Universal e fundou a Igreja Internacional da Graça de Deus.

Ademais, como bem narra Campos (2018), a partir das divergências internas por parte de outros bispos, como foi o caso de Valdemiro Santiago, surgiram novas igrejas que tentaram reproduzir a fórmula do consolidado empreendimento realizado pela IURD. Nesse contexto, é perceptível que outras igrejas transpentecostais seguem as mesmas lógicas da Universal, sobretudo na perspectiva teológica, na valorização das mídias e na estruturação institucional muito semelhante. As estratégias discursivas são convergentes na maioria das questões, sobretudo na valorização dos testemunhos religiosos, embora em determinados contextos com enfoques diferentes.

Antes de se converter ao pentecostalismo na Igreja Nova Vida, o atual líder da Igreja Universal, Edir Macedo, era católico e teve uma breve passagem pela Umbanda. Talvez isso corrobore para explicar as trocas simbólicas concretas que há com as religiões afro-brasileiras. A “guerra espiritual” travada nos espaços da IURD demonstra que, apesar de rechaçadas no plano do discurso por Edir Macedo, as práticas das religiões de matrizes africanas estão presentes nas práticas da instituição religiosa, podendo ser visualizada nas sessões de descarregos realizadas periodicamente nesses espaços (DIAS & CAMPOS, 2012).

Após a saída da Igreja Nova Vida, Macedo passou a ser um observador nas igrejas. Uma das considerações de Edir Macedo sobre a Igreja Nova Vida é que faltava agressividade na pregação evangelista, característica na qual levou para a IURD. Durante as visitas nas instituições religiosas, presenciou a manifestação e expulsão de demônios na Casa da Bênção, algo que chamou sua atenção. Foi nesse contexto que surgiu a ideia de uma igreja com trabalhos espirituais, os quais podem ser visualizados atualmente na Universal (CAMPOS, 2018).

Portanto, ao passo que se sustenta como uma religião inserida no universo pentecostal, também dialoga com símbolos religiosos geralmente rejeitados por esse contexto. Desse modo, conforme postulou Oliveira Júnior (2014), o êxito iurdiano, na amplitude de marketing institucional e midiático, também se deve ao fato de incorporar sistemas simbólicos de religiões de matrizes africanas sem evidenciar a ruptura com o meio tradicional do pentecostalismo, fazendo com que haja uma maior interação com o *ethos* brasileiro.

Notoriamente, essas adaptações simbólicas realizadas pelo líder da igreja surtiram efeito na captação das massas. Isso porque é reconfortante para os fiéis culpar entidades pelos males que ocorrem em suas vidas, seja eles financeiro,

emocional, relacional ou de saúde. Nessa perspectiva, é possível encontrar no templo religioso um alívio e uma solução simbólica ao ter a oportunidade de expulsar demônios que seriam responsáveis pelo fracasso material ou espiritual enfrentado pelo fiel.

Dentro desse contexto, Edir Macedo apresentou ao universo evangélico uma forma singular de rito religioso. É inegável que hoje representa uma importante liderança no cenário nacional e, até mesmo, internacional. É de suma relevância destacar que ele defende a perspectiva teológica alicerçada na ideia de que a igreja é capaz de lançar bênçãos para prosperidade material das pessoas, reforçando elementos do empreendedorismo religioso e das estratégias de marketing para atrair fiéis.

Para alcançar os seus objetivos, adentrou ao universo da mídia, sobretudo depois que adquiriu a Rede Record, em 1989. O fato é que mesmo sendo uma figura importante para o movimento neopentecostal pelo fato de ter corroborado para moldar muitas de suas características consolidadas atualmente, tornou-se um líder cuja relevância ultrapassa os limites de suas congregações. O envolvimento político de Macedo apenas reforça essa tese na medida em que tem apoiado e contribuído para o lançamento de candidatos a cargos políticos.

Por outro lado, o líder da Igreja Universal é extremamente controverso na opinião pública e na imprensa. No ano de 2008, houve uma frenética discussão entre os veículos de imprensa e Edir Macedo por intermédio dos meios de comunicação oficiais da IURD. Tudo começou quando a Folha de São Paulo (2018) publicou uma matéria⁸ escrita pela jornalista Elvira Lobato apontando as movimentações milionárias do bispo.

A notícia descreveu os bens que pessoas ligadas à igreja possuíam naquele momento, como canais de televisão, empresas de diversos setores e até mesmo aeronaves milionárias. Além disso, afirmava que “a relação entre a Igreja Universal e as empresas dos bispos é obscura”, ressaltando a informação de que muitos dos empreendimentos citados tinham como sede endereços da IURD. Após a publicação dessa matéria, houve uma forte reação dos grupos ligados à Igreja Universal, bem como dos próprios fiéis, os quais foram incitados a se rebelarem contra a imprensa, inclusive, através de programas televisivos.

⁸ Edição 473 de 19 de fevereiro de 2018 - Folha de S. Paulo.

Mediante aos ataques sistemáticos ao veículo de comunicação, inúmeros jornais se manifestaram em defesa do trabalho realizado pela Folha de S. Paulo, fazendo com que também fossem atacados. Em resposta aos questionamentos sobre os bens adquiridos por membros da Universal, foi lançada uma nota da igreja na qual defendia a idoneidade dos líderes religiosos, declarava como lamentáveis as notícias da imprensa e ressaltava o dízimo como uma liberdade de crença assegurada pela Constituição Federal de 1988.

Ademais, a nota supracitada também pontuava que a igreja respeita a liberdade de imprensa, mas que esta deve ser responsável e não condenar pessoas ou instituições de maneira leviana e precipitada. O fato é que o representante da Igreja Universal se tornou uma figura bastante polêmica e foi alvo de várias investigações por parte da imprensa e até mesmo do poder judiciário. É possível que para pessoas não ligadas à agência religiosa essas matérias publicadas pelos veículos de comunicação passam uma imagem negativa e criteriosa sobre o líder iurdiano. No entanto, é observável que para os fiéis Macedo continua sendo uma referência por oportunizar a ascensão de vida daqueles que o seguem.

É fato também que o envolvimento em polêmicas e críticas por parte da imprensa que envolveu a liderança neopentecostal não ficou restrita aos anos 2000. No âmbito internacional, o jornal espanhol de tendência social-democrata “El País” (2023) publicou uma matéria⁹ criticando um evento realizado pela Igreja Universal do Reino de Deus em Madri, no qual Edir Macedo foi apontado como “pastor de Bolsonaro” que “vende Bíblias a 50 euros”. Nesse sentido, o líder da IURD foi bastante criticado e foi enquadrado como uma liderança religiosa que defende a ideologia de “extrema-direita”.

Uma das questões pontuadas pelo jornal foi que durante as eleições presidenciais de 2018, quando Jair Bolsonaro foi eleito, Macedo foi responsável por disseminar discursos preconceituosos ao demonizar as minorias sociais, sobretudo da comunidade LGBTQIA+. Por outro lado, o jornalista Fernando Peinado ressalta que quando Luiz Inácio Lula da Silva saiu vitorioso nas eleições de 2022, o líder na Universal tentou se aproximar dele, demonstrando certo oportunismo político.

A matéria ainda foi além, visto que discutiu a mercantilização da fé com o evento ocorrido em Madrid. Dentre os pontos abordados, o mais marcante foi o fato de terem afirmado que há uma orientação para que os pastores da Igreja façam uma

⁹ Edição publicada em Madrid no dia de fevereiro de 2023.

coerção aos fiéis, a fim de que realizem doações à instituição. Nesse contexto, a repercussão nacional e internacional de Edir Macedo nas mídias é bastante controversa. Se por um lado os meios de comunicação ligados à igreja divulgam narrativas positivas ao seu respeito, por outro a imprensa tece constantemente duras críticas enquanto pessoa e líder da Universal, sobretudo quando ele se envolve em questões políticas conservadoras ou quando envolve o dinheiro dos fiéis.

Por outro lado, conforme defendem Mafra, Swatowski e Sampaio (2012, p. 83), “Edir Macedo construiu sua imagem apresentando sua história pessoal a partir de eventos extraordinários, ações miraculosas, que vão no decorrer da sua trajetória de vida se revelando, se articulando para engrandecê-lo”. Essa perspectiva de liderança passada aos fiéis demonstra o reforço de uma imagem vitoriosa, na qual aponta para ações que definem a trajetória de sucesso pessoal. Dessa forma, apesar das frequentes críticas nos meios de comunicação de massa enquanto figura pública, no âmbito religioso ele tem uma boa projeção e credibilidade entre os fiéis.

É válido salientar que a influência dessa liderança da Igreja Universal não se restringe às contribuições financeiras à igreja ou às condutas as quais são pregadas pelo bispo, posto que se estende ao universo político e ao campo da ideologia. Por essa razão, matérias que o apontavam como pastor de Bolsonaro não são pontuais, já que há uma frequente relação com candidatos políticos. Prandi, Santos e Bonato (2019) ponderam que as igrejas têm um papel de “máquinas eleitorais” por meio da instrumentalização política nesses espaços.

Desse modo, as lideranças das agências religiosas neopentecostais - a partir de suas orientações ideológicas religiosas - exercem influência para que determinados candidatos políticos sejam eleitos ou tenham apoio de parcela da população. Nesse momento é como se houvesse uma obrigatoriedade por parte do fiel, pois a posição política, na maioria das vezes conservadora, confunde-se com os ensinamentos das condutas, pensamentos e ações defendidos pela igreja.

Trata-se de uma questão que pode ser compreendida através da seguinte passagem Bíblica: “as minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem” (João 10:27)¹⁰. A imagem do pastor, que simbolicamente guia seus

¹⁰ Há outras passagens bíblicas sustentam as noções imagéticas do pastor como um guia indispensável:

1. "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas (João, 10:11);

seguidores, possui legitimidade - no contexto religioso - para persuadir os fiéis de que determinado candidato político é uma opção eleitoral legítima, considerando que, mesmo aspirando atuar em Estado laico, continua vinculado a sua origem eclesial. Sob esse olhar, quando um líder religioso vence nas urnas, continuará a defender os propósitos da posição religiosa na qual ocupa. Isto se dá pelo entendimento de que estará constantemente sob observação dos seus seguidores e exposto à cobrança caso adote uma postura divergente do cenário de fé.

Segundo Grigoli e Cassoli (2012), a articulação política da IURD iniciou ainda com o Partido Liberal (PL), em 1980, e culminou com um crescente número de representantes políticos no Congresso Nacional, ao passo que há o crescimento do carisma político pentecostal. Com a estratégia de convocar os seguidores iurdianos a votarem em candidatos e partidos, criou-se a narrativa de que escolher determinadas pessoas para o âmbito político e concretizar as intenções de Deus para o país. Dessa maneira, instaura-se uma “guerra santa” contra as influências negativas do Diabo no Congresso.

Esses discursos possibilitaram com que a Igreja Universal se tornasse um espaço de promoção eleitoral, sempre alicerçado nas lideranças religiosas que são orientadas para atuarem também nesse aspecto. Nesse sentido, o número de seguidores iurdianos em todo o país faz com que, naturalmente, haja uma base eleitoral significativa. Embora Marcelo Crivella seja o político mais famoso de origem iurdiana, outros deputados, senadores e até governadores se elegeram com o apoio da agência religiosa, como foi o caso também do ex-bispo e ex-deputado federal, Carlos Rodrigues.

Conhecido por chutar a imagem de Nossa Senhora de Aparecida, em 1995, Sérgio Von Helder chegou a afirmar que Lula era “próprio diabo - um sujeito barbudo, que tem um dedo a menos numa das mãos e fala com a língua presa”, durante a campanha presidencial de 1994, quando era bispo da Igreja Universal. Esse é mais um caso de como a igreja possui formas de influenciar o cenário político

2. "Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem, assim como o Pai me conhece e eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas ovelhas (João, 10:14-15);

3. "Vocês, minhas ovelhas, ovelhas da minha pastagem, são o meu povo, e eu sou o seu Deus. Palavra do Soberano, o Senhor" (Ezequiel, 34:31);

4. "Tenho outras ovelhas que não são deste aprisco. É necessário que eu as conduza também. Elas ouvirão a minha voz, e haverá um só rebanho e um só pastor. Por isso é que meu Pai me ama, porque eu dou a minha vida para retomá-la" (João 10:16-17).

nacional, seja com discursos que induzem as pessoas a “repudiar” as ideias de determinado candidato, pelo apoio de determinadas concepções políticas ou ainda através de declarações explícitas para que os fiéis votem ou deixem de votar em pessoas e partidos políticos específicos.

O fato é que Edir Macedo e outras lideranças religiosas nesses espaços são responsáveis por influenciar pessoas através de sermões, interpretações bíblicas com orientações ideológicas próprias e enunciados espontâneos. Ademais, os líderes da igreja são referência e modelo para os membros, sendo as suas ações, decisões ou orientações exemplos a serem seguidos. A IURD tem a particularidade da comunicação em massa através das mídias, pelas quais viabilizam o poder de influência dos bispos e outras referências religiosas.

4.2 A PERCEPÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE UMA CULTURA RELIGIOSA À LUZ DA ETNOGRAFIA

Para realizar uma análise mais precisa dos líderes religiosos de forma local e, sobretudo, dos seus liderados, foi realizada uma série de imersões etnográficas. Essa pesquisa de campo se iniciou ainda no Programa de Iniciação Científica (PIBIC), no âmbito da Universidade Federal de Pernambuco, quando foi feita uma pesquisa *in loco* no templo da Igreja Universal localizado no Recife¹¹. Para além do trabalho realizado ainda na graduação, foi feita a etnografia na cidade de São Raimundo Nonato, interior do estado do Piauí, bem como em Fortaleza - Ceará.

Inicialmente, o objetivo foi compreender melhor ritos, públicos, estrutura física dos templos religiosos, narrativas mais frequentes dos pastores e dos fiéis. Na medida que foi realizado esse contato imediato, alguns aspectos chamaram mais a minha atenção, o que fez com que eu me dedicasse mais a contemplar cultos que fossem mais voltados aos objetivos que tracei para me aprofundar na pesquisa. Dentre esses elementos, os discursos voltados à ideia de prosperidade, as narrativas alicerçadas no empreendedorismo da noção neoliberal e a compreensão da batalha contra o Diabo foram as questões mais levadas em consideração para escolher os dias de ir aos cultos, já que alguns são voltados especificamente a essas questões.

¹¹ A agência religiosa na qual foi realizada a pesquisa etnográfica foi a que fica localizada na Avenida Cruz Cabugá, 141 - Santo Amaro, Recife - PE.

No momento da observação dos cultos religiosos, foi levado em consideração tudo que estava presente na Igreja, ou seja, discursos dos fiéis e pastores, músicas reproduzidas, coreografias, palavras de ordem ou pedido, público presente, reação das pessoas ao longo da reunião, o papel dos obreiros, dentre outros aspectos. Todas as impressões iniciais foram cuidadosamente anotadas no diário de campo (anexo I), a fim de que posteriormente fosse possível fazer a análise e a seleção do que foi analisado.

4.2.1 Pesquisa Etnográfica Realizada em Recife - Pernambuco

Primeiramente, foram feitas visitas semanais na igreja do Recife. O ponto de partida era observar cada detalhe do culto, tal qual um turista visualiza um local novo. Posteriormente, os discursos, a descrição das pessoas e dos movimentos que elas faziam, os ritos, as músicas e as coreografias foram anotadas em um caderno de campo. Por fim, todo material foi analisado para que fosse utilizado nesta pesquisa. A primeira visita foi realizada no dia 22 de abril de 2019, às 19 horas.

No primeiro momento, o pastor fez um discurso de conscientização do que a igreja chama de “pacto” com Deus. Na realidade, trata-se da frequência e proximidade na agência religiosa. Para incentivar os fiéis, mencionou que quem obtivesse uma frequência superior a 3 encontros ganharia uma Bíblia personalizada da Nação 318. Essa é uma importante ferramenta de marketing institucional, visto que vincula a possibilidade de sucesso à frequência das pessoas na igreja. Proença (2007) também chegou à conclusão de que essa ideia do “pacto” ratifica o vínculo com a igreja e, caso seja quebrado, há uma ameaça de que os mais diversos aspectos da vida do fiel podem estar fadados ao fracasso.

Em seguida, discursou que não é possível dividir a fé. É possível que tenha dito isso para tentar criar uma consciência no fiel de que, embora os iurdianos dialoguem com elementos religiosos alicerçados em várias religiões, não deve participar de nenhuma outra que não seja a Igreja Universal, já que lá é possível ter acesso a uma completude religiosa, espiritual e material. Nesse sentido, esse tipo de enunciado busca quebrar com algo que já se tornou comum na contemporaneidade, na qual marcada pela mercantilização do universo religioso, a noção de “supermercado espiritual”.

A diversidade de crenças e a concorrência entre elas geram um cenário onde estratégias de marketing tornam-se essenciais para atrair e reter seguidores, diversificando ofertas religiosas para satisfazer as necessidades dos crentes, contexto no qual pode ser comparado a um "shopping espiritual". (REFKALEFSKY, 2006). Assim como em um "self service", as pessoas buscam se servir de vários elementos religiosos que satisfaçam as necessidades da modernidade, seja em aspectos esotéricos, espirituais ou ainda materiais.

Partindo dessa noção, é um desafio reter o público esperado de pessoas na igreja, sobretudo quando esta adota tanto discursos cristãos mais conservadores, quanto práticas ligadas a religiosidades cujas práticas se embasam em noções espiritualistas. É válido salientar que nesse culto no qual foi realizada a etnografia, para reforçar que a narrativa do pastor se sustenta, ele ligou para uma mulher que relatou sua experiência trágica de quebra com o pacto, pois depois disso sua vida começou a dar errado. Contudo, com o retorno à Igreja tudo voltou a prosperar. Essa técnica de colocar uma pessoa do mesmo contexto que os outros fiéis para narrar uma experiência pessoal para ratificar a fala do pastor é bastante frequente na IURD e efetivo por dar credibilidade discursiva.

Inclusive, essa forma de conduzir o culto lembra muito a formatação de um *Talk Show*, cuja técnica de conversação tem comumente a entrevista por meio de ligações com pessoas ligadas ao tema debatido, servindo para atrair e mobilizar o espectador. Esse contexto releva, portanto, mais um elemento da espetacularização dos cultos religiosos, alicerçados em parâmetros neoliberais nos quais vão além do exercício enquanto doutrina ou tendência econômica, mas como racionalidade.

Neste mesmo culto, após o discurso inicial do pastor e a ligação telefônica, inúmeros outros testemunhos foram exibidos. Uma mulher relatou que quebrou o pacto e tudo começou a dar errado, principalmente do ponto de vista financeiro, mas quando foi em Israel (terra santa), orientada pela Igreja, e a partir disso o dinheiro começou a entrar na conta novamente. É possível perceber que há uma nítida intenção de associar a prosperidade econômica ao fato de frequentar a agência religiosa. Segundo Lemos (2017), igrejas como a Universal constroem a narrativa de que mazelas e pobreza acometem aqueles que não buscam ascender materialmente através da instituição religiosa, defendendo a ideia de que é necessário pagar o dízimo e fazer ofertas para que se tenha um retorno financeiro.

Entretanto, os discursos em torno da prosperidade não ficam restritos à questão financeira. Ainda no mesmo encontro, uma mulher testemunhou que tinha “quebrado o pacto” e sua mãe passava por problemas no âmbito jurídico que pareciam não andar com os processos. Segundo ela, quando retornou à Igreja e foi fiel à Bíblia, a causa judicial de sua mãe rapidamente foi resolvida. Nesse contexto, é possível perceber a defesa da ideia de causalidade no enunciado proferido pela fiel, visto que o fato de quebrar o pacto com Deus e/ou a Igreja Universal resultou em um evento externo, neste caso a dificuldade no processo judicial da mãe.

Além disso, a própria noção de “pacto” já demarca um compromisso firmado previamente com a agência religiosa, cabendo a fidelidade para que as questões terrenas prosperem. Por outro lado, o tempo relacionado ao progresso está imbricado ao ato de frequentar a igreja, posto que a vida dessa pessoa estaria estagnada, quando houve uma mudança ao retornar à IURD. Isso reforça a tese de causa e efeito, bem como evidencia a rapidez do processo quando mencionou que “rapidamente” a questão jurídica foi solucionada. Desse modo, o discurso sugere que as bênçãos divinas são quase que imediatas quando cumpridos os requisitos para obtenção.

Em outro momento, houve a reprodução de um vídeo contando a história de Abraham Lincoln, no qual ilustrava a quantidade de vezes que ele se candidatou para diversos cargos e não conseguiu vencer as eleições. Isso porque, segundo o pastor que dirigia o culto, o mais alto cargo (de presidente da república) o esperava. Contudo, o líder religioso afirmou que isso apenas foi possível com a persistência. Logo em seguida, ele disse que se os fiéis tivessem essa mesma perseverança poderiam ter uma fonte de renda garantida com o empreendedorismo, afirmando: “Deus não te quer, necessariamente, empregado. Você pode ser dono do próprio negócio”.

Nessa perspectiva, é possível visualizar o incentivo ao empreendedorismo presente no discurso iurdiano. Conforme aponta Lemos (2017), a prática de orientar as pessoas que frequentam a igreja a deixarem de trabalhar para empresas, a fim de virarem donos do próprio negócio, é bastante comum, sendo massivamente veiculada através das mídias para captação de fiéis. Essa é uma estratégia discursiva poderosa, uma vez que a circunstância dos ouvintes são muitas vezes de desemprego ou de condições degradantes de trabalho. A narrativa de que é possível

ser o próprio chefe e viver da própria empresa certamente promove a esperança, ou seja, é um enunciado atrativo para os fiéis.

É válido salientar que depois do discurso sobre perseverança por meio do personagem histórico para exemplificar que as pessoas são capazes de prosperar caso persistam, o pastor disse que todos do público tinham mentes brilhantes e pediu para que batessem na cabeça com suas bíblias ou mãos para o demônio sair. Neste momento, as pessoas começaram a gritar alto “sai”, a fim de expulsar a entidade negativa pontuada pelo líder espiritual. Essa não é uma prática isolada, durante as observações inúmeros cultos tiveram momentos como esse, nos quais os fiéis gritavam palavras de ordem para que os demônios ou Diabo saíssem de suas vidas.

Indo nessa mesma linha, o momento final do culto foi marcado pela execução de uma música “Tá Derrotado”, de Edinaldo do Rio, a qual faz parte da cultura iurdiana. As pessoas presentes sabiam a coreografia e, em ritmo de forró, alguns fiéis começaram a dançar no meio do templo religioso. Na hora do refrão sobre Satanás, era realizado um movimento de reprovação com o polegar para baixo.

Olha a entrada do anjo aquí neste lugar
 Olha a entrada do anjo aquí neste lugar
 Passa a espada no diabo pisa na cabeça dele
 Pelo sangue de Jesus, satanás tá derrotado

Tá derrotado, Satanás tá derrotado
 Pelo sangue de Jesus, Satanás tá derrotado
 Tá derrotado, Satanás tá derrotado
 Pelo sangue de Jesus, Satanás tá derrotado

Olha a entrada do anjo aquí neste lugar
 Olha a entrada do anjo aquí neste lugar
 Passa a espada no diabo, pisa na cabeça dele
 Pelo sangue de Jesus, satanás tá derrotado

Em primeiro aspecto, é válido ressaltar que a música, enquanto produção gospel que tem uma finalidade também pedagógica, é bastante repetitiva para enfatizar a mensagem central e para criar um clima de louvor no ambiente religioso por facilitar a memorização. Como forma de referenciar a crucificação de Cristo, há a

presença do sangue enquanto símbolo de redenção e vitória do bem sobre o mal e as ações pecaminosas. No entanto, a canção faz uma demarcação espacial de onde esse triunfo do bem ocorre, observável quando delimita que é “aqui neste lugar”. Desse modo, não é qualquer lugar de adoração que proporcionará esse tipo de conquista, trata-se especificamente da Igreja Universal na qual os fiéis estavam inseridos no momento em que a música foi reproduzida.

Além disso, o trecho da letra diz expressamente: “pisa na cabeça dele”, referindo-se à derrota do mal, mais especificamente o combate ao Diabo. Essa dualidade entre o bem, representado na música pelo anjo, e o mal é uma perspectiva combativa bastante frequente no âmbito iurdiano. Enquanto se constrói a narrativa da IURD como espaço de cura e prosperidade, também há a criação da ideia do Diabo como apontado como causador das mazelas ocorridas na vida das pessoas, sendo necessário travar uma Guerra Espiritual contra a entidade (DUARTE, 2019).

Nesse contexto, a música corrobora para reforçar a noção de que é importante manter o pacto com a igreja, a fim de se livrar das influências negativas de Satanás. Esse tipo de abordagem demarca dinamismo para o culto religioso, fazendo com que as pessoas não achem tedioso e não tenham a impressão de que o tempo passa lentamente. Entretanto, não fica restrito a isso, pois também tem a função de construir uma imagética para o fiel de um espaço necessário para que a sua vida prospere em todos os sentidos.

Em outra imersão etnográfica, no culto realizado às 21h do dia 22 de abril de 2019, no mesmo templo do Recife, o pastor iniciou o culto realizando um discurso que também culpabiliza o Diabo pelo fracasso das pessoas. Pediu para que todos fossem à frente do altar e começou, junto aos obreiros, a “retirar” o espírito ruim (do fracasso) pondo as mãos nas cabeças dos fiéis e dizendo “sai!”. Durante as visitas à IURD, ações semelhantes foram presenciadas com frequência. As pessoas presentes no ambiente acompanharam os obreiros com as palavras de ordem para a expulsão das entidades do mal.

Algo parecido foi constatado pela pesquisa realizada por Hanashiro (2013), quando presenciou as ações de expulsão dos “encostos” que influenciavam negativamente a vida das pessoas presentes nas igrejas, caracterizando o ápice da vitória iurdiana contra as forças do mal. Desse modo, essas práticas conferem materialidade às ações da igreja contra entendidas tomadas como maléficas e

causadoras de adversidades na vida dos indivíduos, posto que vai além das palavras. Quando o fiel sai da igreja após haver uma intervenção personalizada e/ou individual por parte dos obreiros e do próprio pastor, há nitidamente uma sensação de maior credibilidade e crença concreta na melhoria dos aspectos da vida daqueles que frequentam a igreja.

Após esse momento inicial, o pastor falou da importância do dízimo não apenas para as pessoas físicas, mas jurídicas também. Logo em seguida, mostrou um testemunho no telão de um homem que relatou ter contribuído com 1.100 reais de dízimo para a Igreja e que junto ao pacto conseguiu prosperar e virou empreendedor. O investimento na ideia do empreendedorismo da Igreja Universal faz parte da estruturação dos cultos, não somente com discursos voltados ao incentivo para que as pessoas abram a própria empresa, mas também com cultos, recolhimento de dízimo e ofertas, bem como correntes específicas para o público que faz parte ou almeja fazer parte desse contexto.

O discurso indutor iurdiano é voltado a “ ‘indivíduos’ de “escolhas” e “direitos” e que adotaram para si o objetivo hedonista de “empreender” a substituição do “sofrimento” pela “abundância” em suas existências terrenas” (LIMA, 2007, p. 149). Como a satisfação pessoal a partir de elementos mundanos é objetivo de muitas pessoas que buscam a IURD, há uma narrativa voltada à possibilidade de transformação de vida por meio da prática empreendedora. O estímulo a que as pessoas sejam donas do próprio negócio e busquem a igreja como suporte para isso demonstra o reflexo de uma fé de autoajuda e cuja característica mercadológica ao estimular uma incessante busca pelos benefícios materiais.

No dia 06 de maio de 2019, no culto realizado no mesmo templo, no horário das 20h, o pastor narrou que um “homem de família” passou a frequentar a igreja e o pastor disse que alguém de sua casa era Jesus. No entanto, ele não sabia como porque ele era “bebum”; a sogra quase o “satanás”, o “tinhoso de tão ruim”; o filho “maconheiro”; a mulher “só vivia fora de casa, não limpava casa, não cozinhava, não fazia nada”; o filho mais novo sugeriu ser a avó (sogra). Ele não acreditou muito no começo, mas decidiu começar a tratá-la bem e com isso ela começou a ficar feliz e tudo na família começou a ficar bem também. O filho “largou as más companhias”; a mulher “começou a tratar bem o marido e começou a fazer as coisas em casa” e ele deixou de beber. Depois disso o homem volta para o pastor e diz que realmente Jesus estava em casa, mas na verdade em todos eles.

A narrativa é muito pedagógica e fez com que os fiéis prestassem atenção à mensagem que o pastor queria passar sobre tratar bem as pessoas, independentemente de quem seja, assim como Jesus. Por outro lado, ilustra o poder de transformação da igreja que é contada pelo testemunho de inúmeros fiéis. Esse tipo de história e de abordagem é comum na Igreja Universal, tornando-se mais uma estratégia de convencer as pessoas presentes do discurso da igreja e ao mesmo tempo realizar uma abordagem dinâmica, na qual prende a atenção de quem ouve a narrativa.

Logo em seguida, o pastor disse para as pessoas fazerem uma promessa com Jesus, realizando uma oferta de 1000 reais ao menos naquele mês, afirmando que o maior mês é maio e aqueles que fizessem isso teriam um retorno. Conforme pontua Mariano (1999), o dízimo e a oferta na igreja são considerados elementos fundamentais para que os fiéis recebam a prosperidade, saúde, felicidade, libertação do Diabo em todos os âmbitos. No caso estudado, foi perceptível um foco singular para valores altos, seguindo a perspectiva de que quanto mais se entrega, maior é o retorno.

Ademais, no dia 06 de maio de 2019, no culto das 21h, a dinâmica inicial foi um pouco diferente das outras reuniões analisadas. O pastor pediu a todos que se levantem e darem uma volta caminhando pela lateral da Igreja. Ele ficou falando na frente dos fiéis, em tom de oração, que os libertasse da humilhação; do fracasso e de todas as mazelas causadas pelo Diabo. Ainda complementou seu discurso afirmando que Satanás impõe a escravização na dívida. Essa dinâmica fez com que o público, provavelmente cansado pelo dia de trabalho, despertasse antes da abordagem da temática principal.

No entanto, não há novidade na narrativa de que a entidade do Diabo é responsável pelo insucesso e pelo infortúnio passado na vida das pessoas. Segundo Oro (2005), o discurso propulsor acerca da entidade é que a Igreja Universal é capaz de combatê-la, a fim de libertar as pessoas e travar a guerra espiritual de maneira ofensiva e eficaz contra os inimigos e demônios que conduzem a vida das pessoas ao fracasso. Desse modo, a IURD é apresentada como uma instituição poderosa, capaz de combater o mal e libertar os indivíduos que estão atormentados e/ou ofuscados por forças demoníacas.

A todo momento, os discursos proferidos nas visitas realizadas nas agências religiosas demonstram ser alicerçados na ideia de que a igreja tem todas as

ferramentas necessárias para que os fiéis obtenham o sucesso daquilo que almejam, sobretudo quando são libertados das garras do Diabo. Retira-se, portanto, o protagonismo dos indivíduos acerca daquilo que vivenciam, uma vez que o insucesso não é posto como fruto direto do que foi desenvolvido pela pessoa, mas de uma influência externa que a levou ao infortúnio.

No mesmo culto do dia 06, uma outra ação do pastor me chamou bastante a atenção. Quando foi solicitar o dízimo aos fiéis, começou anunciando para aqueles que tivessem 3 mil reais fossem até o altar; depois 2 mil; 1 mil; 500 reais; 100; 50 e assim sucessivamente. A forma que o momento foi conduzido se assemelhou muito a um leilão. Conforme aponta Almeida (2022), na perspectiva da doutrina bíblica, o dízimo é compreendido como uma devolução e não uma doação, devendo o fiel devolver o que pertence a Deus, caso contrário estará “roubando”¹².

Nesse sentido, utilizando-se dessa premissa, os líderes da Igreja Universal fazem questão de reforçar a importância crucial dos dízimos e das ofertas, convocando as pessoas a todo tempo para tomarem essa ação. O que foi observado é que há um grande estímulo para a “devolução” de valores muito altos e, conseqüentemente, reconhecem esse tipo de ação realizada pelos fiéis publicamente. Por outro lado, existe uma organização muito bem pensada para o recolhimento do dinheiro, já que fazem envelopes com mensagens criadas e passagens bíblicas, bem como correntes para o recebimento, além de utilizar todas as tecnologias disponíveis para isso, incluindo máquinas de cartão de crédito e pix.

4.2.2 Etnografia Realizada em São Raimundo Nonato - Piauí

No dia 13 de julho de 2023, fui visitar a cidade de São Raimundo Nonato em virtude de uma vontade pessoal de conhecer o Parque Nacional da Serra da Capivara, localizado no sul do Piauí. Durante a estadia na cidade, passei os 7 dias da viagem observando todos os detalhes da cidade interiorana. Em um determinado momento do primeiro dia, quando eu estava indo ao mercado, deparei-me com um carro de som anunciando que no dia seguinte haveria um culto com a finalidade de

¹² Essa doutrina se sustenta em alguns versículos bíblicos, dentre os quais se pode destacar: "Pode um homem roubar de Deus? Contudo vocês estão me roubando. E ainda perguntam: 'Como é que te roubamos?' Nos dízimos e nas ofertas. Vocês estão debaixo de grande maldição porque estão me roubando; a nação toda está me roubando"(Malaquias 10:8-9).

viabilizar a cura de diversas pessoas, inclusive contando com o testemunho de uma mulher que ficou curada do câncer que tinha.

Esse fato me despertou a curiosidade para ir até a igreja realizar uma imersão etnográfica, a fim de - *a priori* - tentar identificar as diferenças das dinâmicas religiosas no interior do estado supracitado. A primeira visita foi realizada no dia 14 de julho de 2023, precisamente às 19 horas. Assim que o culto iniciou, o pastor (homem entre 37 e 42 anos) convocou os fiéis a se aproximarem do altar para que ele fizesse uma oração para expulsar os espíritos malignos das pessoas que ali estavam presentes. Ao longo do seu discurso, atribuiu os males relacionados aos problemas financeiros, de saúde ou de qualquer outra natureza aos espíritos ruins.

Durante esse momento, os fiéis ficaram com as mãos na cabeça, a fim de receberem as bênçãos do pastor e das obreiras. Aliás, essa foi uma diferença perceptível quando comparada com os grandes templos das capitais. Nessa igreja é possível um olhar mais individualizado sobre cada fiel, uma vez que o número de pessoas é relativamente pequeno, então as obreiras foram passando em cada indivíduo que estava na igreja para fazerem uma oração específica. Elas falavam palavras de ordem para expulsar os espíritos malignos.

Uma das fiéis me chamou a atenção quando a obreira foi realizar a reza, posto que começou a fazer uma movimentação corporal como se estivesse possuída por algum espírito. Por essa razão, a ação foi mais demorada com ela, já que a obreira passou um bom tempo orando e dizendo para o espírito sair do corpo da fiel. Esse não é um caso isolado, em outras visitas etnográficas foi possível visualizar esse tipo de situação. Há, inclusive, sessões de descarrego destinadas a retirar os espíritos malignos e a influência do Diabo na vida das pessoas.

A Igreja Universal do Reino de Deus inovou no âmbito evangélico ao incorporar práticas ligadas à ideia de exorcismo sob maneiras singulares nos cultos, perceptível quando as pessoas entram em “transe” e incorporam entidades ao passo que os líderes iurdianos fazem movimentação para expulsá-los (ALMEIDA, 2003). Desse modo, configura-se a materialidade do afastamento de Satanás, a fim de que seja derrotado por intermédio da igreja. O discurso indutor desse tipo de ação no culto supracitado foi, mais uma vez, a culpabilização de entidades pelo fracasso das pessoas em todos os âmbitos.

Depois que o pastor encerrou esse momento, afirmou que adora desafiar o Diabo, pois permanece ele ou essa entidade e como a Bíblia afirma que não há

trevas onde há luz ele sempre venceria. Esse discurso está alicerçado na lógica de que é sempre necessário travar uma guerra contra as forças do mal. Posteriormente, afirmou que é necessário a presença das pessoas na igreja todos os dias e não apenas em um, visto que o diferencial da IURD quando comparada às outras instituições é que tem um dia de culto destinado a cada causa dos fiéis (financeira, familiar, saúde etc).

Outra narrativa que me chamou atenção foi quando o pastor que há 10 anos não tinha violência, drogas e facções no Piauí, mas que hoje está se tornando comum graças ao Diabo que está espalhando esses fatores negativos. Isso ilustra bem, mais uma vez, as bases da perspectiva da igreja que se enquadra na Batalha Espiritual. Essa batalha está alicerçada na teologia do controle, na qual é caracterizada por “cosmologia acentuadamente dualista fundamentada na crença de que, na atualidade, vivemos e participamos de uma empedernida guerra cósmica entre Deus e o Diabo pelo domínio da humanidade” (CUNHA, 2015, p. 253).

Justamente para causar essa noção da necessidade de guerrear contra as forças do mal e, ao mesmo tempo, garantir a assiduidade na igreja, o pastor disse que todos os presentes sabiam que por esses e outros motivos é necessário que eles frequentem a igreja, sobretudo aos domingos, quando há um culto especializado na família e para defendê-la é preciso que estejam junto à igreja. Ao finalizar esse discurso, afirmou que na sexta-feira seguinte haveria uma corrente que consistiria em cada fiel levar em um envelope uma carta discorrendo sobre os aspectos da vida que estão “andando para trás”, a fim de que Deus faça uma intervenção.

Para legitimar o que tinha dito, o pastor recomendou a leitura do seguinte trecho da Bíblia:

Mas isto lhes ordenei, dizendo: Dai ouvidos à minha voz, e eu serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo; e andai em todo o caminho que eu vos mandar, para que vos vá bem. Mas não ouviram, nem inclinaram os seus ouvidos, mas andaram nos seus próprios conselhos, no propósito do seu coração malvado; e andaram para trás, e não para diante (JEREMIAS 7:23,24).

É possível perceber que o trecho bíblico inicia com um enunciado que possui a ideia condicional de que se o povo ouvir a voz de Deus, será agraciado para que sua vida vá bem. Afirma ainda que alguns escolheram seguir as próprias convicções e acabaram se desviando do caminho correto e da vontade divina. Isso justifica o

porquê a vida dessas pessoas “andaram para trás”. Logo, é possível perceber que este enunciado da Bíblia foi utilizado para advertir os fiéis que eles não têm autonomia plena, fazendo com que seja necessária a sua presença na igreja, a fim de seguir os caminhos que levam à prosperidade e não ao fracasso, ou seja, teve por finalidade causar uma imagem do que ocorre caso se afastem da igreja.

Em seguida, o pastor fez uma oração pedindo para que Deus se manifestasse para melhorar a vida das pessoas da Igreja que pediram bênçãos em suas vidas e convocou os fiéis para se dirigirem ao altar para colocar o dízimo em uma cesta, pontuando que poderia também ser ‘devolvido’ através do cartão de crédito com uma máquina que estava com uma das obreiras na lateral do altar. Enquanto as pessoas se levantavam para realizarem esta ação, um louvor em música bastante animado começou a tocar.

Posteriormente, quando as pessoas retornaram aos seus lugares, o pastor prosseguiu com o culto e disse que estava no *Facebook* em um determinado dia e viu as pessoas criticando um padre porque falou mal das relações homoafetivas na igreja. No entanto, ele afirmou que não entendeu o porquê das pessoas estarem criticando o líder católico, já que essa é uma verdade que está na Bíblia. Nesse momento ele questionou aos fiéis da igreja quem escreveu a Bíblia e como em um coro responderam que Deus. Com isso, ele quis concluir que Deus defende que relações homoafetivas são erradas, apenas admitindo as noções heteronormativas, uma vez que instituiu essa lei na época de Moisés.

Nesse contexto, é possível perceber a utilização de um discurso fundamentalista que desconsidera as pautas sociais e está alicerçado em uma visão extremamente conservadora das relações afetivas. Conforme aponta Campos Júnior (2021), o fundamentalismo religioso tem suas raízes no conservadorismo protestante dos Estados Unidos e Inglaterra durante o século XIX, perspectiva na qual legitima a interpretação literal da bíblia sem levar em consideração a historicidade da produção. Dessa forma, a fala do pastor se sustenta na ideia de que a Bíblia é a palavra de Deus e, uma vez que a divindade condena as relações homoafetivas, o mesmo deve ser realizado pelos cristãos.

É de mister importância salientar que o pastor tem grande credibilidade entre os fiéis que frequentam a igreja e existe um lugar de fala legitimado. Nesse sentido, ao apontar a relação homoafetiva como algo que é errado e que deve ser combatido, abrem-se brechas incomensuráveis ao preconceito em virtude da

orientação sexual. Com isso, é possível perceber que a narrativa criada por um líder religioso pode corroborar para reforçar estereótipos e até mesmo legitimar falas e ações excludentes, depreciativas ou até mesmo violentas em relação a minorias sociais

Nesse sentido, o pastor continuou realizando um encadeamento discursivo no qual defendeu que todas as pessoas presentes deveriam “cuidar dos seus” estritamente a partir da palavra de Deus, independente de qualquer coisa. Para isso, tinham que saber a lista de prioridades, afirmando que primeiro deve ser Deus, segundo o casamento e em terceiro lugar a família. Portanto, não pode deixar ninguém tirar o foco na divindade. Esse é um enunciado que reforça o fundamentalismo, uma vez que pontua que deve ser considerada a palavra pela palavra ao passo que cria a noção moralista de uma maneira única de ser, devendo ser condenada pela família toda e qualquer conduta que não seja aquela delineada pela igreja a partir dos preceitos bíblicos.

Depois disso, um uma nova canção foi colocada, sendo cantada e coreografada pelos fiéis, intitulada “Perto de ti”:

Não quero mais errar, não quero mais pecar
Não quero transgredir, só quero Te servir

Quero ser mais fiel, quero ser verdadeiro
E no meu coração, Tu és último e o primeiro

Eu quero estar em Tua casa
O Teu poder quero sentir
Não há lugar, melhor no mundo
Do que estar perto de Ti

Mais perto quero estar, meu Deus de Ti

Inda que seja a dor, que me una a Ti
Sempre hei de suplicar, mais perto quero estar
Mais perto, quero estar, meu Deus de Ti

A música discorre sobre devoção a Deus e reforça a ideia de não pecar, ao passo que se estimula a fidelidade ao criador na perspectiva cristã. Nesse aspecto,

demarca a necessidade de se aproximar de Deus, mesmo que seja necessário suportar e aceitar a dor. É válido salientar que a canção repete constantemente o enunciado “mais perto quero estar”, técnica bastante comum em músicas gospel para demonstrar a profundidade do sentimento religioso e, sobretudo, viabilizar a memorização do louvor, bem como da mensagem transmitida.

De modo geral, a música reflete uma aspiração profunda por retidão, devoção e proximidade com Deus, assim como uma aceitação da dor como parte da jornada espiritual, o que dialoga muito com a lógica discursiva realizada pelo pastor. Isso porque ele havia dito que as pessoas devem cuidar das pessoas próximas de modo a fazer com que permaneçam próximas à divindade, mesmo que seja doloroso tomar determinadas ações para impedir que a conduta dos familiares ultrapasse os limites impostos pela Bíblia, neste caso interpretada como a palavra de Deus.

Por fim, para finalizar o culto, foram dados alguns informes sobre os cultos dos próximos dias, inclusive do domingo, quando o pastor afirmou que haveria uma ação depois com corte de cabelo, escova, acompanhamento com enfermeira e dentre outros serviços gratuitos para a comunidade. Além disso, ele reforçou a importância de arrecadar fundos para o dízimo da semana posterior. Esse tipo de ação, pelo que foi relatado pelo público, é bastante valorizada no interior, uma vez que muitas pessoas necessitam ter acesso a esse tipo de serviço.

Algo que me chamou atenção foi o fato de não haver a apresentação de nenhum testemunho religioso. O pastor explicou sobre isso que não estava colocando muitos testemunhos na tela, pois, às 22h30, nos meios de comunicação da Igreja Universal, há sempre a exibição dos testemunhos e - como não é em um horário muito tarde - as pessoas podem acompanhar. Entretanto, é válido salientar que essa agência religiosa não tem uma boa estrutura para exibição de conteúdos audiovisuais, visto que apenas há um monitor de computador de aproximadamente 32 polegadas. Entretanto, vale ressaltar que a dinâmica do culto não foi monótona, por contar com a reprodução de louvores e também pela proximidade dos obreiros e do pastor com os fiéis.

No dia 16 de julho de 2023, participei do encontro jovem, no qual é realizado com o grupo intitulado “Força Jovem Universal” (FJU). Apesar de serem poucos participantes, eles estavam bastante entrosados entre si. A líder do grupo era um pouco mais velha que os demais e buscou trazer uma abordagem bastante dinâmica. Começou discutindo um pouco sobre a lei da causa e efeito, explicando

como dependendo das atitudes tomadas pelas pessoas as consequências poderiam ser positivas ou negativas. Os louvores também tiveram uma dinâmica diferenciada, visto que a líder convocou um dos jovens presentes para ficar na frente e fazer a coreografia da música que já havia sido ensaiada pelo grupo.

Posteriormente, fez uma competição dividindo as pessoas presentes em duas equipes. Foi dado um envelope para cada uma contendo partes de um versículo bíblico. O grupo que montasse a passagem bíblica na ordem correta e abrisse na bíblia mostrando o enunciado ganhava a competição. Depois de realizada a tarefa, foi encontrado “Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará” (Gálatas 6:7). Apesar de não ter feito uma explicação sobre o versículo, foi possível vincular ao que estava sendo dito sobre a questão de “semear” com atitudes positivas.

Para finalizar, fez uma série de exercícios dinâmicos com a Bíblia, nos quais consistiam em abrir - ainda na competição entre os grupos - as passagens bíblicas que estavam sendo mencionadas como forma de viabilizar a memorização das partes do livro sagrado. Desse modo, dinamizar as ações dentro da igreja faz parte de um objetivo maior com a juventude. Conforme aponta Leite (2016), a Força Jovem se trata de um projeto de consolidação institucional e transmissão religiosa, na qual remonta a ideia de colocar a “fé em ação” e estrategicamente fazer uma intervenção “no mundo”.

É possível perceber nesse investimento da igreja no FJU que há uma evidente finalidade de propagar a igreja pensando na perspectiva da concretude institucional a longo prazo. O objetivo é educar pessoas para pensarem de uma determinada maneira e propagar os valores e ritos das agências da IURD. Isso porque “de certa maneira, os membros jovens representam a continuidade da igreja, mantê-los e conquistar novos é uma preocupação central para a igreja” (LEITE, 2016, p. 11).

De modo geral, a imersão etnográfica na Igreja Universal localizada em São Raimundo Nonato não foi suficiente para demarcar com precisão as diferenças das dinâmicas iurdianas no interior do Piauí. No entanto, a experiência serviu como um exemplo de uma forma diferente do fazer religioso visto nas capitais de Pernambuco e do Ceará. O público, o nível de proximidade entre obreiros e fiéis, as condições físicas do templo e o contexto na qual a agência religiosa está inserida certamente são diferentes. Ainda assim, foi possível perceber que o discurso essencial indutor

da perspectiva neoliberal, alicerçada na TP, na Cultura da Inspiração e no processo de demonização de ações e ideias, é o mesmo.

4.2.3 Etnografia Realizada em Fortaleza - Ceará

No dia 18 de outubro de 2023, o culto no qual realizei uma pesquisa etnográfica em Fortaleza¹³ teve aspectos que me chamaram atenção por contribuírem para o entendimento do estudo realizado neste trabalho. O pastor discursou apontando que o Diabo está em nosso território, sempre vigilante para entrar e afirmou que damos brecha quando achamos que não precisa ir à igreja em um determinado dia. Assim como postulou Campos (1999), as igrejas neopentecostais são marcadas pela constante guerra espiritual contra os demônios que operam em nome do Diabo, o qual é visto como uma entidade que conquista pessoas, territórios e populações.

Nesse sentido, trata-se de uma questão que ultrapassa a esfera individual, uma vez que atravessa a perspectiva territorial, como foi afirmado pelo líder religioso. A lógica enunciativa reside no fato de que a responsabilidade de cada indivíduo é ainda maior, na medida que quando se afasta da igreja Satanás prejudica não somente a pessoa que o fez, mas aqueles que ocupam o mesmo espaço geográfico. O discurso é centralizado na concepção de que ser vigilante contra o mal é frequentar a igreja e seguir o que é ensinado nesse espaço.

Além disso, o líder religioso disse ser contra a ideia de que buscar Deus pela internet é o suficiente, defendendo que os fiéis sempre compareçam presencialmente às agências religiosas. Entretanto, é notório o investimento que a Igreja Universal faz nos meios virtuais de comunicação. Segundo Silva (2012), a IURD se configura como uma instituição midiática na medida que objetiva formar um império comunicacional nas mais diversas redes sociais e canais de televisão que estejam disponíveis 24 horas por dia.

Desse modo, foi bastante intrigante a fala do pastor, uma vez que fez a ponderação de que apesar de ser importante que os fiéis acompanhem os meios virtuais da Universal, ainda devem comparecer aos templos físicos. Isso porque o que materializa visivelmente e oportuniza o controle do espaço pelos segmentos

¹³ Igreja Universal do Reino de Deus localizada na avenida Engenheiro Santana Jr., número 784 - Papicu, Fortaleza - Ceará.

religiosos é o templo (BRAGA, 2008). A partir disso, é possível observar uma demarcação territorial das agências religiosas da IURD. Há sempre uma característica arquitetônica bastante semelhante, a logomarca da Universal, as cores azul, vermelho e branco, nas quais demonstram uma identidade visual da instituição, as colunas que fazem referências clássicas e a frase “Jesus Cristo é o Senhor”.

Dessa maneira, há uma demarcação no meio urbano que gera a associação enquanto símbolo religioso e, neste caso, local para buscar a prosperidade. Ademais, é interessante para a instituição religiosa centralizar as questões de ordem espiritual em um espaço próprio, visto que caso isso não ocorra pode gerar uma sensação de autonomia no fiel que, por sua vez, não veria mais sentido frequentar esses espaços. Logo, trata-se de um mecanismo de controle essencial para a sustentação institucional.

Por outro lado, ao final do culto, pediu para que os fiéis fizessem oferta para que fosse possível salvar mais almas pela rádio e pela TV. Há, neste discurso, duas questões fundamentais. A primeira é que, apesar do incentivo para que frequentassem fisicamente as igrejas, entende-se os meios de comunicação de massa como importantes para a projeção e propagação da igreja. O segundo ponto é que foi colocada explicitamente a ideia de “salvação”. Portanto, parte-se do princípio de que pessoas que não têm contato com a IURD não estão salvas e, desse modo, é necessário um esforço por parte de toda comunidade religiosa para salvá-los, consolidando uma concepção hierarquizante em relação aos demais credos religiosos.

Além disso, outro enunciado proferido pelo pastor que chamou a atenção foi quando disse que as pessoas devem ouvir mensagens específicas e/ou selecionadas e não de várias fontes, a fim de que não fiquem “embriagadas”. Afirmou que o fundamental é acompanhar as falas do Bispo Macedo, Renato e outros líderes da IURD. A partir dessa fala, é possível visualizar a importância das referências de liderança religiosa da instituição, fazendo com que até os pastores as reverenciem.

No entanto, é válido salientar o perigo da fonte única. O discurso de que ver ou ouvir várias fontes é algo negativo faz com que o fiel veja apenas uma versão do que é colocado. Isso dificulta a natureza crítica interpretativa daquele que participa do contexto religioso, sabendo que os textos da escritura sagrada são passíveis de inúmeras interpretações. Outro ponto relevante é que existem enunciados

politizados e quando não se tem o contraponto apenas uma versão ideológica é levada em consideração, eliminando a pluralidade de ideias.

Ademais, o líder religioso desta agência afirmou que o Diabo é perseverante e, por isso, as pessoas também devem ser. Em seguida, disse que trocar igreja foi futebol é pecado e pontuou que tudo que está presente na Bíblia acontece, a exemplo dos anticristos, como se pode observar nos governos que temos. Nessa perspectiva, é perceptível a interpretação do texto não como produto humano, mas uma verdade divina que esclarece que condutas e acontecimentos estão descritos e previstos para ocorrerem, ao passo que há uma politização ao afirmar que determinados políticos são anticristos. No próximo subtópico, veremos como o discurso presente nas Igreja Universal corroborou com a campanha eleitoral de Bolsonaro, bem como alicerçou os aspectos do seu governo.

Por fim, foi exibido um vídeo chamado “Ladrão na Noite”, no qual narra a história hipotética de um indivíduo que sabe que um ladrão irá invadir a sua casa e fica alerta a noite inteira. A produção foi utilizada para fazer uma alusão ao fato de que as pessoas também devem ser vigilantes em suas vidas a todo momento, a fim de não deixar que o Diabo tome conta de suas vidas. Mais uma vez, como afirmou Hanashiro (2013), configura-se a batalha espiritual contra uma entidade capaz de ocasionar danos incomensuráveis às vidas dos fiéis.

Já em uma visita realizada no dia 09 de outubro de 2023, na mesma agência religiosa, o culto observado foi mais voltado à prosperidade. O pastor iniciou falando sobre o socorro financeiro em relação às possíveis dívidas que as pessoas ali presentes poderiam ter e pediu para que levantassem objetos que precisavam ser abençoados financeiramente para pagar, a exemplo de um celular comprado e que ainda não foi quitado. Feito isso, realizou a unção com óleo desses objetos e reforçou que apesar da prosperidade ser difícil e demorada, é necessário confiar e ser obediente a Deus.

“Como o pastor tem ligação direta com a divindade, sendo o possuidor da unção de Deus, ele pode consagrar e transferir unção ao óleo, aos objetos/elementos e ter poder sobre os espíritos maus” (CAMPOS, 2018, p. 148). Nesse contexto, como o pastor é visto como alguém que recebeu o chamamento de Deus para pastorear uma determinada congregação religiosa, é visto como capaz de transmitir a unção com óleo, no qual pode representar transformações miraculosas na vida do indivíduo.

É perceptível que se trata de um símbolo que denota a capacidade de expulsão dos espíritos maus que podem influenciar pessoas e objetos e as deixarem fadadas ao fracasso. Esse ato simbólico passa a sensação de livramento e de abertura para um caminho próspero. Em 2023, segundo dados da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), mais de 77% dos brasileiros estavam endividados no momento em que foi realizada a pesquisa. A partir desse exorbitante perceptual, é possível concluir que discursos como o que foi realizado pelo representante da igreja é bastante sedutor, uma vez que leva a esperança em meio à precariedade.

Além disso, após um momento de louvor com música, o pastor pediu para que as pessoas fossem perto da arca - réplica da Arca da Aliança descrita na Bíblia que fica no altar da maioria das agências religiosas da Universal - gritar que estavam derrubando as muralhas da dívida, do fracasso, da humilhação etc. Ele disse que aquela ação fazia parte de uma corrente de 13 semanas e também lembrou os fiéis de que iria colocar lenços para serem ungidos na arca por 3 dias, a fim de que levassem para casa com o intuito de abençoar as famílias.

Como já demarcou Mariano (2008, p. 91), existe uma ênfase nas agências religiosas pentecostais - de modo geral - nas “correntes e campanhas semanais para prosperidade, cura física e emocional, libertação de demônios, resolução de problemas familiares, afetivos, amorosos”. Em diversas imersões etnográficas, foi possível observar essa dinâmica de realização de campanhas em prol de uma diversidade de causas, mas todas elas convergentes entre a noção de prosperidade e do afastamento de entidades negativas que levam ao fracasso em todos os aspectos da vida do fiel.

Ademais, logo após o momento de unção dos objetos e a ponderação sobre a corrente voltada à família, o pastor ainda reforçou a importância das ofertas também realizadas para proteger as famílias. Desse modo, o discurso não ficou só na ação em causa própria através do lenço capaz de abençoar o âmbito familiar, mas também se volta à máxima de que “é dando que se recebe”. Esse encadeamento discursivo chamando a responsabilidade do fiel pagar o dízimo e realizar ofertas para causas específicas também esteve bastante presente nas pesquisas de campo.

O fato é que essas análises a partir da etnografia convergem no fato de que os discursos giram em torno da ideia de prosperidade em diversos âmbitos. Além disso, há uma ênfase muito latente nos testemunhos religiosos, os quais conferem

credibilidade aos enunciados proferidos pelos pastores nas agências religiosas e são pedagógicos na medida que ensinam condutos e inspiram a partir de trajetórias de vida. Por outro lado, também foi possível observar uma grande ênfase nas sessões de descarrego e no afastamento de demônios, do Diabo e de espíritos malignos que interferem diferentemente nos indivíduos, impedindo que eles tenham sucesso.

4.3 O DISCURSO RELIGIOSO NO GOVERNO BOLSONARO

O governo de Jair Bolsonaro foi marcado pela pandemia da Covid-19, pela disseminação de notícias falsas, pelo negacionismo, pelo conservadorismo, pelas políticas neoliberais e pelo movimento anti-vacina. Nesse contexto, houve a influência direta de igrejas em campanhas para que ele fosse eleito e ao mesmo tempo para a sustentação discursiva do seu governo. No período entre 2018 e 2022, houve uma intensa polarização política de dos projetos totalmente divergentes e o embate no plano político, religioso e cultural tornou-se cada vez mais frequente.

Conforme defende de Paula (2022), o moralismo cristão evangélico, no qual reverberou posteriormente na colaboração do embate para a polarização política, passou a ser respaldado a partir dos movimentos de direita no Brasil após 2013, em virtude da queda da popularidade da presidenta Dilma Rousseff. Apesar da oposição realizada pela direita, perdeu mais uma vez nas urnas nas eleições presidenciais de 2014, quando Dilma foi novamente eleita. No entanto, houve uma dificuldade evidente de aceitação do exercício democrático, indicando rupturas iminentes.

No ano de 2016, a primeira mulher eleita presidenta da História do Brasil sofreu o impeachment em virtude um de engendramento político que enquadrou a sua atuação nas pedaladas fiscais como crime de responsabilidade. O governo de Michel Temer, com perspectivas mais conservadoras, permitiu que essas ideias florescessem e ganhassem força para o pleito eleitoral seguinte. Todas as concepções mais retrógradas, reacionárias e regressistas foram personificadas em Bolsonaro nas eleições de 2018.

O jornal Folha Universal e o site oficial da Igreja Universal foram os principais meios da IURD para fazer a cobertura do pleito, através dos quais foi construída uma narrativa do que a instituição queria para o país e configurada a noção de moralidade pública para a imagem de Jair Bolsonaro (DE PAULA, 2022). Essa ação

discursiva uníssona de caráter institucional viabilizou a junção de fiéis que estavam dispostos não somente a votar no candidato, mas a fazer propaganda eleitoral. Isso porque entendiam como uma forma de “salvar” o país das entidades negativas, mediante a uma ‘enxurrada’ de *fake news*, e instituir a moral cristã no Brasil.

Publicada no dia 19 de janeiro de 2022, ano eleitoral, uma matéria da Folha Universal continha o título “Qual é o (real) desejo de Lula para o Brasil?”. O jornal afirmou que Luiz Inácio Lula da Silva tinha a intenção de implementar uma ditadura comunista no Brasil, defendendo que isso seria fruto de uma parceria com o Partido dos Trabalhadores (PT) e das ditaduras latinoamericanas, como Venezuela e Cuba. A publicação começou colocando a seguinte frase de Lula: “A China tem um partido que tem poder, que tem um estado forte, que toma decisões e que as pessoas cumprem, coisa que nós não temos, aqui, no Brasil”.

Posteriormente, a enquadrado como exaltação da ditadura chinesa, na qual foi responsável por prender pessoas que criticavam a forma na qual o governo conduziu a pandemia da Covid-19. Ademais, afirmou que “as narrativas da esquerda política são contra os valores cristãos e os valores conservadores” e pediu para que as pessoas ficassem atentos. Desse modo, é notória a instrumentalização política do âmbito religioso iurdiano para fazer uma campanha contrária a Lula. De modo geral, há meras generalizações discursivas nas quais foram construídas em torno da associação do - à época - candidato às ditaduras e à corrupção.

Não há profundidade para esse enquadramento. A estratégia discursiva foi de meramente levantar acontecimentos na China que possibilitam definir como um governo ditatorial ao passo que se sustentou a afirmação superficial de que Lula era próximo a essas ditaduras e que desejava fazer o mesmo no Brasil. Houve, portanto, a criação de rótulos políticos nos quais almejam simplificar questões complexas e criar um ambiente de desconfiança e polarização. É válido salientar que essa não foi uma matéria isolada durante esse período na Folha Universal.

No dia 23 de janeiro de 2022, mais uma manchete sensacionalista foi publicada: “5 motivos que mostram que é impossível ser cristão e ser de esquerda”. O objetivo da matéria era mostrar que um “cristão de verdade” não pode compactuar com as ideias da esquerda. É de mister importância salientar que na abordagem anterior a esquerda brasileira foi resumida a um projeto político que objetiva instaurar uma ditadura comunista no país. Cada ponto abordado pelo jornal foi dividido em dois tópicos: o primeiro escrito em azul com o significado a partir da

perspectiva cristã e o segundo digitado em vermelho, destacando a ideia da esquerda na qual deve ser rejeitada e combatida segundo esse meio de comunicação da Universal.

1) Família: A esquerda prega contra o casamento convencional e incentiva questões como a liberdade do uso de drogas, que causam mal individual e social e desestruturam as famílias. Com a sociedade doente, os esquerdistas podem posar de “defensores da liberdade” para ganhar votos. Eles destroem a rede de apoio familiar para “salvar” o povo usando um assistencialismo manipulador; 2) Formas de Governar: A esquerda gosta de mentir que luta contra a ditadura, mas o marxismo, base do esquerdismo, produziu historicamente as maiores ditaduras que oprimiram o povo. Elas perseguiram e perseguem o cristianismo até hoje. China e Coreia do Norte são exemplos de países esquerdistas que não permitem nem mesmo que existam templos cristãos; 3) Crença: O marxismo, base de toda e qualquer ideologia esquerdista, tem por princípio filosófico o materialismo dialético que, antes de tudo, nega a existência de Deus; 4) Lados: A esquerda combate a Igreja porque ela abre os olhos da população quanto ao que é certo e errado e mostra de que lado deve estar quem quer o bem. Por isso, os esquerdistas tentam anular tudo o que os evangélicos dizem ou em uma atitude desesperada infiltram-se nas igrejas protestantes com um disfarce de “esquerda evangélica”, termo que já é, em si, uma total contradição; 5) Unidade: A esquerda destaca a diferença para incentivar a briga entre as pessoas, apesar de pregar falsamente que é a favor das diferenças. Ela precisa do conflito para se manter, numa estratégia de “dividir para conquistar”, pois é mais fácil para ela manipular pequenos fragmentos do que tentar o mesmo com um grupo único, grande e forte. Quem instiga o ódio é o diabo (FOLHA UNIVERSAL, 2022).

Como pode ser visto no trecho acima, o primeiro ponto discorre sobre a perspectiva de família. O jornal acusou a esquerda de ser contra o casamento convencional e de ser favorável à utilização de drogas, tudo com o objetivo de destruir o núcleo familiar. De modo geral, as pautas da esquerda defendem a constituição familiar para além do tradicional, ou seja, que além dos relacionamentos heteronormativos também seja considerado, por exemplo, casais homoafetivos que constituem família. Desse modo, não se trata de ser “contra” o casamento convencional como foi veiculado na matéria, mas considerar outros moldes de núcleos familiares.

É possível perceber que foi realizada uma construção discursiva pautada em generalizações, na tentativa de associar a esquerda à destruição das famílias, já que é um valor importante para os cristãos. Já o segundo ponto tenta reduzir a esquerda ao marxismo e este - por sua vez - ao exercício de governos ditatoriais, como se não houvesse formas de governar progressistas à luz da democracia. É possível pensar no marxismo como uma forma de pensamento incompatível com o cristianismo, mas o fato é que a matéria tenta a todo instante resumir os pensamentos de esquerda ao marxismo.

Contudo, não é bem assim que acontece. Basta observar a atuação da Teologia da Libertação no âmbito católico, na qual apesar de ser uma forma de pensamento cristã tem posicionamento político mais à esquerda. Na realidade, trata-se de um universo bastante plural, visto que não é uníssona, isto é, existem esquerdas no Brasil e nem todas elas se resumem à perspectiva do materialismo dialético. O quarto ponto vai além, tenta construir uma ideia moralista de que a esquerda não gosta de instituições que delimitam o que é certo ou errado, como se não existissem regras.

Já o último tópico afirma que a esquerda prega a divisão entre as pessoas e conclui que a entidade que prega o ódio é o Diabo, fazendo uma evidente associação entre a entidade e o posicionamento político. Essa perspectiva dialoga bastante com o que foi constatado por De Paula (2022), visto que ele verificou que durante a eleição de 2018 a IURD construiu uma narrativa de Haddad e o PT como parte da agenda do Diabo e a personificação da autoridade de Satanás no Governo. Dessa maneira, utiliza-se da noção de batalha espiritual para a situação política brasileira, uma vez que o candidato de oposição a Bolsonaro foi enquadrado como agente de uma entidade maligna.

Discursos em torno da possível vitória de Haddad como a implementação de uma ditadura da ideologia de gênero, um governo de mentiras para os cristãos, atentados ou votos contra a fé e a destruição da família também foram realizados no contexto iurdiano (DE PAULA, 2022). Houve, portanto, a construção de uma narrativa combativa a partir de um encadeamento enunciativo conservador que constitui o imaginário de moralidade pública para essa comunidade religiosa. A partir disso, criou-se uma rejeição generalizada em virtude do crédito que os fiéis dão à instituição religiosa, ou seja, o que é dito é considerado a enunciação da verdade.

Com pouco mais de 1 ano de Jair Bolsonaro ser eleito presidente, a população enfrentou uma das maiores pandemias da História com a disseminação do vírus Covid-19. Durante esse período, a Igreja Universal construiu uma retórica baseada no negacionismo e na conspiração, cuja estratégia foi ocultar os alertas realizados pelas instituições públicas de saúde com o fito de preservar os mesmos níveis de arrecadação da igreja antes da pandemia (MARTINS, 2021). Isso pode ser afirmado com base nos discursos veiculados nas mídias da IURD e nos próprios templos, posto que houve a tentativa de minimizar a gravidade da doença, bem

como sustentar remédios que não tinham validade científica, assim como fez o Governo Bolsonaro.

No editorial da edição 1471 da Folha Universal, publicada entre 21 e 27 de junho de 2020, intitulado “Se a união faz a força, a ação faz mais ainda”, foi construída uma narrativa questionando a validade da quarentena decretada por determinados governos. A matéria defende que essa ação gerou a quebra da atividade produtiva no Brasil, causando desemprego e redução de salários. Em vez de culpabilizar a ausência de suporte ao trabalhador, há a culpabilização de uma medida de isolamento social para proteger a saúde da população.

Além disso, na mesma edição, abordou a recuperação de Edir Macedo da doença da Covid que o acometeu, afirmando que o medicamento hidroxiclороquina foi essencial para sua recuperação. No entanto, as autoridades de saúde indicavam que o remédio era ineficaz para o tratamento do vírus e poderia causar efeitos colaterais nocivos à saúde caso não fosse utilizado para a finalidade real da medicação. A edição 1478, veiculada entre 09 e 15 de agosto de 2020, conteve a publicação intitulada “Hidroxiclороquina: por que tamanha censura em torno de uma medicação”, na qual a análise é ainda melhor para compreender a sustentação discursiva do Governo Federal.

A notícia defende que vídeos que divulgavam os benefícios da hidroxiclороquina nas redes sociais foram censurados, cita alguns médicos pontuais que recomendaram o seu uso e afirma que foi utilizada como arma política contra Donald Trump, nos Estados Unidos, e contra Bolsonaro, no Brasil. Ademais, a matéria continha o seguinte texto:

A impressão que fica é que, por ter sido o presidente Jair Bolsonaro quem sugeriu o uso da cloroquina no País, muitos, receosos do sucesso, defendem o contrário. Assim como a cloroquina, muitos outros medicamentos ainda não têm eficácia comprovada e pesquisadores do mundo todo têm buscado encontrar tratamento e até a cura para a Covid-19 (FOLHA UNIVERSAL, 2020).

Nesse sentido, é perceptível que a IURD teve o objetivo de apoiar politicamente Bolsonaro, defendendo teses negacionistas que foram veiculadas a todo instante em seu governo. É válido ressaltar que a polarização política realmente é capaz de modificar a forma das pessoas enxergarem questões ligadas à saúde. Contudo, nada justifica esse tipo de narrativa que foi criada, uma vez que qualquer tratamento de saúde deve ser avaliado e usado com base em estudos científicos comprovados e não por mera experiência individual. Esse tipo de instrumentalização

com viés político é bastante perigosa, sobretudo pelo fato de que não havia evidências comprovadas da eficácia da medicação para a finalidade de tratamento da Covid-19.

O fato é que a Igreja Universal sustentou a narrativa do governo sobre a pandemia com discursos de que o isolamento social era desnecessário e que causou um impacto econômico - sustentando a lógica neoliberal -, bem como fez as mesmas afirmações que o ex-presidente sobre medicamentos ineficazes, ao passo que se omitiu em relação ao caso das vacinas. Ao que parece, a preocupação principal continuou sendo manter o número de fiéis nas agências religiosas, possivelmente pensando na arrecadação do dízimo e das ofertas.

Conforme apontou Oliveira *et. al.* (2020), os cultos da IURD no mês de março de 2020 abordaram o assunto acerca da pandemia de maneira bastante diminuída; houve também uma mudança em relação as temáticas do registro audiovisual, as quais tiveram um maior foco na depressão e no suicídio; quando o Governo Federal e os empresários veicularam ações que desafiavam as medidas sanitárias realizadas pelos estados e municípios, apoiou e seguiu com plateias lotadas nos templos.

Os discursos confirmam, portanto, uma preferência política da Igreja Universal ao passo que se deflagram como instituição inimiga da oposição. Assim como nas Histórias em Quadrinhos, nas quais o herói precisa do vilão para justificar as suas ações e ser considerado bom, mesmo com atitudes que isoladamente seriam consideradas ruins, a extrema direita também se utiliza da criação de “inimigos” para justificar algumas atitudes. Segundo Boito Júnior (2021), grupos reacionários apontam o Partido dos Trabalhadores (PT) e a esquerda como inimigos a serem combatidos e eliminados a todo custo, configurando como embrionários os projetos neofascistas no Brasil.

Embora seja precipitado enquadrar a igreja como neofascista, há alguns aspectos desse contexto que devem ser levados em consideração, sobretudo pela realização de práticas bastante comuns aos regimes totalitários. Desse modo, produzem narrativas que podem ser consideradas como fascistas. Pode-se ressaltar a idolatria a um líder, a campanha contrária a um suposto projeto comunista e o apoio a medidas autoritárias e que vão de encontro às recomendações dos estudos científicos para o bem-estar da população.

Nesse novo contexto, de polarização política moderada se comparada ao cenário anterior, o neofascismo se satisfaz, até o presente momento, com a agitação nas redes sociais, o apoio das igrejas pentecostais e neopentecostais que estão – elas sim – organizadas junto à população de baixa renda e com manifestações de rua esporádicas, como as manifestações de 26 de maio e de 30 junho deste ano, em apoio ao governo Bolsonaro e ao ex-juiz Sérgio Moro (BOITO JÚNIOR, 2021, p. 7).

Nessa perspectiva, as agências religiosas foram responsáveis por realizar uma movimentação para legitimar o governo Bolsonaro. É possível atribuir essa ação à face conservadora da conjuntura política que favorece os discursos veiculados na igreja, inclusive do ponto de vista econômico. Uma das narrativas mais recorrentes nos cultos observados na etnografia foi a concepção de que os fiéis podem ser donos do próprio negócio. No entanto, era inviável sustentar essa ideia quando os governos estaduais e municipais, em contramão ao que foi defendido pelo ex-presidente, instituíram o *lockdown*.

De acordo com Guerreiro e Almeida (2021), Bolsonaro criou uma falsa dicotomia entre saúde e economia - afirmando que as pessoas morreria em virtude do desemprego e não da pandemia - na qual foi legitimada por Edir Macedo quando afirmou que os fiéis não deveriam se preocupar, pois seria apenas uma tática de Satanás impor o medo. Dessa forma, percebe-se que o discurso religioso foi fundamental para eleger e manter o apoio ao governo da parcela da sociedade mais conservadora.

Entretanto, é válido salientar que houve um processo de flutuação de Macedo e da IURD entre os universos políticos da esquerda e da direita. Apesar de ter realizado campanhas contrárias, o líder iurdiano fez parte da sustentação dos dois primeiros governos de Lula. José de Alencar, vice-presidente na época, era filiado ao PL e foi o elo do governo com empresários e com a frente parlamentar evangélica. Já no governo Dilma, Marcelo Crivella foi integrante na posição de Ministro da Pesca e também executou esse papel conciliatório. Desse modo, é necessário levar em consideração a possibilidade de delimitar a atuação da Igreja no âmbito político como movido por conveniências de poder e não, necessariamente, pela perspectiva ideológica.

No capítulo seguinte, compreenderemos um pouco melhor o processo de mediatização da Igreja Universal, tornando-se a religião do espetáculo. Ademais, abordaremos a perspectiva persuasiva das histórias vidas exemplares que promovem a inspiração, bem como a sua importância pedagógica para as condutas

e valores defendidos pela igreja à luz da Teologia da Prosperidade e da situação precária. Por fim, as discussões suscitadas através das bibliografias selecionadas, da etnografia e dos jornais analisados serão confrontados com a própria visão dos fiéis sobre os testemunhos religiosos, a figura do Diabo e a prosperidade obtida através da igreja.

5 A RELIGIÃO DO ESPETÁCULO E A VISÃO DO FIEL SOBRE A IGREJA

5.1 A MUDIATIZAÇÃO DO ESPETÁCULO

Na perspectiva de Martino (2012), a introdução de componentes tecnológicos comunicacionais está intrinsecamente relacionada às características próprias das instituições religiosas, as quais se integram ao contexto de produção empresarial da comunicação. Dessa forma, torna-se perceptível que a midiatização confere visibilidade à religião no cenário público por meio dos meios de comunicação, transcendendo as fronteiras físicas e o domínio privado das igrejas. Isso oportuniza ampliar o público da igreja e fazer abordagens mais interativas e lúdicas sem que seja necessário o indivíduo sair de casa.

Nesse contexto, esse procedimento não se resume apenas a um instrumento para alcançar um objetivo específico, mas representa a própria maneira como ocorrem as interações nesses ambientes. As entidades religiosas neopentecostais ergueram um autêntico domínio midiático, o que viabiliza não só o seu funcionamento, mas também a expansão dessas organizações. A igreja Universal do Reino de Deus possui uma rede de televisão aberta própria, na qual boa parte da programação é voltada para os conteúdos religiosos. Até mesmo as novelas produzidas pela Rede Record têm um viés alicerçado nas concepções teológicas da instituição religiosa.

Ao todo, a Igreja Universal conta com ao menos 6 emissoras próprias de televisão (CNT; Rede Família; Rede Record; Rede TV; Canal 21; Gazeta) e estações de rádio que proporcionam uma relação comunicativa direta e permanente com os seus fiéis através dos meios de comunicação em massa (BEZERRA & SANTOS, 2020). Todavia, não se restringe às mídias mais tradicionais. A IURD tem se reinventado a todo instante e hoje tem canais nas redes sociais mais utilizadas na internet, como *Youtube*, *Instagram*, *Facebook* e até mesmo o *Twitter*.

Todos esses meios aproximam-se da realidade do fiel que vivencia a modernidade. Atualmente, o contato mais rápido, efetivo e até mesmo preferido pela maioria das pessoas é o das redes sociais. Desse modo, existe uma necessidade de acompanhar as personalidades - nesse caso de influência religiosa - em tempo real. Muitas delas, inclusive, aguardam o posicionamento dessas lideranças a cada acontecimento marcante que ocorre no cenário nacional e internacional antes de

formar uma opinião própria. É por essa razão que, durante a pandemia, os fiéis atribuíram credibilidade literal aos textos veiculados por *influencers* iurdianos.

Conforme indicam Toledo e Cazavechia (2021), com o avanço do capitalismo na América Latina, sob uma abordagem neoliberal, surgiram igrejas nas quais ocupam os espaços virtuais baseadas na indústria midiática, fenômeno que pode ser exemplificado pelas entidades religiosas neopentecostais. Assim, expande-se a habilidade de envolver os fiéis em torno de seus princípios e de perpetuar uma cultura religiosa também embasada em aspectos ideológicos do ponto de vista econômico.

Instaura-se, portanto, um mercado religioso pautado na produção de mídias, as quais colocam a Igreja Universal em posição de destaque na competição por alcance nessa estrutura institucional alicerçada no marketing e na midiatização. É de mister importância salientar que essa atuação marca o rompimento de barreiras geográficas, uma vez que possibilita a angariação de fiéis de diferentes regiões do país e do mundo. A constante readaptação da instituição também demarca o preparo para acompanhar as mudanças contemporâneas, nas quais exigem cada vez mais uma projeção no âmbito virtual.

Segundo Bellotti (2018), o sentido da mídia como suporte abarca o que é produzido e incorporado pelas instituições religiosas, as quais ampliam suas produções através dos meios de comunicação de massas. A compra da emissora praticamente falida, Rede Record, pelo bispo Edir Macedo, em 1989, foi um marco para o protagonismo midiático da Igreja Universal do Reino de Deus, uma vez que a internet e outras tecnologias ainda eram pouco acessíveis.

É inegável que esse foi um grande passo para inserir a IURD no mercado religioso midiático, proporcionando uma audiência mais ampla e diversificada em um período no qual outras formas virtuais de comunicação ainda não haviam se consolidado. Essa aquisição estratégica inaugurou uma nova maneira de disseminar a mensagem religiosa com objetivos muito bem definidos. A finalidade não fica restrita à atração de novos seguidores ou à fidelização daqueles que já fazem parte da comunidade religiosa, pois realiza campanhas para doações, ofertas e dízimos que corroboram com a arrecadação financeira da igreja, assim como permite que os líderes iurdiano se expressem sobre temas sociais e políticos em âmbito público.

Com o advento da globalização, é difícil falar em religião que não se relacione de alguma maneira com as mídias. Um exemplo claro disso é a Congregação Cristã

no Brasil que fez uma página na internet, considerado uma mídia social, apenas para informar que não possuía nenhum site oficial ou meio de comunicação (BELLOTTI, 2018). Dessa maneira, até mesmo para afirmar que não participa do espaço virtual é necessário em algum momento fazer parte para expressar publicamente que a instituição não possui meios oficiais de comunicação na *internet*. Atualmente, a Igreja já possui site oficial e passou a divulgar em janeiro de 2020, possivelmente pela necessidade de uma comunicação mais direta com os fiéis.

Nesse sentido, a participação nesse meio é indispensável no contexto midiático no qual estamos vivenciando, visto que as pessoas e instituições são cobradas a todo momento por essa inserção digital. É necessário demarcar que aqui se entende por 'mídiatização' o conceito delimitado por Cunha (2013) como produtora da cultura das mídias capaz de reformular o procedimento coletivo de construção de significados através do qual a comunidade se entende, se comunica, se reproduz e se modifica, utilizando inovações tecnológicas recentes e modalidades de difusão de dados.

Contudo, vale pontuar que o acesso instantâneo às mensagens vivenciado nesse contexto e a autonomia que cada usuário possui em se expressar em tempo real no meio on-line traz consigo desafios que podem ser perigosos ou nocivos em algum aspecto. O ciberespaço, conforme demarca Bellotti (2018), é caracterizado pela velocidade de informações e de compartilhamento de notícias, mas ao mesmo tempo é alvo de *fake news* alimentadas por agentes religiosos movidos por moralismos.

Como foi visto no capítulo anterior, as eleições de 2018 são um exemplo desse contexto, posto que foi montada toda uma estrutura para estimular mentiras disfarçadas de defesa dos valores morais orientados pela igreja. Jair Bolsonaro foi amplamente divulgado pelas mídias da Igreja Universal, tendo sido agraciado pelo apoio incontestado de Edir Macedo. Vale mencionar que nas vésperas do primeiro turno da votação, enquanto os demais candidatos se enfrentaram no debate presidencial da Rede Globo, Bolsonaro teve o palanque por 30 minutos com uma entrevista exclusiva na Rede Record, a qual pertence ao líder da IURD.

Ademais, quando foi eleito presidente da República, teve sua vida "apresentada a Deus" pelo Bispo Macedo em pleno culto da Universal, sendo exibido nos programas de televisão e divulgado, no dia 1 de setembro de 2019, no seu canal do *YouTube*. Nessa ocasião, o líder religioso chamou Bolsonaro para o

altar, a fim de realizar uma oração que incorporaria o espírito santo a sua governança. Afirmou que o bem dele representava o bem da nação e pontuou que a partir dali ele faria uma nova atuação.

Um aspecto que vale ressaltar dentro da perspectiva de midiatização é que Edir Macedo defendeu a ideia do então presidente estar sendo perseguido pela imprensa e que sabia bem o que era isso, já que também sofria com esses ataques. Desse modo, é possível demarcar que a inserção no meio de comunicação em massa permite a expressão explícita sobre temáticas políticas, nas quais estão dentro da perspectiva institucional da igreja. Por outro lado, também é uma maneira de proporcionar a contrapartida ao que é veiculado nos jornais que confrontam e colocam em xeque personalidades religiosas e políticas no cenário público.

A religiosidade midiática, caracterizada pela expressão individual ou coletiva, está inserida dentro de uma busca pela produção de significados dos cristãos na contemporaneidade e se configura como um elemento de barganha mercadológico, bem como uma estratégia de marketing (CUNHA, 2013). É natural que nesse processo a igreja se coloque no papel de “transmitir as verdades” ao máximo de pessoas, mesmo que seja necessário confrontar outros meios de comunicação. O próprio embate é estratégico, posto que objetiva direcionar o fiel a assistir a apenas um canal, corroborando com discursos que acusam a Rede Globo, por exemplo, de ser aparelhada ideologicamente, influenciando que as pessoas boicotem o canal de televisão.

Para conseguir explicar a configuração da religião midiatizada, é importante trazer à tona os estudos de Guy Debord (2003) na obra “Sociedade do Espetáculo”. Segundo o autor, esse contexto é identificado pela marcante prevalência de uma cultura de consumo excessivamente centrada em imagens, caracterizando a sociedade espetacular. Partindo dessa premissa, observa-se que o espetáculo incorporou a cultura religiosa, transformando-a em uma mercadoria a ser consumida. O ponto crucial reside no fato de que as igrejas como a Universal estão empenhadas em estabelecer uma conexão visual entre esses locais religiosos e a imagem de indivíduos que experimentaram melhorias materiais em suas vidas.

A imagem para essa sociedade é crucial, fazendo com que a religião também adapte a estrutura de comunicação, a fim de estabelecer uma conexão e atender às demandas do consumidor. Essa construção não é realidade de qualquer maneira. Existe uma equipe bastante diversa para pensar em ângulos de filmagem e

fotografia, cores, discursos, objetos, pessoas e outros elementos que integram o cenário a ser construído para o fiel. A aparência delimita a forma na qual as pessoas percebem e interagem o mundo ao seu redor, ou seja, é essencial que tudo seja enquadrado em elementos visuais que estimulem a concepção de que a igreja é capaz de melhorar espiritual e materialmente a vida daqueles que seguem as mensagens transmitidas pela agência religiosa.

Na sociedade do espetáculo, no âmbito midiático, a escolha dos eventos que despertam interesse e audiência ocorre quando estes são capazes de provocar emoções, entreter ou instigar a curiosidade do público (PATRIOTA, 2008). A natureza desses espaços religiosos não é mais de caráter sagrado, mas espetacular em todas as dimensões. Logo, é necessário cativar e se conectar com o fiel, empregando formas de expressão que estimulem as emoções, idealizações, fantasias e desejos da sociedade atual, especialmente diante da crescente influência midiática.

Ao empregar imagens impactantes para as pessoas que assistem aos programas televisivos ou que acompanham a igreja pelas redes sociais ou ainda presencialmente, com a utilização de elementos do marketing institucional, estabelece-se uma ação contínua para atrair pessoas e engajá-las nas ações iurdianas. Vale ressaltar que na modernidade as pessoas são “bombardeadas” de imagens a todo instante, sendo imprescindível utilizar-se da criatividade no ambiente saturado de estímulos visuais.

Quando o templo religioso promove um espaço voltado aos testemunhos religiosos, desperta sentimento em muitos daqueles que presenciaram esse momento. Isso porque muitos dos enunciados proferidos discorrem sobre dores comuns àqueles que os ouvem. Cria-se, nesse aspecto, uma imagem na mente do fiel do que ele está passando ao passo que também projeta a visualização de uma condição diferente da que está vivendo por intermédio da igreja.

Conforme Debord (2003, p. 17) assinala, “o que aparece é bom e o que é bom aparece”. Dentro dessa interpretação, pode-se compreender a atuação religiosa da sociedade espetacular, dentro da qual a vida se revela como uma vasta acumulação de espetáculos, originando uma dicotomia entre a experiência direta e a representação. Nesse ambiente, os espaços on-line apresentam-se altamente promissores para o desenvolvimento e reforço das práticas e narrativas religiosas, visto que os indivíduos atribuem grande valor ao que é constantemente visível nas

mídias, especialmente quando associado ao marketing midiático e às histórias de superação disseminadas pelas igrejas.

A quantidade de imagens e a qualidade de produção nos meios de comunicação de massa causam um efeito impactante na sociedade do espetáculo. Tende-se a interpretar que o que aparece com frequência é positivo, isto é, se há vários canais de televisão, programas, novelas e discursos com a mesma perspectiva, é preciso levar em consideração e enxergar esses elementos como verdade. O efeito visual certamente é uma ferramenta para autopromoção e para permanecer relevante em cada público-alvo.

Entretanto, para efetivamente validar esse *ethos* centrado no consumo, as atitudes e as expressões dos líderes religiosos também desempenham um papel crucial. Nessa ótica, a representação do pastor como uma figura espetacular na sociedade midiática sugere que “a imagem pastoral a ser formada no imaginário individual e coletivo dos fiéis é de um show (wo)man” (FREITAS, 2014, p. 230). Portanto, há uma grande expectativa em relação aos representantes da Igreja, com uma vigilância constante de suas atitudes e de seus corpos, os quais devem estar em conformidade com as normas estabelecidas de maneira imagética e tradicional no contexto religioso.

A própria atuação do pastor da Igreja Universal, no qual canta e encanta o público que lida diariamente no templo religioso, pode ser comparado à *performance* de um apresentador de espetáculos. Trata-se de um universo baseado no entretenimento do fiel, o qual passa a ser um expectador que exige uma experiência envolvente e atrativa. O líder iurdiano não é visto meramente como alguém que fala sobre a palavra de Deus através dos versículos bíblicos, uma vez que assume um papel de animador e até mesmo cantor durante a execução dos louvores na igreja.

Essa abordagem é fruto da sociedade do espetáculo narrada por Debord. A imagem deve ser veiculada de maneira dinâmica, de modo a atrair a atenção. Assim como realizado em qualquer espetáculo, as músicas e as coreografias ocupam um papel fundamental no âmbito religioso em questão. Durante as pesquisas etnográficas abordadas no capítulo anterior, foi possível constatar que a musicalização corrobora para o maior engajamento dos fiéis durante o culto, posto que a abordagem não fica monótona.

As emoções são estimuladas e o nível de conexão das pessoas que frequentam é fortalecido. A mídia, mais uma vez, é uma ferramenta que consegue

amplificar o conjunto de esforços acerca do entretenimento observado na Igreja Universal do Reino de Deus, tornando-a parte da midiaticização do espetáculo religioso. Conforme demarcou Patriota (2009), o conteúdo religioso veiculados nas mídias retratam momentos da vida comum, fantasias e sonhos capazes de modelar o pensamento das pessoas que consomem esse serviço religioso.

Nesse sentido, os discursos observados nos programas televisivos iurdianos contemplam testemunhos religiosos nos quais os fiéis narram a trajetória de vida bem-sucedida a partir das ações realizadas na igreja. É perceptível que os enunciados não são colocados de qualquer maneira. Existe uma disposição lógica, intencional e sistematicamente selecionada com a finalidade prévia de causar um impacto específico no público. A partir disso, as pessoas sonham com a concretização das vidas que se tornaram espelho em suas vidas a partir do acúmulo de espetáculos.

Nesse caso, a profundidade da fé na religião-espetáculo não mais é mensurada pela qualidade teológica dos seus postulados, mas pela intensidade do sentimento do indivíduo que se entrega à experiência religiosa diversional. Com efeito, na gangorra oscilante dos níveis do ibope, vão se apartando da mensagem religiosa ícones até então intocáveis, como a teologia. A superficialidade agora é o principal tempero do discurso religioso espetacular, como de qualquer discurso ficcional divertido (PATRIOTA, 2009, p. 197).

Desse modo, a preocupação não é reduzida à transmissão ou reflexão do texto sagrado, uma vez que a parte mais fundamental da religião do espetáculo é envolver emocionalmente o indivíduo, assim como produtos voltados ao entretenimento. As massas são conduzidas através do aporte tecnológico das mídias, nas quais são direcionadas as técnicas para tornar a experiência do fiel mais divertida. Os aspectos teológicos, portanto, ficam em segundo plano. No entanto, é válido ressaltar que a apropriação dos espetáculos não é uma exclusividade da IURD, pois as religiões da modernidade se utilizam do recurso mercadológico narrado por Guy Debord na Sociedade do Espetáculo.

O fato é que a Universal está no rol das religiões cuja estrutura de marketing institucional é bastante direcionada para construção de narrativas nas quais os personagens dramatizam sensações, a fim de sensibilizar os telespectadores para que se tornem consumidores desse mercado. Assim como foi abordado por Campos (1999), é possível considerar a metáfora do “teatro” para enquadrar as igrejas neopentecostais, visto que estas realizam uma frequente dramatização das ações

realizadas, sobretudo quando se trata de curas, exorcismos e discursos de prosperidade.

A partir desse entendimento, observa-se que a espetacularização midiática iurdiana não se resume a encantar o fiel com louvores, belas imagens ou discursos emocionantes que prendem a atenção. Trata-se de um contexto mais amplo, no qual envolve a teatralização das ações desempenhadas e recebidas pelas pessoas que frequentam a igreja. Em alguns casos, as imagens impressionam a quem assiste, uma vez que a carga de sentimento transmitida pela dramaturgia é capaz de despertar inquietação, curiosidade e até mesmo vontades no fiel.

Em culto transmitido pelas mídias da IURD e publicado no canal do YouTube do bispo Edir Macedo, no dia 20 de abril de 2018, o objetivo primordial foi realizar uma sessão de descarrego. Nessa ocasião, ainda no início do encontro, o líder da Igreja Universal convocou que todos os espíritos, encostos e entendidas de feitiçaria se manifestassem naquele momento. Logo de imediato, inúmeros sons de pessoas gritando começaram a surgir pela plateia.

Macedo pontuou que muitos presentes que estavam se expressando têm sido dominados pelo império do inferno e, dirigindo-se diretamente à Satanás disse ordenou que os espíritos saíssem das pessoas. Posteriormente, quando as pessoas gritaram “SAI” e fizeram sinal de que estavam os expulsando, o bispo escolheu uma das pessoas - dentre as milhares presentes - para um diálogo. Com as mãos para trás, corpo curvado e voz alterada, a pessoa se comportava como se estivesse possuída por um demônio, falando inicialmente que mataria Edir Macedo.

Apesar do tom inicial agressivo, quando ele mandou o homem ficar de joelhos, em questão de segundos, realmente ficou. A partir disso, Macedo começou a discursar sobre o comportamento do Diabo e depois entrevistou a entidade perguntando qual era a intenção, quanto tempo e em que aspectos estava influenciado a vida da pessoa. Quando o bispo disse: “sai pra sempre” o homem caiu no chão e quando se levantou passou a se comportar de uma maneira totalmente diferente, como se já não estivesse mais possuído.

Figura 1 - Edir Macedo discursando para os fiéis enquanto o homem “possuído” está ajoelhado.



Fonte: *print* retirado do vídeo publicado no YouTube

Como é possível visualizar na imagem acima, o homem passa uma expressão de ódio e agressividade com os braços abertos, puho fechado e gritando em direção ao bispo. No entanto, a impressão que Edir Macedo passa não é de medo. Muito pelo contrário, há uma tranquilidade nos seus gestos que visa demonstrar superioridade e pouca preocupação em ser afetado pelo homem, inclusive porque ele deu as costas para uma pessoa supostamente possuída pelo demônio. É válido ressaltar que o líder da Igreja Universal e os obreiros presentes vestem roupas na coloração branca, a qual transmite a ideia de paz, pureza e honestidade.

A disposição dos elementos nessa figura demonstra a intencionalidade da instituição em um momento intitulado por ela própria como “Sessão do Descarrego”. As pessoas vestidas de branco são colocadas como agentes do bem contra o mal iminente às vistas de milhares de pessoas presentes ou que assistiram através das mídias. Com mais de 798 mil visualizações apenas no canal do YouTube do bispo, o vídeo representa a vivência religiosa da Sociedade do Espetáculo narrada por Debord (2003). As representações imagéticas são profundamente cruciais no corpo social desenhado a partir das aparências culturalmente construídas.

O evento narrado e a imagem corroboram para compreender as dinâmicas iurdianas as quais consolidam a midiatização do espetáculo. A cena prende a atenção daqueles que assistem, uma vez que parece um trecho de filme de terror. A voz com rouquidão e a contorção dos braços para trás lembra imagens do cinema

de cenas de possessão demoníacas. Por outro lado, constrói-se a noção visual da igreja como instituição capaz de expulsar essas entidades negativas, mesmo em casos extremos. Por outro lado, também demonstra a serenidade do ato pelo bispo Macedo para construir a imagética de uma pessoa que tem poderes sobrenaturais, pois em casos mais complicados ele faz a “demonstração” em público do procedimento de descarrego.

Aliás, vale ressaltar que o fato de ter um culto voltado ao descarrego mais uma vez reforça a aproximação com rituais das religiões afro-brasileiras. Segundo Oro (2005), mesmo que com outras semânticas, a IURD reconhece as entidades que influenciam negativamente as pessoas, propondo ações combativas para exorcizá-las e concretizar a guerra espiritual na luta contra os demônios. Dessa forma, constrói-se a identidade imaginativa do combate das forças malignas como um elemento institucional digno de marketing e propagação da imagem midiática.

O caso apresentado demonstra que o espetáculo não pode parar e demanda a teatralização dos cultos religiosos, a fim de que o fiel visualize na prática a atuação das entidades do mal contra as quais a IURD combate. Nesse contexto, é necessário compreender a construção dessas dinâmicas na igreja, sobretudo dos atores responsáveis pela construção da concepção na qual a agência religiosa luta contra o Diabo e proporciona a prosperidade. Contudo, a pergunta que fica é: como os próprios fiéis promovem a inspiração aos outros indivíduos que os assistem, de modo a produzir uma imagem positiva da igreja?

5.2 A INSPIRAÇÃO DAS VIDAS EXEMPLARES À LUZ DA PRECARIÉDADE E DO ESPÍRITO EMPREENDEDOR

Casaqui (2017) pontua que a inspiração é marca da sociedade contemporânea na qual é associada ao espírito empreendedor. Partindo de uma perspectiva ampla, é possível constatar a consolidação de uma cultura da inspiração ancorada às institucionalidades e narrativas legitimadas pela midiatização no contexto comunicacional. Nessa perspectiva, utilizando o conceito para o campo da História Cultural das Religiões, é possível afirmar que essa construção inspiracional também faz parte do cenário religioso da modernidade.

Conforme foi abordado anteriormente, a Igreja Universal do Reino de Deus está alicerçada às lógicas capitalistas de mercado. Para sustentar os interesses

dentro dessa cultura econômica, faz-se necessário agir no sentido de construir uma narrativa que inspire as pessoas a seguirem as orientações da instituição. É notório que as vidas de pessoas exemplares são a todo momento colocadas à mostra, seja nas próprias agências religiosas ou nos diversos meios de comunicação em massa físicos e/ou virtuais.

A Cultura da Inspiração, de maneira objetiva, trata-se de histórias inspiradoras que corroboram ao enfrentamento das adversidades cotidianas, narrativas nas quais muitas vezes são cunhadas pela produção mercadológica (CASAQUI, 2017). Quando observados os cultos iurdianos, constata-se a (re)produção de narrativas sobre pessoas cujas trajetórias são consideradas como bem-sucedidas. Os testemunhos religiosos tendem a demarcar a história de vida de um fiel que enfrentou dificuldades, sobretudo quando era afastado da igreja, e que alcançou a prosperidade por meio das ações no templo religioso.

Esses enunciados são motivos de inspiração para todos aqueles que os ouvem. Durante um programa da Igreja Universal, cuja gravação foi publicada no canal do YouTube da igreja no dia 15 de novembro de 2019, foi exibido o testemunho de uma mulher chamada Hélia. Em 2004, foi diagnosticada com câncer em estado terminal por um médico, o qual afirmou que ela teria pouco mais de 06 meses de vida. Nesse período, ela relatou que buscou a agência religiosa e participou da corrente de jejum coletivo, fato no qual é atribuído por dona Hélia como responsável por sua cura, uma vez que depois disso o médico não encontrou mais o câncer através dos exames.

Essa certamente é uma história de vida inspiradora. Uma senhora que não tinha mais perspectiva no campo da medicina encontrou na religião uma forma de ter esperanças em preservar a sua vida. Trata-se de uma narrativa que ressalta a capacidade da IURD em transformar uma experiência negativa no âmbito da saúde para um resultado positivo. A ênfase no diagnóstico inicial demarca um elemento emocional, enquanto a alegação da cura pela fé representa a criação de uma história de superação e esperança.

Todavia, não se trata de um acontecimento isolado. Existem inúmeros casos compartilhados nos meios oficiais de comunicação da Universal e, a todo momento, há relatos semelhantes nos cultos e programas televisivos iurdianos. Segundo Araújo (2007), a eficácia das ações proselitistas da Igreja Universal do Reino de Deus e o aumento da visibilidade dessa instituição têm como contribuição a oferta

de produtos mágico-religiosos de natureza curativa. São realizadas orações, correntes, louvores, pedidos e até mesmo são vendidos produtos cuja finalidade é direcionada à saúde das pessoas presentes nos cultos.

A partir de um processo de ressignificação religiosa, a IURD confere uma maneira singular acerca da ideia de doença, atribuindo as mazelas ao Diabo, às condutas e à ausência de ofertas, experiências que são narradas por meio dos testemunhos religiosos (ARAÚJO, 2007). Desse modo, as narrativas são fundamentais no processo de inspiração dos fiéis, uma vez que muitos indivíduos possuem trajetórias semelhantes ou enfrentam adversidades no momento no qual ouvem o discurso. Os enunciados são pedagógicos e ensinam às pessoas presentes que podem melhorar todos os aspectos de suas vidas através da igreja.

Por outro lado, a agência religiosa também realiza a construção enunciativa de que o fiel pode prosperar economicamente. Muitos são os incentivos e até mesmo as correntes voltadas ao empreendedorismo. É dito que é possível mudar de vida, quitar as dívidas, superar as dificuldades financeiras e o fato de estar desempregado não é visto como determinante para vida do fiel, uma vez que é estimulado a ser dono do próprio negócio. Essa ideia se insere nos parâmetros neoliberais, nos quais postulam a ilusão que as pessoas podem acumular riquezas materiais, basta abrir a própria empresa que há grandes chances de êxito.

Durante o programa televisivo “Vale da Decisão: o lugar onde a fé é comprovada”, publicado no canal do *YouTube* no dia 22 de maio de 2018, foi exibido o testemunho de Adaisio Campelo. Em um relato emocionante, afirmou que é nordestino, era analfabeto e que seus pais sempre afirmaram que nunca conquistaria nada por não ter oportunidades de estudo. Assim como muitos nordestinos fizeram ao longo do século XX, foi tentar melhores condições de vida na cidade de São Paulo. Ele contou que logo de imediato foi rejeitado por uma empresa, quando o entrevistador perguntou se ele era nordestino e se não sabia ler e escrever. Como afirmou que não era plenamente alfabetizado, o funcionário da empresa jogou sua ficha cadastral no lixo na sua frente.

Em virtude do fato de não ter conseguido nenhum emprego formal, foi trabalhar como ambulante e ficou morando em um barraco na beira da represa. Segundo sua narrativa, tudo mudou quando entrou pela primeira vez na Igreja Universal do Reino de Deus, quando ouviu discursos sobre a possibilidade de Deus mudar a sua vida. Adaisio alegou que a partir de então ele começou a ter uma maior

autoconfiança, acreditando no próprio potencial e se tornou uma pessoa forte. A partir disso, sua vida deu uma guinada, sobretudo quando começou a vender sacos de lixo e montou a própria empresa.

Hoje, ele se considera uma pessoa de sucesso, relatando que tem uma casa avaliada em 900 mil reais e tem três empresas com inúmeros equipamentos caros. Tudo isso que conquistou ele atribui como fruto do altar da Igreja Universal. Ademais, Adaisio fez questão de ressaltar que isso não foi resultado da inteligência, uma vez que ele não possui educação formal. É de mister importância salientar que o título colocado no canal do *YouTube* foi: “O analfabeto que se tornou forte”. Com isso, passa a ideia de que é natural uma associação de fraqueza às pessoas que não tiveram oportunidades de estudo e, mesmo assim, a pessoa conseguiu travar uma história de superação e alcançou o *status* de autoridade.

Nessa narrativa, percebe-se que a compreensão estereotipada dos nordestinos é bastante marcante. Isso faz lembrar da tese de Durval Muniz (2011) sobre a “Invenção do Nordeste”, posto que - através de diversas fontes literárias e não-literárias - pontuou a existência de um conjunto de discursos responsáveis por inventar um imaginário sobre a região nordeste, no qual sempre gira em torno da seca, das pessoas necessitadas social e economicamente, bem como é sinônimo atraso. Isso tudo é feito através da comparação com outras regiões, tornando-se uma invenção discursiva realizada a partir das percepções das elites brasileiras.

É possível observar que Adaisio reproduzia em si mesmo esse imaginário do nordestino fracassado e sem oportunidades. A equipe midiática certamente leva em consideração o fato de que isso reproduz muitas outras histórias dos nordestinos, ao enfatizar a atribuição do sucesso desse fiel à igreja. A superação, portanto, não depende de um fator intrínseco, mas da busca pela prosperidade que a agência religiosa é capaz de proporcionar. Desse modo, o discurso construído faz aceitar a condição estereotipada na qual deve ser firmada ao longo da vida caso a pessoa não busque na religião uma forma de salvação.

Paralelamente, ele deixou claro que a forma abençoada do altar da IURD proporcionar uma guinada na sua vida foi através do empreendedorismo. Aliás, essa compreensão na agência religiosa é bastante frequente. A igreja defende a compreensão que o fiel deve tomar uma atitude para conquistar aquilo que deseja, pois apenas orar não é o suficiente para o sucesso e a aquisição de riquezas,

caracterizando a perspectiva do capitalismo moderno vigente e das lógicas empreendedoras do *self-made man* (FIGUEIREDO, 2007).

Nesse sentido, o fiel é visto como responsável por criar o seu próprio sucesso através da igreja. Embora a autonomia seja relativa, já que depende da instituição religiosa para prosperar, as pessoas que frequentam são cobradas por ações em parâmetros às lógicas neoliberais. Conforme assinalam Salgado e Santos (2018), a IURD converte o sujeito-trabalhador em sujeito-empresa, defendendo a ideia da propensão natural do indivíduo ao sucesso desde que siga as orientações da igreja, na qual tenta se respaldar na hermenêutica construída a partir de personagens bíblicos como Davi, Salomão e José do Egito.

Dessa forma, o mercado religioso é responsável por disseminar enunciados numa perspectiva *coach* e alinhada às políticas neoliberais. Os fiéis iurdianos são treinados para acreditarem em um possível potencial de prosperidade material avivando o espírito empreendedor. Os discursos dos pastores e até mesmo de outras pessoas testemunhantes que alcançaram seus objetivos alimentam a esperança e trabalham a vontade individual de superar as adversidades e fortalecer o potencial. Por outro lado, trata-se de uma reprodução das concepções do neoliberalismo firmados no Brasil, sobretudo, na década de 1990.

Apoiei-me ainda na observação direta do estilo de vida dos integrantes desta rede para demonstrar o surgimento, na sociedade brasileira contemporânea, de um ethos que valoriza, concomitantemente, o trabalho empreendedor e o consumo conspícuo. Tal ethos passou a ser característico de alguns meios sociais recentemente, quando, durante o governo Collor, o Brasil adotou, em sua política econômica, os princípios do “mercado livre” (LIMA, 2007, p. 134).

Durante o governo Fernando Collor de Mello a política econômica neoliberal passou ao patamar de maior consolidação. No entanto, é válido salientar que durante o governo de Jair Bolsonaro (2018-2022) foi abandonado o projeto neoliberal progressista para instaurar o neoconservadorismo. Conforme pontuou Quintela (2020), o governo Bolsonaro foi marcado por um processo de hibridização entre o neoliberalismo e a perspectiva neoconservadora, inclusive na composição ministerial com cargos nos quais foram ocupados pelo ultraliberal da economia Paulo Guedes é uma ministra considerada “terrivelmente cristã”, Damares Alves.

A ideia defendida durante sua condução política foi voltada à defesa da mínima intervenção do Estado na economia e à privatização até mesmo dos setores essenciais para a sociedade. Por outro lado, discursos conservadores influenciaram

diretamente as opiniões sobre a noção de núcleo familiar, os direitos das mulheres, o combate ao racismo e a preservação do meio ambiente. Todos esses temas foram fortemente abalados por uma perspectiva extremista e reacionária. Dessa maneira, abriu espaço para o florescimento de enunciados conservadores também no âmbito religioso, o qual passou a valorizar demasiadamente as lógicas de mercado em torno do empreendedorismo.

Partindo dessa conjuntura, a narrativa emocionante de Adaisio, na qual foi transmitida pelo programa da Igreja Universal, insere-se na perspectiva da cultura da inspiração, típico da sociedade empreendedora. Isso porque ratifica a ideia de que é possível superar a crise econômica e até mesmo situações de vulnerabilidade social através da força de vontade de fazer acontecer com “as próprias mãos”. Dessa maneira, não se trata apenas de servir como um exemplo para outras pessoas, mas de alimentar as ilusões das pessoas que almejam sair da situação de precariedade.

O corpo implica mortalidade, vulnerabilidade, agência: a pele e a carne nos expõem ao olhar dos outros, mas também ao toque e à violência, e os corpos também ameaçam nos transformar na agência e no instrumento de tudo isso. Embora lutemos por direitos sobre nossos próprios corpos, os próprios corpos pelos quais lutamos não são apenas nossos. O corpo tem sua dimensão invariavelmente pública. Constituído como um fenômeno social na esfera pública, meu corpo é e não é meu (BUTLER, 2019).

Nessa perspectiva, são muitos os fatores que interferem na vida das pessoas, uma vez que o corpo não deve ser visto como pertencente a um contexto privativo, pois depende de uma série de estruturas do âmbito público para manutenção vital. No ano de 2022, o Brasil retornou ao mapa da fome. Isso significa dizer que pela ausência de políticas públicas para resolver o agravamento da pobreza no país, em virtude do desemprego, da inflação, das consequências da pandemia da Covid-19 e de outros fatores, milhões de brasileiros passaram a não ter o mínimo de alimento para sobreviver de maneira saudável.

A precariedade, portanto, é um elemento propulsor para a consolidação de histórias que inspiram os fiéis na Igreja Universal, dando esperança de uma vida próspera. Para tentar compreender melhor os alicerces de uma vida precária por natureza, devem ser ressaltados os seguintes pontos: 1) natureza existencial; 2) efemeridade da vida; 3) condições socioeconômicas; 4) natureza biológica. O ser humano é frágil, tem uma existência incerta e está suscetível a experiências inesperadas, nas quais ressaltam a vulnerabilidade da natureza humana.

Além disso, a vida é efêmera, uma vez que todas as pessoas têm um tempo de vida incerto, mas relativamente curto. A perspectiva de transitoriedade humana reside no fato de que a qualquer momento o princípio vital pode ser interrompido até mesmo por um desastre natural, como uma enchente ou deslizamento de terra. Entretanto, os aspectos da precariedade como inerente à condição humana não ficam restritos a acontecimentos do acaso.

A questão econômica é extremamente importante para a continuidade ou não de uma vida. Apesar de parecer fácil nos discursos neoliberais a obtenção, a vontade de viver ou mesmo de enriquecer não é o suficiente para a concretização do propósito. A ausência dos insumos essenciais de alimentação, saúde e segurança é capaz de potencializar a vulnerabilidade da população e deixá-la suscetível à interrupção da vida ou submeter a condições degradantes. Como foi tratado anteriormente, o governo Bolsonaro foi negligente com a crise pública de saúde da pandemia.

A demora para aquisição de vacinas e a disseminação de notícias falsas, nas quais descredibilizavam as orientações da Organização Mundial de Saúde e defendiam o uso alternativo de medicamentos ineficazes contra a doença, foi responsável deixar parte da sociedade ainda mais desamparada contra o vírus. Dessa forma, mesmo aqueles que tinham a vontade de viver ficaram reféns das políticas públicas ineficientes e prejudiciais. Evidentemente, a população pobre foi a mais afetada, uma vez que não tinha condições de obter recursos próprios e ainda teve que lidar com as formas autônomas de trabalho que garantiam os seus sustentos, as quais também foram afetadas pelo isolamento social.

Nesse contexto, as condições socioeconômicas evidenciam a precariedade de determinadas classes sociais e a forma na qual o Estado se organiza como um todo. Por fim, a própria natureza biológica dos indivíduos reforça o dinamismo da vida que depende da adaptação do corpo aos organismos e às condições impostas, ao passo que ressalta a luta contra as doenças que cada pessoa está suscetível. Logo, as narrativas iurdianas fazem muito sentido nesse contexto de precariedade vivenciado pelas pessoas no Brasil, a qual é agravada em alguns momentos de recessão econômica, crise política ou de saúde pública.

É válido salientar que os discursos que inspiram têm uma perspectiva também pedagógica, fundamentadas em princípios de consumo e na Teologia da Prosperidade. De acordo com as observações de Rodrigues (2015, p.16), "para

além da esfera empresarial, o ato de “empreender” passa a ser difundido na igreja, através de um tipo peculiar de pedagogia, como modo de agir em todos os âmbitos da vida, em especial nas relações afetivas”. A partir dessa concepção, é possível demarcar que as narrativas exemplares e motivacionais presentes nos relatos religiosos, que estimulam o seguidor em direção à prosperidade material, constituem um efeito pedagógico visando atingir a felicidade.

Conforme defendem Barbosa e Campbell (2006), a sociedade é impulsionada pelas demandas do consumidor, as quais são baseadas na vontade, no querer e na experimentação das emoções propiciadas pela economia do mundo moderno. É nessa conjuntura que a Igreja Universal do Reino de Deus se insere. Os fiéis devem ser vistos também como consumidores de produtos religiosos. As agências religiosas estimulam o desejo e sonho da aquisição de bens e da melhoria em diversos aspectos da vida .

Em um conceito mais amplo de educação, Libâneo (2010) postula como a prática educativa está intimamente vinculada às atividades e aos resultados do desenvolvimento pessoal ao longo da existência, visando fornecer as habilidades e características fundamentais para a convivência em comunidade. Nesse sentido, vai além das instituições formais de ensino. A educação não-formal consiste em quando existe uma intenção subjacente, porém não há uma extensa teia de organização e formalização estruturada das abordagens educacionais, característica de ensino praticada nas instituições religiosas.

Então, a inspiração observada nos discursos iurdianos é também de perspectiva educacional. As pessoas são ensinadas a acreditar que é possível prosperar economicamente, inclusive através do empreendedorismo, bem como superar todos os problemas no âmbito da saúde, jurídico ou qualquer outro aspecto de suas vidas por meio da igreja. Os testemunhos religiosos, fundamentados na TP, motivam os adeptos a procurarem o sucesso material, adquirindo bens e produtos almejados por essas pessoas. O propósito é evidenciar que outros indivíduos alcançaram os objetos de seu desejo por meio de suas conexões positivas com a instituição religiosa, incentivando a percepção de que eles também podem experimentar uma realização semelhante.

Segundo assinalou Rodrigues (2003), essa conjuntura demonstra a habilidade de aspirar à aquisição da 'herança divina' através da obtenção, desfrute e domínio

de recursos materiais tangíveis, os quais manifestam socialmente progresso, enriquecimento e prosperidade. Nesse sentido, constrói-se um mecanismo educacional no qual é voltado para o consumo, enquanto os relatos religiosos fomentam um treinamento para a prática de consumir. Dessa forma, o fiel é instruído na igreja para o ato de consumo e simultaneamente para educar outros indivíduos, por meio dos testemunhos religiosos, com o intuito de incentivá-los a serem consumidores do mesmo produto religioso.

Os discursos surgem como produtos pedagógicos da fé no consumo, impulsionando a continuidade do ciclo de ensino religioso fundamentado nas lógicas neoliberais. A prática enunciativa que ensina pessoas é multiplicada em virtude das características midiáticas já mencionadas anteriormente. A capacidade de influenciar pessoas com as histórias de vidas exitosas é potencializada na medida que aparece para várias pessoas com força imagética, aspecto bastante relevante na sociedade do espetáculo.

A partir dessa análise, é possível observar que a inspiração proporcionadas pelas vidas exemplares estão alicerçadas no discurso que incentiva o empreendedorismo, visto como uma forma de sair das situações de dificuldade financeira. Dentro da lógica neoliberal, sobretudo com o neoconservadorismo propagado com o governo Bolsonaro, o discurso demonizante casa com as perspectivas indutoras do mercado econômico. Por outro lado, o nível de impacto desses relatos de pessoas que obtiveram sucesso por meio da igreja reflete a precariedade inerente às vidas humanas, agravadas pelo momento de dificuldade passada nos últimos anos no Brasil. Ambas as construções enunciativas são frutos de uma educação pensada para o consumo religioso, mas é necessário saber qual a visão do fiel sobre o que se passa na Igreja Universal do Reino de Deus, principalmente acerca dos testemunhos religiosos.

5.3 TESTEMUNHO, DIABO E PROSPERIDADE NA PERSPECTIVA DO FIEL

Para contemplar, de fato, a proposta de análise desta pesquisa, é necessário investigar acerca da perspectiva do fiel sobre os pilares deste trabalho, enfatizando a noção de Diabo, da prosperidade material através da igreja e dos testemunhos religiosos. Para isso, a compilação de textos que atravessam o discurso será realizada virtualmente pelos meios de comunicação oficiais da igreja, como Folha

Universal, os cultos da IURD e outros programas televisivos. Ademais, haverá a análise dos textos a partir das entrevistas realizadas com pessoas que frequentam ou já frequentaram a Igreja Universal.

5.3.1 A Perspectiva do Fiel a Partir das Entrevistas

O processo de entrevista foi realizado exclusivamente pelos meios virtuais. Todas as pessoas que participaram do questionário pertencem a um dos estados onde foi realizado anteriormente a imersão etnográfica. Uma parte dos entrevistados responderam a um questionário estruturado com as seguintes perguntas: 1) Você frequenta ou frequentou a Igreja Universal?; 2) Você acredita que o Diabo é capaz de influenciar sua vida?; 3) O que é o Diabo para você?; 4) Como a Igreja é capaz de combater o Diabo?; 5) Você acha que a IURD é importante para a região nordeste do país? Há uma necessidade maior que em outras regiões?; 6) Você já presenciou discursos sobre política na Igreja?; 7) Durante as últimas eleições, a igreja foi neutra ou se posicionou em relação aos candidatos políticos?; 8) Você acha que a igreja é um espaço para buscar a prosperidade? Como? Relate experiências que você teve na igreja com pessoas que tiveram sucesso em qualquer aspecto de suas vidas; 9) Qual a importância dos testemunhos religiosos para você?; 10) Opcional: Relate alguma experiência marcante sobre a Igreja Universal.

O intuito das perguntas elaboradas foi, por um lado, direcionar para as temáticas discutidas ao longo da pesquisa a partir da perspectiva individual do fiel e, por outro, deixar um pouco mais livre para que pudesse expressar outras experiências. Contudo, uma outra parte das entrevistas foram realizadas via *whatsapp* com pessoas conhecidas que frequentam ou já frequentaram a agência religiosa em questão. Nesse formato, as mesmas perguntas do formulário foram feitas, mas em um formato mais livre, a fim de que as pessoas pudessem se expressar de maneira mais espontânea por áudios e mensagens informais.

Dentre os entrevistados, mais da metade ainda frequentam a Igreja Universal. Sobre o primeiro questionamento sobre se a pessoa acredita que o Diabo influencia suas vidas, apenas uma - a qual já não faz mais parte da instituição religiosa - afirmou que não. Todas as outras responderam que acreditam que a entidade seja capaz de influenciá-las. Já sobre a definição do Diabo, as respostas mais comuns foram: um espírito maligno; “o pai da mentira”, “inimigo de Deus”; “ladrão e

destruidor”; “o mal em todos os sentidos”; “uma força espiritual que influencia para o mal”; “um ser do mal que tenta destruir vidas”.

É notório que o *feedback* dos fiéis reforçam o que já foi afirmado na literatura acadêmica sobre a temática. Segundo Duarte (2019), o discurso indutor acerca do Diabo na Igreja Universal gira em torno da culpabilização desse ser por todas as mazelas humanas, uma vez que é colocado como a personificação do mal. Majoritariamente, as respostas apontam para o Diabo como uma entidade de caráter espiritual, o qual é causador de problemas para as pessoas. É válido salientar que as palavras-chave são recorrentes e aparecem na fala de mais de um entrevistado, ou seja, existe um padrão enunciativo viabilizado pela reprodução do que é dito nas agências religiosas.

No entanto, uma das pessoas que deixaram de frequentar a IURD que respondeu ao questionário fez a seguinte ponderação sobre a definição do Diabo: “A personificação do mau caráter das pessoas é a razão de muitas pra justificar seus erros”. Essa frase vai de encontro à perspectiva dos fiéis que frequentam a igreja, pois enquanto eles entendem os problemas como consequência de Satanás, a pessoa entrevistada que fez essa afirmação pontua que na realidade é uma maneira de se eximir da culpa pelas suas ações. Buscando compreender à luz da História Cultural das Religiões, na qual defende as produções simbólicas, espirituais e religiosas como humanas, pode-se considerar a resposta da entrevistada supracitada como um caminho para melhor entender o que se passa no universo iurdiano.

O Diabo, assim como Deus, deve ser considerado um produto da cultura religiosa humana. Nesse sentido, é construída uma narrativa na igreja na qual coloca Satanás como uma maldição para a vida das pessoas, uma vez que elas buscam na entidade a raiz para as adversidades enfrentadas na vida. Talvez seja viável acreditar que o fracasso foi causado não pelas atitudes das pessoas ou pelas condições materiais, mas pelo Diabo. Para livrar as pessoas dessas amarras, a Igreja é vista como fundamental para permitir que as pessoas cheguem à prosperidade material e/ou espiritual.

Por essa razão, foi questionado aos entrevistados o papel da agência religiosa no combate à entidade. A maioria das pessoas afirmaram que a igreja luta contra o Diabo com orações e pregações, posto que é contra a palavra de Deus e pregá-la permite a salvação da alma e o livramento de Satanás. Isso reforça a

perspectiva de que há uma evidente guerra espiritual travada na IURD. Os seres humanos, conscientes ou não, participam ativamente de uma batalha espiritual, alguns engajados no lado divino, acreditando possuir poder concedido por Deus para reverter o mal no mundo material por meio de sua fé em forças divinas na Igreja (MARIANO, 2014).

Já sobre a questão dos discursos políticos realizados na igreja, não houve unidade nas respostas dos entrevistados. Uma parte pontuou que a instituição não realizou nenhum posicionamento nas últimas eleições, ou seja, foi neutra. Contudo, uma outra parte afirmou que houve posicionamento sutil. Quando questionadas sobre o que queriam dizer com isso, elas afirmaram que a partir de falas dos pastores, era possível identificar qual era a indicação do voto. Desse modo, foi apontado pelos entrevistados que o apoio político não foi explícito.

Conforme defendeu de Paula (2022), houve o apoio majoritariamente por meio de uma aproximação discursiva na qual a esquerda foi representada como mal e imoralidade, isto é, forjou-se um encadeamento discursivo de diabolização de todas as pautas progressistas nas últimas eleições. Nesse contexto, tudo que é contra essa visão política foi considerado como a moralidade que deveria ter inteira credibilidade. Logo, faz sentido as falas colocadas pelos fiéis entrevistados, uma vez que uma parte não percebeu a notória atuação política da igreja, enquanto outros compreenderam a sutileza do posicionamento através dessas narrativas.

Assim como foi visto no capítulo anterior sobre as matérias de jornais da Folha Universal veiculadas durante as eleições presidenciais, foi instaurada uma sistemática construção discursiva na qual pontuava que ser de esquerda é incompatível com o fato de ser cristão. Defendeu a ideia imagética do “lobo em pele de cordeiro”¹⁴ como uma forma de reforçar os estigmas associados à atuação da

¹⁴ Esta expressão, bastante utilizada nos cultos da IURD, teve origem em uma passagem do Novo Testamento da Bíblia. Refere-se a uma alegoria proferida por Jesus Cristo, conforme registrado no livro de Mateus, a qual declara: Cuidado com os falsos profetas. Eles chegam disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores. Vocês os conhecerão pelos que eles fazem. Os espinheiros não dão uvas, e os pés de urtiga não dão figos (Mateus 7:15-16).

esquerda e confirmar o candidato mais alinhado aos interesses e pensamentos conservadores, a fim de que fosse eleito.

Além da questão política, a prosperidade econômica através da igreja também foi abordada no questionário. Embora alguns fiéis tenham pontuado que o templo não é um espaço que promove essa condição e sim a fé, a maioria dos entrevistados pontuaram que acreditam no potencial da IURD como um lugar adequado para a obtenção de recursos materiais. Uma das pessoas, quando questionada se que a igreja é um espaço para buscar a prosperidade, fez a seguinte afirmação: “Sim. Ensinando a fidelidade conforme está escrito na bíblia. Pessoas plantaram/ofertaram e foram abençoados na sua vida”. A todo momento, o discurso de que é dando que se recebe é instituído na Universal.

De fato, a igreja é encarada como um espaço de crescimento financeiro pelos líderes iurdianos e pelos fiéis. No entanto, é necessário antes colaborar com as ofertas e dízimos, os quais são postos como um investimento para a pessoa que faz a contribuição financeira à instituição. Nas reuniões religiosas, além do dízimo visto como obrigação, os fiéis são convocados a contribuir financeiramente com a “obra de Deus” por meio de ofertas, sob a justificativa de que devem ser compromissados com a obra de Deus e têm o direito de serem “sócios de Deus” (LIMA, 2007).

Desse modo, no que concerne à perspectiva de transformação socioeconômica da vida das pessoas que frequentam a igreja, sustenta-se a noção da “abertura dos caminhos” para o crescimento financeiro. Sobre a mesma pergunta, um dos entrevistados deu a seguinte resposta: “sim, orando pela sua vida financeira muitas pessoas já deram testemunho que depois que começaram a buscar pela sua vida financeira, mudaram de vida”. Nesse caso, foi utilizado o poder enunciativo de pessoas que prosperaram através da igreja como forma de legitimar a ideia da IURD como lugar de mudança da vida material.

O poder de convencimento dos testemunhos religiosos de que a igreja leva à prosperidade mesmo em circunstâncias difíceis é muito forte. Gomes (2011) defendeu a ideia de um “circuito da conquista” nessas narrativas, no qual consiste em delimitar que o caminho para o sucesso começa com a perseguição do fiel por entidades que levam ao fracasso; segue com a revolta da pessoa que passa pela situação; faz-se o sacrifício adentrando e participando das atividades da igreja; e

culmina com as conquistas. A maioria dos testemunhos seguem esse roteiro e se tornam espelho para quem almeja alcançar o mesmo sucesso.

Com o intuito de compreender ainda mais a visão do fiel sobre a importância dos testemunhos religiosos, uma pergunta foi elaborada para as entrevistas acerca do papel desses discursos. O padrão de respostas nesse caso foi mais homogêneo, posto que as pessoas demonstraram visões semelhantes. Os entrevistados elencaram pontos como: “influencia outras pessoas a falar tbm”; “importante para ver a grandeza de Deus”; “Mostram os milagres na vida da pessoa”; “Passam esperança e mostra o poder da ação de Deus mediante a obediência da pessoa”.

Entre os aspectos ressaltados, a capacidade de influenciar para que outras pessoas também falem e multipliquem a ideia da igreja como caminho para o sucesso é uma questão fundamental. Segundo Foucault (2010), é importante destacar que o discurso incorpora relações de poder, uma vez que estas estão presentes e se manifestam por meio do corpo, da disciplina e da vigilância, além de estabelecer hierarquias, classificar, comparar e distribuir, resultando na produção de individualidade pelo exercício do poder. Partindo dessa ótica, o indivíduo moldado pelo poder se encaixa nos padrões de pensamento e de reprodução simbólica que lhes são postos.

Dessa maneira, o fiel exerce a capacidade de influenciar as demais pessoas do ambiente religioso por representar uma verdade construída no campo do discurso. O testemunho é colocado como dever do fiel, fazendo com que se sinta na obrigação de compartilhar a sua vitória com outras pessoas, a fim de legitimar a obra da Igreja. No pensamento das pessoas que fazem parte da instituição, quanto mais indivíduos souberem nos “milagres” operados pela igreja melhor. Sobretudo porque muitos deles podem estar passando por situações muito semelhantes a do testemunhante.

Já a concepção do testemunho como forma de visualizar os milagres e a grandeza de Deus, permite destacar a característica do fortalecimento do discurso messiânico dos milagres. Em uma perspectiva da sociedade capitalista, na qual o poder econômico é superestimado, atribui-se como um feito grandioso a ascensão material e o acúmulo de bens. As curas impossíveis também fazem parte desse contexto, uma vez que legitimam a ideia de que a instituição religiosa é capaz de realizar transformações na vida do indivíduo as quais pessoas comuns não conseguiriam. Dessa maneira, enquadrar essas narrativas como enunciação de

milagres é uma forma de exprimir acontecimentos nos quais as pessoas não conseguem explicar, ao passo que dão credibilidade à agência religiosa na qual frequentam.

A concepção de que essas vias de prosperidade e de sucesso em todos os aspectos da vida, nos quais são ressaltados das histórias de vidas contadas nos templos religiosos, giram em torno também da palavra “obediência”. Na perspectiva de Panceiro (2002), a Igreja Universal lidera os fiéis a partir de três princípios básicos: fé, obediência e sacrifício. O pastor, como enunciador da verdade e das palavras de Deus, deve esperar obediência de seus liderados para que sigam as instruções concedidas durante os cultos. Isso porque o fio indutor do discurso sobre essa questão coloca que as promessas divinas apenas são concretizadas se o indivíduo for obediente e temente a Deus.

Durante os cultos observados através da etnografia, a obediência e a temência a Deus foram questões trabalhadas pelos pastores. As pessoas que frequentam a igreja são a todo momento convocadas a seguir os ensinamentos colocados pelos líderes religiosos, sendo a obediência fundamental para ter uma vida bem-sucedida. Já o temor a Deus é como um alicerce moral, pois se trata de reconhecer a superioridade divina. Ambos os pilares reforçam a hierarquia e a disciplina presentes na IURD sob a promessa de recompensa material e espiritual, caso o fiel siga esses fundamentos.

Por fim, durante as entrevistas, alguns fiéis relataram experiências marcantes na Igreja Universal. Ficou evidente a questão da memória afetiva das pessoas com o templo religioso, visto que relataram muitas questões pessoais, como a capacidade de perdoar o pai por desentendimentos passados, o sacrifício de inúmeras pessoas que deram bens durante a “fogueira santa”¹⁵ para terem suas vidas renovadas ou ainda pessoas que atribuíram uma transformação significativa a partir do momento que adentrou à Igreja. Desse modo, o significado das ações iurdianas é singular e se modifica de acordo com o sentimento alicerçado em cada momento, indivíduo ou circunstância.

¹⁵ Trata-se de uma corrente realizada duas vezes ao ano. Os membros da IURD são estimulados a apresentar pedidos em oração e a oferecer um tributo, o qual pode ser monetário e/ou espiritual no altar para testemunhar a realização desses desejos. Essas solicitações são transportadas até o Monte Sinai, em Israel, e incineradas, em uma ação simbólica que antecipa que Deus receberá e atenderá cada solicitação feita.

Cada pessoa possui uma perspectiva única do mundo, tornando a memória um fenômeno individual e personalizado, estreitamente vinculado aos sentidos (DELEUZE, 2003). A interpretação e a decodificação da memória são intrinsecamente ligadas às sensações, as quais, por sua vez, estão em fluxo constante. Isso se deve ao fato de que a memória não é estática, pois um evento na vida de um indivíduo pode reconfigurá-la para outras percepções e níveis, não sendo fixa, mas sim um repositório dinâmico. Nesse sentido, algumas pessoas que já não fazem mais parte da IURD fizeram relatos completamente diferentes.

Um dos entrevistados pontuou que deixou de frequentar a igreja, pois percebeu uma ênfase exagerada no aspecto político e financeiro. Já quando era parte dessa comunidade religiosa, a percepção era totalmente diferente, o que demonstra a capacidade de alteração da memória. As narrativas são encaradas de acordo com o meio cultural no qual o sujeito está imerso. O ponto essencial é que esses relatos voluntários sobre as experiências acabaram ativando afetos, sentidos e reflexões sobre os momentos vivenciados na Universal. A produção de significados é vasta, mas acompanha o nível de envolvimento do fiel com a instituição e também o que busca ou buscou dentro do templo religioso.

5.3.2 Análise dos Testemunhos Veiculados nas Mídias

As mídias sociais da Igreja Universal do Reino de Deus também são importantes ferramentas para compreender a perspectiva dos fiéis sobre alguns aspectos. Isso porque as pessoas expressam publicamente as suas ideias, percepções e experiências relacionadas à agência religiosa. Ademais, alguns ambientes virtuais são interativos, permitindo analisar também os comentários sobre os conteúdos publicados, bem como observar o *feedback* e as reações que corroboram para construção de uma identidade religiosa iurdiana on-line.

O programa “Eu Recebi o Espírito Santo” é voltado ao testemunho de fiéis que tiveram suas vidas transformadas a partir da IURD. No dia 14 de setembro de 2018 foi publicado no canal do YouTube da instituição o relato de Cecília, uma mulher que teve uma infância difícil e frequentava um terreiro. O que chama a atenção logo no início da sua narrativa é que ela afirmou ter feito um pacto com o Diabo, já que as entidades nas quais tinha contato não eram de Deus. Inclusive, relatou que fazia trabalhos de “*vodu*” com sacrifício de animais para fazer mudanças

na vida de outras pessoas, mas que isso acarretou em várias negatividades para Cecília, sobretudo na questão de saúde.

Ela testemunhou que tudo na sua vida mudou depois que adentrou a Igreja Universal e fez o sacrifício da fogueira santa. Segundo a própria Cecília, estava sem andar quando participou e já saiu andando. Nesse contexto, afirmou que passou a fazer o pacto agora com Deus e com o espírito santo, ação na qual fez todos os aspectos de sua vida melhorarem. É válido salientar que a testemunhante incorporou o discurso comum na igreja que vincula o Diabo à religião de matriz afro-brasileira.

Na Igreja Universal, as entidades das religiões afro-brasileiras são tratadas como demônios nos cultos e nos relatos dos fiéis, sendo nomeados como Zé Pelintra, Pomba-gira, Exu caveira, Exu da morte etc (CAMPOS, 2018). Apesar de Cecília ter feito parte durante um bom tempo de sua vida das reuniões realizadas em terreiros, reforça uma narrativa que demoniza essas práticas religiosas, estigmatizando e encarando como atividade de “macumba”¹⁶. Nessa perspectiva, reforça-se a ideia de que há uma pedagogia discursiva na IURD que corrobora para uma unidade interpretativa sobre a cultura religiosa.

As pessoas são ensinadas a pensarem que a salvação, o caminho para o Espírito Santo e Deus passam obrigatoriamente pela Universal. Por outro lado, as práticas ligadas ao espiritismo e às religiões de origem africana são operações intermediadas pelos demônios e comandadas pelos Diabo. Esse relato não é um caso isolado. Nesse mesmo quadro midiático, “Eu Recebi o Espírito Santo”, houve o relato muito semelhante de uma mulher chamada Dabila, o qual foi publicado no canal do YouTube em 26 de março de 2019.

No mesmo sentido de Cecília, ela ressaltou a sua infância conturbada por questões familiares. Mediante a essa circunstância, Dabila afirmou que foi convidada por uma amiga, passou a frequentar um terreiro e após o período de ambientação começou a realizar “feitiços”/“trabalhos”¹⁷, os quais alguns demandavam que ela mantivesse relações sexuais com “encostos”. Em virtude da carga psicológica, ela relatou que passou a usar drogas pesadas que fizeram muito mal para sua saúde.

¹⁶ É válido ressaltar que, embora seja popularmente utilizado de maneira pejorativa para designar as práticas dos cultos religiosos afro-brasileiros, trata-se de um instrumento musical.

¹⁷ “Trabalhos” e “feitiços” são termos popularmente utilizados para designar rituais realizados nas religiões afro-brasileiras, cujo objetivo pode ser variado. Em alguns casos, pela crença da energia vital que circula entre os corpos, sacrificam-se animais como oferenda aos orixás e pela continuidade da vida.

No seu discurso, tudo mudou quando conheceu a Universal e entrou em contato com o Espírito Santo, uma vez que saiu da vida de “infelicidades”.

Em um relato comovente, inclusive com choro da testemunhante, Dabila construiu uma narrativa que vincula as adversidades enfrentadas na sua vida ao fato de ter frequentado o terreiro. Essa ligação às forças das trevas passa a ideia de que é algo inerente às práticas religiosas afro-brasileiras, ao passo que reforça a ideia de verdade e do bem à agência religiosa que passou a frequentar. Algumas pessoas interagiram no vídeo publicado no canal oficial da Igreja Universal, pontuando a importância desse testemunho e reforçando a concepção de antagonismo entre o bem e as trevas.

Essa unicidade discursiva e atuação pedagógica que educam o pensamento iurdiano não se restringe à demonização do aspecto mais amplo das religiões. Existem questões pontuais as quais são pontuadas como desvios morais que devem ser combatidos. No dia 2 de dezembro de 2019, foi publicado no mesmo canal do YouTube, a história de Thays, uma fiel que foi criada na IURD, mas que em um determinado momento deixou o altar para frequentar o Espiritismo. Ela ponderou que, apesar de ter aprendido pela fé anterior que essa prática religiosa é errada, acabou participando mesmo assim.

Além disso, Thays afirmou que fez trabalhos e manifestou encostos. Ela foi além, disse que foi no Espiritismo que passou a aderir ao “lesbianismo”. No entanto, foi dada uma conotação negativa à orientação sexual, sendo considerada um desvio de conduta ou influência do Diabo. Conforme postulou Natividade (2003), muitas igrejas pentecostais defendem a ideia de cura e reestruturação da orientação sexual com ações específicas de libertação e combate à homoafetividade. É perceptível no encadeamento enunciativo construído por Thays que no contexto iurdiano não é diferente.

Ela pontuou que hoje tem ciência que essa atração por uma menina dessa religião foi a atuação do próprio Diabo, assim como disse que passou a usar drogas e teve vontade de morrer e também de matar a própria família. Desse modo, equipara a orientação homossexual ao uso de substâncias ilícitas e à vontade de cometer o crime de homicídio da mãe e da irmã. Esse é um discurso perigoso, pois incita ao combate violento e intolerante às pessoas que não estão dentro dos padrões da heteronormatividade.

Fica evidente nos três testemunhos a formulação de uma identidade religiosa no âmbito virtual a partir da visão do fiel, na qual é baseada na estereotipação das religiões de matrizes afro-brasileiras e da homoafetividade. Contudo, essa percepção das pessoas que frequentam a IURD parte da sistemática discursiva que parte das lideranças iurdianas, como foi observado na etnografia. Isso é constatado por não ser um caso isolado, ou seja, trata-se de um *ethos* e de uma cultura religiosa pautada na concepção de que o diferente deve ser combatido por fugir da normatividade postulada pela Igreja.

Para compreender melhor a visão dos fiéis acerca da importância da Igreja para alcançar a prosperidade material, um outro ponto de vista recorrente nos discursos daqueles que frequentam a IURD, vale analisar a história de vida de Edmilson narrada em vídeo publicado no canal do *YouTube* no dia 12 de novembro de 2018. Trata-se de mais um caso de alguém que teve uma trajetória na pobreza, entrou na Igreja e as coisas começaram a melhorar, visto que conseguiu o seu primeiro emprego formal. Todavia, ele relatou que com pouco tempo começou a desanimar, deixou de pagar o dízimo e se afastou da igreja.

Foi a partir desse momento que as mazelas retornaram a sua vida, quando a esposa ficou doente, foi diagnosticada com câncer e faleceu. Posteriormente, o irmão de Edmilson, muito ligado afetivamente com ele, foi assassinado. Então, retornou ao altar da Universal, participou da fogueira santa e a partir disso começou a ter uma melhora em todos os aspectos de sua vida. Ao fim da narrativa, ressaltou o fato de ter conseguido obter - mesmo sem estudo formal - um patrimônio que ultrapassa o valor de 3 milhões de reais, em contraponto à situação onde vivia em um barraco antes dessa tomada de decisão de comprometimento com a agência religiosa.

As cenas mostradas na produção feita pela IURD, neste momento da narrativa, eram dos patrimônios de Edmilson, como mansões, carros etc. Portanto, isso demonstra que os discursos iurdianos não se resumem ao “circuito da conquista” apontado por Gomes (2011), posto que também há o reforço enunciativo do que acontece com o fiel que deixa de frequentar a igreja. Não se trata apenas de incentivar que mais pessoas passem a pertencer a essa comunidade religiosa, mas que também permaneçam. É uma tentativa de evitar a volatilidade do público que frequenta apenas quando sente a necessidade, seja por motivo financeiro, de saúde ou qualquer outro aspecto.

Por outro lado, parte do testemunho de Edmilson salienta a centralidade na visão de prosperidade financeira através da agência religiosa. O encadeamento discursivo fez parecer que o sucesso material é diretamente proporcional ao comprometimento com a Igreja. Isso porque antes de entrar na comunidade religiosa vivia em extrema pobreza, as coisas melhoraram quando começou a frequentar, pioraram quando deixou a IURD de lado e voltou a prosperar quando resolveu retornar. Dessa maneira, alicerçada na Teologia da Prosperidade, molda fatores condicionais para as benéficas materiais proporcionadas pela instituição.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz do que foi exposto, percebe-se que o trabalho historiográfico, particularmente em torno das religiões, necessita abarcar as inúmeras facetas que a cultura impõe ao trabalho dos pesquisadores. Nesse sentido, a etnografia proporciona uma imersão cultural do historiador, imprescindível para melhor compreender o seu objeto de estudo e dimensionar os ritos, práticas e elementos presentes sem partir, necessariamente, de ideias já consolidadas na literatura e estereótipos previamente construídos.

Partindo da perspectiva da História Cultural das Religiões, faz-se necessário historicizar conceitos. Por essa razão, embora seja possível a utilização do termo, é necessário historicizar o conceito de neopentecostalismo. Compreendendo o seu campo semântico, talvez seja pertinente refletir sobre a adequação das abordagens sobre o assunto em torno do termo “transpentecostalismo”. Isso porque transmite melhor certas noções do movimento que está em constante transformação e adequação às estruturas hodiernas.

Nessa conjuntura, para dar conta desse universo multifacetado, é necessário aplicar uma variedade de metodologias de pesquisa. A entrevista é uma ferramenta metodológica muito importante, uma vez que permite obter respostas à pergunta anteriormente pensadas que corroboram com os objetivos da análise. No entanto, na medida que se informa ao indivíduo que fará uma entrevista, altera o ambiente natural do local e, certamente, a postura do entrevistado. Isso porque ele sabe que o seu discurso será analisado, logo, pensa previamente naquilo que fala, tornando a compilação discursiva relativamente mecanizada. A proposta da prática etnográfica, portanto, é justamente não modificar o curso natural do objeto de estudo, contemplando a espontaneidade por intermédio da observação participante.

Por outro lado, a partir dos discursos, é necessário pontuar que a análise do discurso exige a observação dos aspectos linguísticos e a historicização dos enunciados. Nessa perspectiva, há a presença da intertextualidade e da ideologia por trás das práticas discursivas, as quais jamais podem ser consideradas neutras. Dessa forma, há o imbricamento do que é dito com as situações históricas que se insere, uma vez que estão influenciando diretamente as ações políticas, culturais, sociais e econômicas.

A construção das relações enunciativas nas igrejas neopentecostais, por exemplo, dialogam diretamente com a noção de prosperidade que - por sua vez - é reflexo da política econômica neoliberal. Portanto, para analisar os discursos veiculados nessas agências religiosas é preciso levar em consideração o fio condutor que direciona a instituição e os seus fiéis a buscarem a aquisição de bens materiais, bem como quais as razões pelas quais os discursos são proferidos iniciam com pessoa afastada que ao se afastar da igreja chegou ao fracasso, em seguida o momento que passa a frequentá-la e, por fim, o momento no qual chega ao sucesso daquilo que almeja.

É de mister importância ressaltar que o transpentecostalismo emergiu a partir de uma realidade brasileira fundada na crise econômica ao final do século XX. Essa conjuntura favoreceu para que os enunciados de promessas de prosperidade econômica e espiritual se fortalecessem. Ademais, o discurso predominante dos governos de Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso era pautado nas lógicas neoliberais, as quais foram defendidas nas agências religiosas. O fortalecimento da ala conservadora abriu espaço para a perspectiva moralista pregada pelas Igrejas.

A partir do momento no qual essas instituições se consolidaram no Brasil, foi criado um grande mercado religioso. A fé foi transformada em produtos a serem consumidos, desde itens que supostamente possuem poderes curativos até mídias, livros e produtos de beleza. Alicerçadas na Teologia da Prosperidade, as Igrejas transpentecostais defendem a ideia de que a religião é capaz de promover o sucesso financeiro dos fiéis, mesmo àqueles que passam por situações adversas. No entanto, uma série de condições são impostas, as quais é possível destacar a oferta financeira, o dízimo e o sacrifício por meio de rituais ou correntes.

O contexto de desigualdades sociais produzidos no âmbito do sistema econômico capitalista favorece a força discursiva de estímulo ao consumo e à aquisição de bens materiais por meio das agências religiosas transpentecostais. Contudo, a credibilidade ao que é propagado nesses espaços é aumentada a partir dos testemunhos religiosos. Pessoas que contam a trajetória na qual iniciou no fracasso e atingiu a prosperidade promovem confiança na concepção de que mesmo em situações precárias é possível angariar as bênçãos de Deus e prosperar.

Na vida cotidiana dos indivíduos pertencentes à sociedade do consumo, é comum recorrer ao relato das pessoas que experienciaram produtos que almejam adquirir ou espaços que desejam visitar, a fim de ter segurança na aquisição. Como

a fé se tornou uma mercadoria, atingiu a mesma dinâmica do consumidor. A busca por discurso de pessoas que viviam situações semelhantes e conseguiram ascender social e economicamente é notória, já que têm grande capacidade persuasiva. Isso produz um efeito de verdade indispensável ao que é pregado na Igreja, ou seja, o sucesso da TP também se dá pelo fato das histórias de vida compartilhadas pelos testemunhos.

A autonomia do indivíduo em sociedade é relativa, pois é moldado a todo instante pelas instituições nas quais faz parte. Desse modo, a maneira de pensar e agir é conduzida pelos filamentos de poderes imbricados nos discursos que rodeiam os fiéis nos cultos religiosos. A partir disso, as pessoas são enquadradas em rótulos que possuem cargas semânticas introduzidas pela Igreja, ao passo que cunham novas etiquetas aos participantes desse contexto. Os enunciados construídos nas agências religiosas são hierarquizados e hierarquizantes, denotando uma posição muito bem demarcada àqueles que frequentam os espaços religiosos.

Além disso, a criação humana da imagem do Diabo nas religiões transpentecostais conferem a culpabilização das mazelas humanas a essa entidade. Trata-se de uma forma de eximir a responsabilidade individual pelo fracasso e de permitir acreditar na capacidade de uma instituição religiosa de tirar essa influência negativa, a fim de atingir o sucesso material e espiritual. Por outro lado, naturalizou-se a demonização das crenças e condutas diferentes. É necessário muito cuidado nessa questão, uma vez que essa concepção veiculada nas Igrejas reforça estigmas e estimula o preconceito contra religiões de matrizes afro-brasileiras e o espiritismo.

Nesse sentido, os enunciados proferidos pelas lideranças religiosas em torno dessa questão corroboram para reforçar estigmas e estereótipos sociais, bem como criam uma memória dicotômica no espaço religioso, no qual é demarcada entre a concepção de sagrado e profano. Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus, teve a ideia de fazer uma instituição religiosa que chamaria a atenção das pessoas por meio da incorporação de elementos simbólicos das religiões afro-brasileiras, as quais sempre criticou e demonizou.

A partir das observações nas igrejas e estudo da literatura acerca do assunto, ficou notório que a expulsão de demônios por meio de sessões de descarrego faz parte da rotina da IURD. Essa característica não é por acaso, Macedo estudou bastante através da observação e análise de outras igrejas e denominações

religiosas. Por outro lado, percebe-se a constante batalha espiritual contra as entidades que levam ao fracasso e muitas vezes são associadas a essas instituições que frequentou, embora o sucesso iurdiano tenha origem também nessas religiões.

Ademais, vale salientar a aproximação do líder iurdiano com o âmbito político. É possível constatar que a IURD se tornou uma verdadeira máquina eleitoral, contribuindo não apenas para a eleição de membros e pessoas que são apoiadas pela Igreja para cargos eletivos, mas também para a manutenção dos discursos conservadores dessas figuras políticas. Geralmente, a ação de votar em um determinado candidato é associada a um dever moral dos fiéis, já que se constrói a oposição como agente do Diabo.

As visitas às agências religiosas para a realização do trabalho etnográfico em Recife, Fortaleza e São Raimundo Nonato foram enriquecedoras para a análise do objeto de pesquisa. Um dos pontos compreendidos por meio dessa imersão foi a construção discursiva para reter os fiéis. A todo instante se reforça a importância de frequentar a Igreja para conseguir prosperar economicamente, ao passo que a quebra do pacto - compromisso firmado com a instituição - resulta num completo fracasso em todos os aspectos da vida do fiel.

Isso faz com que se passe a responsabilidade pelo sucesso para a ação individual de cada fiel. Se ele frequenta a Igreja, contribui financeiramente por meio do dízimo e ofertas, assim como segue as correntes propostas, então tem chances de prosperar. No entanto, caso não siga essas instruções, o fracasso é inevitável. Tudo isso é muito bem ilustrado por intermédio dos testemunhos religiosos, os quais foram presenciados com frequência nas visitas às agências religiosas.

Por outro lado, foi possível observar os recursos pedagógicos para “educar” a mente das pessoas que frequentam a IURD. Os louvores são fundamentais, pois criam a atmosfera de adoração e conexão com a divindade, bem como viabilizam a memorização - por meio da repetição dos enunciados - de ideias defendidas pela Igreja. As canções também tornam o culto mais dinâmico, visto que seria muito cansativo apenas ouvir a palavra proferida pelo pastor durante 1 hora.

Além disso, constatou-se que é muito frequente a culpabilização dos demônio e dos Diabos por problemas de saúde, jurídicos, financeiros, de relações interpessoais etc. Por isso, uma série de ações e correntes são realizadas com o objetivo de expulsar essas entidades. Dessa forma, cria-se a concepção de que a

IURD tem poderes quase que ilimitados para libertar as pessoas de influências ruins para que possam vencer na vida pessoal e profissional.

Nas eleições de 2018, a Igreja Universal do Reino de Deus e suas lideranças religiosas foram responsáveis por surfar na onda conservadora que avassalou o universo político. Muitos discursos rotulantes e superficiais foram divulgados, além de contribuir para a disseminação de *fake news*, a fim de corroborar para o antipetismo e eleger Jair Bolsonaro para presidente da República do Brasil. Ademais, durante seu governo, foi responsável por sustentar ideias negacionistas durante a pandemia causada pela Covid-19.

Remédios ineficazes para o vírus de acordo com os estudos científicos, como a hidroxicloroquina, foram defendidos. Alinhada ao discurso de Bolsonaro, a IURD também quebrou o isolamento social recomendado pelos órgãos internacionais de saúde. Os cultos, cuja aglomeração de pessoas é considerável, continuaram sendo realizados. Isso tudo porque na sociedade descrita por Debord (2003) o espetáculo não pode parar.

A Igreja Universal se configura como uma religião midiaticizada, fato que permite ultrapassar todas as fronteiras físicas e expandir o público que acompanha a instituição. Com a utilização das mais modernas redes sociais, há a tentativa de aproximar a linguagem de alguns fiéis. O compartilhamento das publicações pelos próprios integrantes da Igreja também é um fator relevante, já que multiplica o número de visualizações e faz com que o conteúdo chegue a pessoas que ainda não fazem parte da agência religiosa.

Nessa conjuntura, o bombardeio midiático da IURD, por meio de canais de televisão, jornais, *YouTube*, *Instagram* e outras mídias sociais, faz parte da Sociedade do Espetáculo. As pessoas vivem das imagens que são a todo momento veiculadas, criando diferentes *personas* virtuais. Quanto mais aparecem, maior credibilidade é atribuída à instituição. Por essa razão, a Igreja passa a viver das imagens que veicula de maneira intencional, a fim de moldar concepções sobre pontos específicos, como é o caso da noção de prosperidade material obtida através da Igreja. É muito comum nas redes da Universal o veículo de vídeos que são testemunhos das pessoas que obtiveram sucesso.

Os vídeos analisados permitem concluir que a tese de Campos (1999) realmente se sustenta. Os templos da iurdianos são verdadeiros palcos cuja teatralização é constantemente presente. As pessoas agem de maneira pensada,

falam discursos previamente selecionados e polidos, bem como dispõe os corpos de modo dramático. Isso ficou evidente quando analisados os recursos audiovisuais de cultos cuja finalidade foi o “descarrego” de entidades do mal, como demônios, geralmente associados às religiões de matrizes africanas.

A marca discursiva veiculada nas mídias e presencialmente nas agências religiosas é das histórias de vidas exemplares que são contadas. O sucesso imagético desses enunciados no público também se dá em virtude da precariedade inerente à sociedade. A natureza precária se dá porque a manutenção da vida das pessoas depende diretamente de fatores externos, como políticas públicas realizadas pelo Estado, condição socioeconômica etc. Desse modo, essa é uma força motriz para impactar os fiéis, já que a Igreja é colocada como capaz de combater a precariedade e levar o indivíduo para um campo socioeconômico próspero.

Sobre isso, o empreendedorismo é bastante defendido na IURD. Vende-se a ideia de que não importa a condição do fiel, mas ele é capaz de ser dono do próprio negócio. Em paralelo, também são impostas condições para a prosperidade das empresas, as quais obviamente também passam pelas ofertas enquanto pessoa jurídica. Esse encadeamento discursivo está alinhado às políticas econômicas neoliberais, as quais foram intensificadas durante o Governo Bolsonaro, sobretudo com a perspectiva neoconservadora.

Ademais, é válido salientar a perspectiva pedagógica dos discursos religiosos. No âmbito iurdiano, as pessoas são ensinadas a seguirem uma moral constituída e a compreenderem que se trata de um espaço para combater as mazelas que impedem a prosperidade material. Assim, verifica-se a implementação educacional de duas vias nos templos religiosos, isto é, uma instrução voltada para o consumo, enquanto as narrativas religiosas fomentam uma educação destinada à prática de consumir. A igreja orienta os indivíduos a adquirirem os produtos disponíveis e a aspirarem por prosperidade material, ao mesmo tempo em que são incentivados a proferir discursos que também instruem os outros fiéis a se tornarem consumidores potenciais.

Por fim, é necessário sempre fazer a oitiva das pessoas envolvidas com o objeto de pesquisa, a fim de compreender as dinâmicas - neste caso religiosas - a partir da perspectiva dos fiéis. Por meio das entrevistas com pessoas que

frequentam ou frequentaram a Igreja Universal, assim como das análises de vídeos publicados nas redes sociais, foi possível constatar que realmente enxergam a Igreja como espaço de obtenção de prosperidade material. Por outro lado, atribuem à atuação do Diabo os problemas e adversidades enfrentados na vida.

Portanto, é possível constatar que as hipóteses inicialmente pensadas se sustentam. De fato, as construções discursivas e midiáticas da Igreja Universal do Reino de Deus são fundadas em lógicas de consumo amparadas pelo contexto histórico vigente do neoliberalismo e neoconservadorismo muito respaldado pelo Governo Bolsonaro. Dentre as principais estratégias discursivas, pode-se destacar a demonização de comportamentos, crenças e experiências. Por outro lado, o dinamismo pedagógico alicerçado nos testemunhos religiosos levanta aspectos que são reflexo da natureza precária da existência humana.

REFERÊNCIAS

- 5 Motivos que Mostram que é Impossível ser Cristão e ser de Esquerda.** Folha Universal On-line, 23 de jan. de 2022. Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/5-motivos-que-mostram-que-e-impossivel-ser-cristao-e-ser-de-esquerda/>>.
- AGNOLIN, A.. **O Debate Entre História e Religião em uma Breve História da História das Religiões:** origens, endereço italiano e perspectivas de investigação. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 13-39, 2008.
- ALBUQUERQUE JR., D. M. de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes.** São Paulo: Cortez, 2011.
- ALMEIDA, Marcos Renato Holtz de. **Do terror ao entretenimento:** a evolução da figura do Diabo na sociedade pós-moderna. Revista Urutágua - revista acadêmica multidisciplinar, Maringá, n. 5, 2004.
- ALMEIDA, R.. **A Guerra de Possessões.** In: CORTEN, André; DOZON, Jean Pierre; ORO, Ari Pedro (org.). Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé. São Paulo: Paulinas. P. 321-342, 2003.
- ALMEIDA, S. P. C.; PATRIOTA, K. R. M. P.. **A Capacidade Persuasória dos Testemunhos Religiosos.** Belém, Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019.
- ALMEIDA, S. P. C.. **A Perspectiva Educativa em Conformidade com as Lógicas de Mercado:** um olhar sobre as práticas neopentecostais brasileiras (1989-2022). Trabalho de Conclusão de Curso do Departamento de História da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.
- ANDERSON, A.. **An Introduction to Pentecostalism:** Global Charismatic Christianity. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- ANDRADE, D. P.. **Neoliberalismo e Guerra ao Inimigo Interno:** da Nova República à virada autoritária no Brasil. Caderno CRH, v. 34, p.1-34, 2021.
- ANGROSINO, M. V. **Etnografia e Observação Participante.** Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ARAÚJO, M. M.. **A salvação é aqui e agora:** o papel da cura entre os neopentecostais da Igreja Universal do Reino de Deus. Univ. FACE, Brasília, v. 4, n. 1/2, p. 151-174, 2007.

ARDENGI, L. M. R.. **Análise do Discurso e Ensino de História – trajetória e sentidos**. **Orientadora:** Leda Verdiani Tfouni. 2013. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BARBOSA, L; CAMPBELL, C.. **Cultura, Consumo e Identidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BARROS, J. D.. **História Cultural: um panorama teórico e historiográfico**. Textos de História, v. 11, n. 1/2, p. 145-171, 2003.

BARROS, T. H. B.. **Por uma Metodologia do Discurso: noções e métodos para uma análise discursiva**. In: Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do Discurso: inflexões histórico-conceituais [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 73-95, 2015.

BELLOTTI, K. K.. **Mídia, Religião e História Cultural**. Revista de Estudos da Religião, n. 4, p. 96-115, 2004.

_____. **Por uma História Cultural das Religiões e das Mídias**. In: MOURA, C. A. S. [et al.] (Org.). História, Narrativas e Religiões: diálogos sob o olhar da cultura. Recife: Editora EDUPE, 2018.

BENATTE, Antonio Paulo. **A Nova História Religiosa**. A Propósito de um Livro Recente. Projeto História, São Paulo, n.37, p. 65-84, 2008.

BERGER, P.. **O Dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Tradução José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 2004.

BEZERRA, R.; SANTOS, S.. **Igrejas nas Telas: A Presença de Conteúdo Religioso nas Emissoras de Canais Abertos em Brasília-DF**. Revista Comunicação, Cultura e Sociedade, v. 7, n. 2, p. 72-88, 2020.

BÍBLIA, A. T. **Sagrada Bíblia Católica: Antigo e Novo Testamentos**. Tradução de José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008.

BISPO EDIR MACEDO. **Edir Macedo Apresenta a Vida de Jair Bolsonaro a Deus**. YouTube, 1 de set. de 2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=7LW5ehyaCnl> >.

BISPO EDIR MACEDO. **O Analfabeto que se Tornou Forte**. YouTube, 22 de mai. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FxWSX9oEDfM>>.

BISPO EDIR MACEDO. **Sessão do Descarrego**. YouTube, 20 de abr. de 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=FnjFRkxAl4o>>.

Bispo que chutou Nossa Senhora em 1995 hoje ataca Lula e acusa o STF. Uol Notícias, 12 de out. de 2022. Disponível em:
<<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/12/com-acusacoes-ao-tse-bispo-que-chutou-nossa-senhora-ataca-lula-nas-redes.htm>>.

BITUN, R.. **Igreja Mundial do Poder de Deus Rupturas e Continuidades no Movimento Pentecostal.** Revista Estudos de Religião, v. 23, n. 36, p. 61-79, 2009.

BOITO JÚNIOR, A.. **O Caminho Brasileiro para o Fascismo.** Caderno CRH, Salvador, v. 34, p. 1-23, 2021.

BOLTANSKI, L.; CHIAPELLO, E. **The New Spirit of Capitalism.** London: Verso, 2007.

BOWLER, Kate. **Blessed: A History of the American Prosperity Gospel.** Oxford: Oxford University Press, 2018.

BRAGA, Danilo Fiani. **Pentecostalismo e Política: uma geografia eleitoral dos políticos ligados à Igreja Universal do Reino de Deus no município do Rio de Janeiro – 2000 a 2006.** Dissertação de Mestrado do PPGG da UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

BRESSER-PEREIRA, L. C.. **Desenvolvimento e Crise no Brasil: história, economia e política de Vargas a Lula.** São Paulo: Editora 34, 2003.

BROWN, W.. **Nas Ruínas do Neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente.** São Paulo : Editora Filosófica Politeia, 2019.

BURKE, P.. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. **Vida precária: os poderes do luto e da violência.** Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CAMPBELL, C. **A Ética Romântica e o Espírito do Consumismo Moderno.** Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

CAMPOS, L. S.. **Templo, Teatro e Mercado: organização e marketing de um empreendimento neopentecostal.** Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Tensões Entre a Escrita Hagiográfica e a Historiográfica:** uma análise à luz da biografia e autobiografia do bispo Edir Macedo - o primeiro triênio da História da Igreja Universal do Reino de Deus. In: MOURA, C.A. S. [et al.] (Org.). História, Narrativas e Religiões: diálogos sob o olhar da cultura. Recife: Editora EDUPE, 2018.

CAMPOS, S. M.. **O Sacrifício Encantado:** percepções, ritualidades e identidade na Igreja Universal do Reino de Deus. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

CAMPOS JÚNIOR, L. C.. **O Sagrado e a Violência:** o fundamentalismo e sua influência no neopentecostalismo: reflexões e riscos no contexto Religioso Brasileiro. Brazilian Journal of Development, Curitiba, v.7, n.6, p.58214-58233, 2021.

CASAQUI, V. **Apontamentos para o Estudo da Cultura da Inspiração:** Produção de Narrativas e o Ideário da Sociedade Empreendedora. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação e Consumo: Cultura Empreendedora e Espaço Biográfico, do 5º Encontro de GTs - Comunicon, 2015.

_____. **Abordagem crítica da cultura da inspiração:** produção de narrativas e o ideário da sociedade empreendedora. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, Brasília, v. 20, n.2, 2017.

_____. **A Inspiração como Forma Comunicacional do Capitalismo “Cool”.** Trabalho apresentado no GP Publicidade e Propaganda do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – São Paulo, 2016.

CASTORIADIS, Cornelius. **As Encruzilhadas do Labirinto, III:** o mundo fragmentado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

CERQUEIRA, C.. **A Igreja como Partido:** a relação entre a Igreja Universal do Reino de Deus e o Republicanos. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 36, n. 107, 2021.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural:** entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 1990.

COELHO, A. S.. **Possibilidades de abordagem da relação “capitalismo e religião”.** PLURA, Revista de Estudos de Religião, v. 9, nº 2, p. 219-240, 2018.

COSTA, O. B. R.. **Mais que vencedores:** as dinâmicas socioeconômicas nas/das igrejas neopentecostais. Revista Videre, Dourados, v. 12, n. 23, p. 271-285, 2020.

CUNHA, C. V.. **As Assembleias de Deus e a Igreja Universal do Reino de Deus em foco**. In: CUNHA, C. V.; LOPES, P. V. L. (Org.). *Religião e política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2012.

CUNHA, M. N.. **Religiosidade Midiática e os Novos Paradigmas de Cristianismo e de Culto em Tempos de Cultura Gospel**. In: DIAS, Z. M.; PORTELLA, R.; RODRIGUES, E.. *Protestantes, Evangélicos e (Neo)pentecostais: história, teologias, igrejas e perspectivas*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.

DADALTO, Maria Cristina; PAVESI, Patricia Pereira. **Entre a Etnografia e a História Oral: uma proposta empírica etnobiográfica**. *Revista del CESLA*, n.º. 22, p. 227-246, 2018.

DEBORD, G. **Sociedade do Espetáculo**. Livro Virtual do Projeto Periferia, 2003. <Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2.ed. trad. Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DE PAULA, T. F.. **As eleições entre o bem e o mal: uma análise comparada entre os discursos da Igreja Universal e de Jair Bolsonaro sobre a moralidade pública no pleito de 2018**. *Revista Sacrilégens, Juiz de Fora*, v. 19, n. 1, p. 82-107, 2022.

DIAS, J. C. T.; CAMPOS, Z. D. P.. **O Discurso de Intolerância da Igreja Universal do Reino de Deus: uma análise do livro Orixás, Caboclos e Guias**. *Revista Fragmentos de Cultura, Goiânia*, v. 22, n. 4, p. 355-365, 2012.

DUARTE, M. F.. **A Teologia da Prosperidade e as representações acerca do Diabo no Neopentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus: uma conexão necessária**. *Religare*, v.16, n.1, p.282-305, 2019.

El pastor de Bolsonaro celebra un acto multitudinario en Madrid con sanaciones milagrosas y Biblias a 50 euros. *El País*, 21 de fev. de 2023.

Disponível em:

<<https://elpais.com/espana/madrid/2023-02-21/el-pastor-de-bolsonaro-celebra-un-acto-multitudinario-en-madrid-con-sanaciones-milagrosas-y-biblias-a-50-euros.html>>.

ESQUINSANI, Rosimar Serena Siqueira. **Entre percursos, fontes e sujeitos: pesquisa em educação e uso da história oral**. *Educação e Pesquisa*, v. 38, n. 1, 2012.

FIGUEIREDO, C. D. de. **O Espírito Empreendedor na Igreja Universal do Reino de Deus: as representações sociais sobre o empreendedorismo**. Dissertação de

Mestrado do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

Folha de S.Paulo X Igreja Universal do Reino de Deus. Migalhas, 27 de fev. de 2008. Disponível em:

<<https://www.migalhas.com.br/quentes/55156/folha-de-s-paulo-x-igreja-universal-do-reino-de-deus>>.

FOLHA UNIVERSAL. Comecei a pensar em morar na rua e esperar a morte chegar. Ed. 27 de novembro de 2022. Disponível em: <<https://www.universal.org/noticias/post/comecei-a-pensar-em-morar-na-rua-e-esperar-a-morte-chegar/>>

FOUCAULT, M.. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder.** Tradução e organização Roberto Machado. 28. ed. São Paulo: Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREITAS, H. G. **Pastor Espetacular:** a imagem do pastor na sociedade midiática. Revista Teológica Discente da Metodista, v.2, n.2, p. 225-236, 2014

FRESTON, Paul. **Protestantes e política no Brasil:** da Constituinte ao impeachment. Tese de Doutorado, Campinas, IFCH-Unicamp, 1993.

GOMES, E.. **A Era das Catedrais:** a autenticidade em exibição. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

GREGOLIN, M. R. V.. **A Análise do Discurso:** conceitos e aplicações. Revista Alfa, São Paulo, p. 13-21,1995.

GRIGOLI, J. J.; CASSOLI, A. T.. **Religião, Tevê e Voto:** a força política do carisma institucional iurdiano. Revista Eletrônica de Pós-graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 9, n. 1, p. 57-73, 2012.

HANASHIRO, W. U.. **A Igreja Universal do Reino de Deus e a Teatralização da sua Batalha Espiritual:** uma construção etnográfica da sessão espiritual do descarrego. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2013.

Hidroxicloroquina: Por que tanta censura em torno de uma medicação? Folha Universal On-line, 09 de ago. de 2020, Disponível em:

<<https://www.universal.org/noticias/post/hidroxicloroquina-por-que-tamanho-censura-em-torno-de-uma-medicacao/>>.

IGREJA UNIVERSAL. **Câncer, até hoje procuram.** YouTube, 15 de nov. de 2019.

Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=DhT18TFX5Rw> >.

IGREJA UNIVERSAL. **Ela tinha o Pacto com as Trevas.** YouTube, 14 de set. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fP2De1x8PMc>>.

IGREJA UNIVERSAL. **Ela tinha Relações Sexuais com Encostos.** YouTube, 26 de mar. de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wDMwj-zUnNs>>.

IGREJA UNIVERSAL. **Thays: "Eu virei as costas para Deus e fui servir os encostos!"**. YouTube, 2 de dez. de 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Rf7zKaAPchw>>.

Intimidação e má-fé. Caderno da Cidadania, Jornal de Debates, 19 de fev. de 2008. Disponível em: <

<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/educacao-e-cidadania/caderno-da-cidadania/intimidacao-e-mafe/> >.

Jornal espanhol critica evento da Universal em Madri com bíblia a 50 euros. Uol Notícias, 22 de fev. de 2022. Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/02/22/jornal-chama-edir-macedo-de-pastor-de-bolsonaro-que-vende-biblia-a-50-euros.htm>>.

KNAUSS, P.. **O desafio de fazer História com imagens:** arte e cultura visual. ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, 2006.

KREHER, R.; GUARESCHI, N. M. F.. **Ou caminha com Deus ou dança com o Diabo:** igrejas neopentecostais e o dispositivo da sexualidade. Revista Desidades, n. 17, p. 23-34, 2017.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura:** um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LEITE, M. S. T.. **Força Jovem Universal: estratégias para a juventude da IURD.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

LEMOS, C. S.. **Teologia da Prosperidade e sua Expansão pelo Mundo.** Revista Eletrônica Espaço Teológico, v.11, n. 20, p. 80-96, 2017.

LIMA, D. N. O. **"Trabalho", "mudança de vida" e "prosperidade" entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus.** Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, v. 27(1), p. 132-155, 2007.

LISPECTOR, C. **Todos os Contos.** Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2016.

MACEDO, E.. **Orixás, Caboclos e Guias: Deuses ou Demônios?.** Rio de Janeiro: Universal, 1993.

MAFRA, C.; SWATOWISKI, C.; SAMPAIO, C.. **O Projeto Pastoral de Edir Macedo: uma igreja benevolente para indivíduos ambiciosos?.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 27, n. 78, p. 81-96, 2012.

MAGALHÃES, A. C. M.; BRANDÃO, E.. **O Diabo na Arte e no Imaginário Ocidental.** In: MAGALHÃES, A. C. M., et al. (org). O demoníaco na literatura [online]. Campina Grande: EDUEPB, p. 277-290, 2012.

MAINGUENEAU, D.. **Temas-chave da análise do discurso.** Belo Horizonte: UFMG, 1998.

_____. **Novas Tendências em Análise do Discurso.** Campinas: Pontes – Ed. da Unicamp, 1997.

MARCELINO, J. G. C.. **O Mal no Imaginário Social: a instituição da imagem do Diabo.** Revista Científica da FASETE, p. 34-41, 2016.

MARIANO, R.; GERARDI, D. A.. **Apoio Evangélico e Bolsonaro: antipetismo e sacralização da direita.** In: GUADALUPE, J. L. P.; CARRANZA, B. (Org.). Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

MARIANO, R.. **Guerra Espiritual: o protagonismo do Diabo nos cultos neopentecostais.** Debates do NER, Porto Alegre, n. 4, p. 21-34, 2003.

_____. **Neopentecostais, Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. Loyola (5ª ed.), 2014.

_____. **Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos.** Revista de Estudos da Religião, p. 68-95, 2008.

_____. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** São Paulo: Loyola, 1999.

MARTINO, L. M. S.. **A Religião Mediatizada nas Fronteiras entre Público e Privado: uma abordagem teórico-crítica.** Revista C-Lenda, n. 26, p. 111-122, 2012.

MARTINS, E. F. M.. **A incorporação da pandemia na retórica da Igreja Universal do Reino de Deus.** Revista Calidoscópico, v. 19, n. 1, 2021.

MATTOS, Luísa Karam de.; FLACH, Leonardo. **Perspectivas e Caminhos para o Uso dos Métodos de Etnografia e História Oral nas Pesquisas sobre Gestão do Ensino Superior.** Revista Eletrônica de Administração (Online), v. 18, n.1, ed. 34, 2019.

McGRANAHAN, C. **Ethnography.** In: CALLAN, H. (ed.). The international encyclopedia of anthropology. Hoboken: John Wiley & Sons, 2018.

MENDONÇA, A. G.. **O Protestantismo no Brasil e suas Encruzilhadas.** In: PEREIRA, J. B. B. (org.). Religiosidade no Brasil. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MONTENEGRO, A. T.. **História e memória: combates pela história.** História Oral, v. 10, n. 1, p. 27-42, 2007.

MORAES, G. L.. **Neopentecostalismo - um conceito-obstáculo na compreensão do subcampo religioso pentecostal brasileiro.** Revista de Estudos da Religião, p. 1-19, 2010.

NASCIMENTO; A. K.; FERREIRA, N. C.; COUTO, E. L.. **O Discurso Religioso Cristão: uma análise dos efeitos de sentido construídos pela vertente católica.** Presidente Prudente, Encontro de Iniciação Científica, p. 1-21, 2013.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. **Carreiras homossexuais e pentecostalismo: uma análise de biografias.** Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Instituto de Medicina Social/UERJ, 2003.

NETO, R. B.. **Historiografia, diversidade e História Oral: questões metodológicas.** In: MONTENEGRO, Antônio Torres (org.). História Oral: desigualdades e diferenças. Recife: UFPE; Florianópolis: UFSC, 2012.

OLIVEIRA, C. D. M; *et al.* **As organizações religiosas brasileiras frente à pandemia de Covid-19.** Journal of Latin American Geography, 19(3), p. 272-279, 2020.

OLIVEIRA JÚNIOR, H. R.. **Igreja Universal do Reino de Deus: Peculiaridades do seu sincretismo e suas consequências para o campo religioso brasileiro.** Plura, Revista de Estudos de Religião, v. 5, nº 2, p. 66-93, 2014.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A Linguagem e seu Funcionamento.** 2a ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORO, A. P.. **A Demonologia da Igreja Universal do Reino de Deus.** Debates do NER, Porto Alegre, n. 7, p. 135-146, 2005.

_____. **A Igreja Universal e a Política.** In: BURITY, J. A.; MACHADO, M. D. C.. Os Votos de Deus: evangélicos, política e eleições no Brasil. Recife: Editora Massangana, 2006.

PANCEIRO, R.. **Segredos do Altar.** Rio de Janeiro: Universal Produções, 2002.

PATRIOTA, K. R. M. P.; TURTON, A. N.. **Memória Discursiva: sentidos e significações nos discursos religiosos da TV.** Ciências & Cognição, v. 01, p. 13-21, 2004.

PATRIOTA, K. R. M. P.. **O show da fé: A religião na Sociedade do Espetáculo.** Tese de Doutorado em Sociologia do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, Recife, 2008.

_____. **Um Show Destinado às Massas: uma reflexão sobre o entretenimento religioso na esfera midiática.** São Cristóvão, Revista Tomo, n. 14, p. 181-202, 2009.

PÊCHEUX, M. **Apresentação da Análise Automática do Discurso.** In: GADET, F., HAK, H. Por uma análise automática do discurso (Uma introdução à obra de Michel Pêcheux). Campinas: Pontes, 1990.

PEREIRA, P. A. P.. **Utopias desenvolvimentistas e política social no Brasil.** Revista Serviço Social & Sociedade., São Paulo, n. 112, p. 729-753, 2012.

PETERS, J. L. **A História das Religiões no Contexto da História Cultural.** Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História - UFJF, v. 1, n. 1, p. 87-104, 2015.

PIRES, F. F.; JESUS, R. O. S. S.. **Do Brasil para o Mundo: como conceitos clássicos weberianos podem nos ajudar a entender o sucesso transnacional da Igreja Mundial do Poder de Deus?.** Ciências da Religião: história e sociedade, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 137-167, 2014.

PRANDI, R.; SANTOS, R. W.; BONATO, M.. **Igrejas Evangélicas como Máquinas Eleitorais no Brasil.** Revista USP, São Paulo, n. 120, p. 43-60, 2019.

PROENÇA, W. de L.. **Conversão do olhar**: contribuições da história cultural para análise do campo religioso brasileiro contemporâneo. Revista Brasileira De História Das Religiões, v. 1, n.2, 2008.

_____. **Sindicato de Mágicos**: uma história cultural da Igreja Universal do Reino de Deus (1977-2006). Tese de Doutorado em História da Faculdade de Ciência e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2006.

Qual é o (real) desejo de Lula para o Brasil? Folha Universal On-line, 19 de jan. de 2022. Disponível em:

<<https://www.universal.org/noticias/post/qual-e-o-real-desejo-de-lula-para-o-brasil/>>.

QUINTELA, D. F.. **A Direita Bolsonaroista**: neoliberalismo, neoconservadorismo e a instrumentalização política da “família”. Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS, p. 1-25, 2020.

QUITÉRIO, M. N. L.. **Uma Releitura da Teologia da Prosperidade no Pentecostalismo**: contribuições sociais positivas de um ensino teológico. Diversidade Religiosa, João Pessoa, v. 9, n. 1, p. 73-93, 2019.

REFKALEFSKY, Eduardo. **Comunicação e marketing religioso**: definições conceituais. INTERCOM, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **Diários Índios**. São Paulo, Cia das Letras, 2006.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C.. **Etnografia**: saberes e práticas. In: PINTO, R. J.; GUAZZELLI, C. A. B.. Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

RODRIGUES, E. G. B. **Pedagogias de um “Amor Inteligente”**: empreendedorismo e racionalização dos afetos na Escola do Amor da Igreja Universal do Reino de Deus. Dissertação de Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, Recife, 2015.

RODRIGUES, K. **Teologia da Prosperidade, sagrado e mercado**: Um estudo sobre a Igreja Universal do Reino de Deus em Caruaru – PE. São Paulo: edições ABHR: Edições FAFICA – Coleção Religião e Academia, 2003.

RODRIGUES, K. **Teologia da Prosperidade, sagrado e mercado**: Um estudo sobre a Igreja Universal do Reino de Deus em Caruaru – PE. São Paulo: edições ABHR: Edições FAFICA – Coleção Religião e Academia, 2003.

ROUSSO, Henry. **La hantise du passé**. Entretien avec Philippe Petit, les Editions. Textuel, 1998.

SALGADO, J.; SANTOS, L. de P. **Usos da “fé inteligente”**: a hermenêutica empreendedora da lurd. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, , v. 15, n. 43, p. 346-365, 2018.

SALINAS, J. Daniel (ed.). **Prosperity Theology and the Gospel: Good News or Bad News for the Poor?**. Peabody, MA: Hendrickson, p. 66-76, 2017.

SAMPAIO, C. A. M.. **“Remido pelo Espírito”, no comando da vida**: trajetórias de líderes pentecostais em uma favela carioca. Orientadora: Clara Mafra. 2007. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SANTOS, A. M.; VILAÇA, H.. **Religião e neoliberalismo**: a perspectiva da Igreja Universal do Reino de Deus sobre a crise financeira portuguesa e a política de austeridade (2010-2012). Revista Rever, São Paulo, v. 22, n. 1, 2022.

Se a união faz a força, a ação faz mais ainda. Edição 1471 da Folha Universal, 21 de jun. de 2020. Disponível em: <

<https://www.universal.org/noticias/post/se-a-uniao-faz-a-forca-a-acao-faz-mais-ainda/>
>.

SILVA, A. R. C.; MANCINI, S.. **A Abordagem Histórica nos Estudos de Religião**: ambiguidades estruturais e desafios contemporâneos. Reflexão, Campinas, v. 42, n. 2, p. 145-152, 2017.

SILVA, E. M.. **Entre Religião, Cultura e História**: a escola italiana das religiões. Revista de Ciências Humanas, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 225-234, 2011.

SILVA, E. M.. **Religião: da fenomenologia à História**. In. _____; BELLOTTI, Karina Kosicki; CAMPOS, Leonildo Silveira (Org.). Religião e Sociedade na América Latina. São Bernardo do Campo: Editora Umesp, p. 11 – 15, 2010.

SILVA, O. R. N.. **A Igreja Midiática**: uma análise da Igreja Universal do Reino de Deus on-line. Revista Temática, n. 4, 2012.

SOUZA, A. R.; ABUMANSUR, E. S.; JÚNIOR, J. L.. **Percursos do Diabo e seus papéis nas igrejas neopentecostais**. Horiz. antropol., Porto Alegre, n. 53, p. 385-410, 2019.

SOUZA, E. C. B.. **A Imagem do Diabo nos Livros de Edir Macedo da Igreja Universal do Reino de Deus**. Dissertação de Mestrado em História do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná - UFPR, Paraná, 2000.

TASSO, R. D.. **Revisitando o Papel da História na Análise do Discurso**. Florianópolis, Anais do 6º Encontro Celsul - Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul, p. 1-7, 2004.

TOLEDO, C. A. A.; CAZAVECHIA, W. R.. **As Formas de Adaptabilidade do Neopentecostalismo Brasileiro à Mídia**. Revista Brasileira de História das Religiões, n. 39, p. 143-164, 2021.

TORRES, R.. **O Neopentecostalismo e o Novo Espírito do Capitalismo na Modernidade Periférica**. Perspectivas, São Paulo, v. 32, p. 85-125, 2007.

TURETA, César; ALCADIPANI, Rafael. **Entre o observador e o integrante da escola de samba: os não-humanos e as transformações durante uma pesquisa de campo**. Revista de Administração Contemporânea, v. 15, n. 2, 2011.

WEBER, M. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

ANEXO A - DIÁRIO DE CAMPO

Endereço: Avenida Cruz Cabugá, 141 - Santo Amaro, Recife - Pernambuco - 50040000 - Brasil.

□ **Dia 22/04/2019- 19:40:**

(Final do Culto das 19:00)

- Pregação do pastor sobre o perigo da quebra com o pacto, isto é, com a Igreja; Bíblia e com Deus;
- Salientou a obrigatoriedade de não dividir a fé, pois só se pode servir a um Deus;
- Falou sobre a importância de se dar o dízimo à Igreja;
- Mulher por telefone relata sua experiência trágica de quebra com o pacto, pois depois disso tudo em sua vida começou a dar errado. Contudo, com o retorno à Igreja tudo voltou a prosperar;

Testemunhos:

- 1) A partir do momento em que ela realizou o pacto as portas em sua vida se abriram (MULHER, 25-30 ANOS);
- 2) Quebrou o pacto e tudo começou a dar errado, principalmente do ponto de vista financeiro, mas quando foi em Israel (terra santa) o dinheiro começou a entrar na conta (HOMEM, 40-45 ANOS);
- 3) Tinha quebrado o pacto e sua mãe passava por problemas no âmbito jurídico que pareciam não andar com os processos. Quando retornou à Igreja e foi fiel à Bíblia a causa judicial de sua mãe rapidamente foi resolvida (MULHER, 34-38 ANOS);
- 4) Com a realização do pacto sua empresa prosperou (HOMEM, 28-32 ANOS);
- 5) Tinha um salário extremamente baixo que mal dava para o seu sustendo. Quando entrou na Igreja conseguiu abrir e ser dono do próprio negócio como

imobiliário -de grande porte- (HOMEM, 45-50 ANOS);

- **Música:** “Eu vou passar por cima”

(com coreografia conhecida pela maioria dos fiéis)

- 7 Erros para não ter uma vida próspera:

Hebreus 10:36

Esse dia era o erro da **desistência**

- Vídeo contando a história de Abraham **Lincoln** que ilustra a quantidade de vezes que ele se candidatou para diversos cargos e não conseguiu vencer as eleições. Isso porque, segundo o pastor, o mais alto cargo (de presidente da república) o esperava. Contudo isso apenas foi possível com a **persistência**.

- O pastor afirmou: “Deus não te quer, necessariamente, empregado. Você pode ser dono do próprio negócio” .

- O pastor disse que todos do público tinham mentes brilhantes e pediu para que batessem na cabeça com suas bíblias ou mãos para o demônio sair;

- O Pastor (HOMEM, 34-39 ANOS) falou sobre o desastre na **Catedral de Notre Dame**, afirmando que minutos após o incêndio já tinham bilionários doando para a reconstrução da catedral. No entanto, questionou a função da catedral e atribuiu apenas como um local “velho” que era “apenas de uma arquitetura bonita” e pessoas “ostentam tirando fotos”. Ele atribuiu a mesma responsabilidade financeira ao fiel da universal, elucidando o fato de que era conhecido o grande trabalho e função da Igreja e que muitas vezes se pede o dízimo e as pessoas acham muito, mas temos que ser como esses bilionários e só servia se fosse a Universal;

-Distribuíram 70 envelopes para dar dízimo na próxima segunda; “Pega notas de 50/100, amassadas não” (PASTOR) – recolhendo dízimo;

-**Música:** “Tá Derrotado”

(As pessoas também sabiam a coreografia e, em ritmo de forró, alguns fiéis começaram a dançar. Na hora do refrão era um movimento de reprovação – polegar

para baixo-);

- O final do Culto foi marcado pela porta que todos os fiéis começaram a passar para serem abençoados;

- Explicaram que havia um cartão do pacto que se fosse 3 vezes ganhava uma bíblia gratuitamente. Um carimbo a cada culto.

□ **Dia 22/04/2019- 21:00:**

- Culpou o diabo pelo fracasso das pessoas (PASTOR, 37-43 ANOS);

- Desceu do altar e começou, junto aos demais obreiros, e começou a “retirar” o espírito ruim (do fracasso) pondo as mãos nas cabeças dos fiéis e dizendo “sai...”;

-Falou da importância do dízimo não somente para pessoa física, mas também para a pessoa jurídica que quer prosperar;

Rito: Todos subimos ao altar, depositaram o dízimos em uma sacola e os obreiros passaram azeite de oliva em nossas mãos (um ponto em cada);

Testemunhos:

1) Disse que deu 1.100 reais de dízimo para a Igreja e que junto ao pacto conseguiu prosperar e virou empreendedor (HOMEM, 24-27 ANOS);

2) Não era dizimista, passou a ser e a vida começou a dar certo (HOMEM, 50- 55 ANOS);

- O pastor aproveitou para se utilizar das falas e reiterou a importância do altar para prosperar, visto que a uma demonstração de fé;

-Também disse sobre a importância de se dar o testemunho (provação de fé);

-Falou sobre Albert Einstein- “mente brilhante e olhe que não teve acesso ao altar”. “Imagine só então o que cada um de vocês pode fazer”;

-“Deus quer investir em cada um de vocês”

- Final do culto todos passaram pela porta;

□ **Dia 06/05/2019- 20:00:**

- Entregaram folhetos que eram “Cartas de Alforria”, pois o pastor disse que o fim da escravidão foi recente, mas ainda somos escravos. O objetivo era contar do que a pessoa se libertou através da Igreja e entregar no dia 08 de maio;

- O Pastor (HOMEM, 34-39 ANOS) contou uma história:

Um homem de família foi à Igreja e o pastor disse que alguém de sua casa estava Jesus. No entanto, ele não sabia como porque ele era “bebum”; a sogra quase o “satanás”, o “tinhoso de tão ruim”; o filho “maconheiro”; a mulher “só vivia fora de casa, não limpava casa, não cozinhava, não fazia nada”; o filho mais novo sugeriu ser a avó (sogra). Ele não acreditou muito no começo, mas decidiu começar a tratá-la bem e com isso ela começou a ficar feliz e tudo na família começou a ficar bem também. O filho “largou as más companhias”; a mulher “começou a tratar bem o marido e começou a fazer as coisas em casa” e ele deixou de beber. Depois disso o homem volta para o pastor e diz que realmente Jesus estava em casa, mas na verdade em todos eles;

O pastor pediu para levantarmos a bíblia e “expulsou” os demônios ruins;

-Música: “Faz um milagre em mim”;

- O pastor disse depois: “Faça uma promessa com Jesus, doa 1000 reais ao menos esse mês, o maior mês que é maio e você terá um retorno”;

□ **Dia 06/05/2019 - 21:00:**

-Pastor mandou todos se levantarem e darem uma volta pela Igreja, ele na frente falando que nós, em tom de oração, libertasse-nos da humilhação; do fracasso e todas as mazelas causadas pelo diabo;

- Pastor disse que o diabo impõe a escravização na dívida, a exemplo de agiotas;

- O dízimo foi solicitado começando por 3 mil; depois 2 mil; depois 1 mil; 500 reais; 100; 50; 20...

-Razões para não prosperar:

Esse dia foi: **Comodismo**

-Pastor disse que mulher não gosta de homem acomodado. Por exemplo, nas férias ela inventa coisas para o marido fazer onde não tem, como trocar a lâmpada do jardim;

-“Ninguém gosta de gente que só reclama, do governo, da gasolina...” (PASTOR, 37-43 ANOS);

- ERRO: Falta de Direção

- É não ter rumo/objetivo. Isso leva ao fracasso.

- “Quem compra compulsivamente não deve andar com o cartão ou dinheiro”;

- “Não tem problema de começar de baixo, como carro popular ou uma casa pequena. Deus reserva algo grande para você”;

- 1 Samuel 30:7,8

OBSERVAÇÕES:

1) Controle do Tempo:

A) Música Integrada à pregação;

B) Retórica pastoral interativa com o público;

C) Movimento Corporal (coreografias, fiéis levantando e sentando; saídas até o altar etc);

D) Interação com recursos visuais (slides, vídeos);

E) Ritualística (Porta, azeite na mão, doações).

Endereço: Rua Hipólito Ribeiro Soares, 167 - Centro, São Raimundo Nonato - PI, 64770-000.

☐ Dia 13 de julho de 2023 - 19h:

- O pastor (HOMEM, 37-42 ANOS) convocou os fiéis a se aproximarem do altar para que ele fizesse uma oração para expulsar os espíritos malignos das pessoas;

- Ele atribuiu os males relacionados a problemas financeiros, de saúde ou de qualquer outra natureza aos espíritos ruins;
- Os fiéis ficaram com as mãos na cabeça para receberem as bênçãos do pastor e das obreiras;
- Número baixo de pessoas: olhar mais individualizado a cada fiel;
- Uma mulher movimentou o corpo como se estivesse possuída por algum espírito;
- Todas eram obreiras, isto é, do sexo feminino. O público também era de maioria feminina e aparentava ter idade superior a 40 anos;
- O pastor encerrou esse momento, afirmando que adora desafiar o Diabo. Afirmou a importância da presença das pessoas na igreja todos os dias e não apenas em um, visto que o diferencial da IURD quando comparada às outras instituições é que tem um dia de culto destinado a cada causa dos fiéis;
- O líder iurdiano afirmou que há 10 anos não tinha violência, drogas e facções no Piauí, mas que hoje está se tornando comum graças ao Diabo que está espalhando esses fatores negativos;
- Culto especializado na família;
- Fez uma oração pedindo para que Deus se manifestasse para melhorar a vida das pessoas da Igreja;
- Convocou os fiéis para se dirigirem ao altar para colocar o dízimo;
- Momento com louvores;

- O pastor falou que estava no Facebook em um determinado dia e viu as pessoas criticando um padre porque falou mal das relações homoafetivas na igreja. Afirmou que essa é uma verdade bíblica;
- Lista de prioridades, afirmando que primeiro deve ser Deus, segundo o casamento e em terceiro lugar a família;
- Música “Perto de Ti”;
- Informes sobre os cultos dos próximos dias, inclusive do domingo, quando o pastor afirmou que haveria uma ação depois com corte de cabelo, escova, acompanhamento com enfermeira e dentre outros serviços gratuitos para a comunidade;
- Tela muito pequena para reproduzir audiovisual, testemunhos etc na Igreja.

Endereço: Avenida Engenheiro Santana Jr., 784 - Papicu, Fortaleza - CE, 60175-652.

☐ Dia 18 de outubro de 2023 - 19h:

- O pastor (HOMEM, 40-44 ANOS) discursou apontando que o Diabo está em nosso território, sempre vigilante para entrar e afirmou que damos brecha quando achamos que não precisa ir à igreja em um determinado dia;
- Buscar Deus pela internet não suficiente;
- Ao final do culto, pediu para que os fiéis fizessem oferta para que fosse possível salvar mais almas pela rádio e pela TV;
- Apelo para fiéis acompanharem versão única das ideias religiosas;
- O Diabo é perseverante. Assistir futebol é pecado;

- Vídeo “Ladrão na Noite”;

- O ambiente estava cheio, mas ainda tinham alguns espaços vazios. O público era heterogêneo, equilibrado entre homens e mulheres, mas a maioria aparentava ter acima dos 35 anos.

☐ **Dia 09 de outubro de 2023:**

- Culto voltado à prosperidade;

- O pastor iniciou falando sobre o socorro financeiro em relação às possíveis dívidas que as pessoas ali presentes;

- Incitados pelo pastor, todos levantaram objetos que queria quitar a dívida;

- Muitos levantaram a carteira ou o celular;

- O pastor afirmou ser necessária a unção com óleo desses objetos e reforçou que apesar da prosperidade ser difícil e demorada, é necessário confiar e ser obediente a Deus;

- Momento de louvor com música;

- As pessoas levaram as mãos ao alto e balançaram o corpo no ritmo da canção;

- O pastor pediu para que as pessoas fossem perto da arca gritar que estavam derrubando as muralhas da dívida, do fracasso, da humilhação etc;

- Corrente de 13 semanas;

- O pastor ainda reforçou a importância das ofertas também realizadas para proteger as famílias. Uso de um lenço para unção;

- Discurso sobre a responsabilidade do fiel pagar o dízimo e realizar ofertas.